

ANGELA BINDA



A INDIFERENÇA E O SOL

...

*MEURSAULT, O HERÓI ABSURDO EM
O ESTRANGEIRO DE ALBERT CAMUS*



 **EDUFES**



**A INDIFERENÇA
E O SOL**

• • •

*MEURSAULT, O HERÓI ABSURDO EM
O ESTRANGEIRO DE ALBERT CAMUS*

Editora filiada à Associação Brasileira das Editoras Universitárias (Abeu)
Av. Fernando Ferrari · 514 · Campus de Goiabeiras
CEP 29 075 910 · Vitória – Espírito Santo, Brasil
Tel.: +55 (27) 4009-7852 · E-mail: edufes@ufes.br
www.edufes.ufes.br

Reitor | Reinaldo Centoducatte
Vice-Reitora | Maria Aparecida Santos Corrêa Barreto
Superintendente de Cultura e Comunicação | Ruth de Cássia dos Reis
Secretário de Cultura | Orlando Lopes Albertino
Coordenador da Edufes | Washington Romão dos Santos

Conselho Editorial

Cleonara Maria Schwartz, Eneida Maria Souza Mendonça, Giancarlo Guizzardi, Gilvan Ventura da Silva, Glícia Vieira dos Santos, José Armínio Ferreira, Maria Helena Costa Amorim, Sandra Soares Della Fonte, Wilberth Claython Ferreira Salgueiro.

Comitê Científico de Letras

Antônio Pires, Evando Nascimento, Flávio Carneiro, Goiandira Camargo, Jaime Ginzburg, Luiz Carlos Simon, Marcelo Paiva de Souza, Márcio Seligmann-Silva, Marcus Vinicius de Freitas, Marília Rothier, Paulo Roberto Sodré, Rosani Umbach.

Revisão de Texto | Fernanda Scopel Falcão
Projeto Gráfico e Diagramação | Izabelly Possatto
Capa | Izabelly Possatto e Willi Piske Jr.
Foto de Capa | Adriano Gonçalves
Foto da Autora | Jorge Conopca
Revisão Final | Angela Binda

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

S586i Silva, Angela Regina Binda da, 1981-
A indiferença e o sol : Meursault, o herói absurdo em O Estrangeiro
de Albert Camus / Angela Binda. - Vitória : EDUFES, 2013.
168 p. ; 21 cm

Inclui bibliografia.
ISBN: 978-85-7772-136-8

1. Camus, Albert, 1913-1960 - Crítica e interpretação. 2. Absurdo na literatura. 3. Ficção francesa - História e crítica. I. Título.

ANGELA BINDA



A **INDIFERENÇA**
E O **SOL**

• • •

*MEURSAULT, O HERÓI ABSURDO EM
O ESTRANGEIRO DE ALBERT CAMUS*



EDUFES

Vitória, 2013

Para Artur e Gil que me
acompanharam com o amor
e o silêncio necessários
enquanto eu pesquisava.

Entrego a obra feita, fica a memória de tudo o que foi lido e relido, escrito e reescrito, sabido quase de cor. De cor, palavra que vem de coração. Tão do coração, que me apanho a escrever como o autor, misturando as ideias com o estilo e reparando que por vezes já não sei se estou a citar ou salmodear, tão grande foi a empatia sentida e consentida.

Hélder Ribeiro

APRESENTAÇÃO	11
POR QUE ESTUDAR CAMUS?	15
CAMUS: FATOS DE UMA VIDA CORRELATA ÀS SUAS OBRAS	26
CONSIDERAÇÕES SOBRE NILISMO E ABSURDO	49
MEURSAULT: UM ESTRANGEIRO AO MUNDO QUE O RODEIA	66
FIM DO EQUILÍBRIO: ASPECTOS DO ABSURDO NO ASSASSINATO, JULGAMENTO E CONDENAÇÃO DE MEURSAULT	85
A REVOLTA COMO EVASÃO AO ABSURDO	118
A SIMPLICIDADE DO ESTILO: LINGUAGEM E NARRATIVA EM <i>L'ÉTRANGER</i>	129
CONSIDERAÇÕES FINAIS	157
REFERÊNCIAS	162

Em 1999, numa enquete promovida pelo jornal Folha de São Paulo, entre estudiosos brasileiros de literatura, o romance *O estrangeiro*, de Albert Camus, foi indicado como o 13º entre os 100 melhores romances do século XX, ficando próximo de obras de Joyce, Proust, Kafka, Mann, Rosa, Faulkner, Musil, Broch. A despeito de quaisquer controvérsias que tais listas suscitem, o fato é que a enquete confirma o lugar de altíssimo prestígio que a narrativa de Camus conquistou, desde sua publicação, em plena guerra, no ano de 1942.

Década após década, a história de Meursault vem ganhando novos leitores, novos críticos, que se seduzem pela trama, trágica, de nosso anti-herói, ou “herói absurdo”, como prefere Angela Binda. E tem toda razão a ensaísta, que se dedicou, a um tempo, com paixão e lucidez, a entender a incrível vida desse personagem, funcionário de um escritório, de frente para o mar, em Argel. Angela começa seu estudo – após epígrafe em que Italo Calvino diz que clássicos são livros que estamos sempre “relendo”, não “len-

do” – com duas perguntas: “Por que as obras de Camus impressionam tanto seus leitores? Por que, mesmo com o passar do tempo, elas são fontes de pesquisas para tantos estudiosos?”. Com clareza e argúcia, Angela compartilha com seus leitores os motivos de tamanho fascínio.

Para tanto, a autora vai esquadrinhar o romance, investigá-lo de ângulos os mais distintos, virá-lo de ponta-cabeça. Não vai se furtar, inclusive, a trazer informações de caráter biográfico do autor de O mito de Sísifo, Os justos, Calígula, Estado de sítio, A queda – obras que, com O estrangeiro, contribuíram para que levasse o Nobel de literatura em 1957. De O homem revoltado, Angela pinça um trecho que diz bem das complexas relações entre criador e criaturas: “Um personagem nunca é o romancista que o criou. No entanto, o romancista pode eventualmente ser ao mesmo tempo todos os seus personagens”. Daí vem uma pista que explica o referido fascínio: a sensação, constante, de que nos parecemos com aquele sujeito ficcional, indiferente e entediado a toda prova. Mas como pode se fixar em nós tal sensação, se, afinal, Meursault matou, sem motivo plausível, um outro sujeito, um árabe – pelo que narra e confessa, por causa do... sol?

Há muitas camadas a desbastar na aparente simplicidade da história de Camus. Quem se aventura à tarefa, feito Angela, deve se fazer acompanhar de estudos que já percorreram, com densidade, esta e outras metáforas. As reflexões da estudiosa acerca da importância e da significação do sol, em toda a obra camusiana, são estupendas. Assim como suas digressões acerca do conceito de revolta, pensado a partir de O estrangeiro: “A revolta de Meursault consiste em estar fora do contexto social imposto aos homens por meio de mentiras, de ilusões, da religião e da es-

perança. Sua revolta desperta sua consciência permitindo que ele seja lúcido. Meursault se recusa a jogar o jogo da sociedade”. Lourival Holanda, em *Sob o signo do silêncio: Vidas secas e O estrangeiro*, diz algo similar: “Meursault é quem, calado, na recusa técnica acusa a carga de mentira que a linguagem veicula – e, assim, o sistema que a funda” (São Paulo: Edusp, 1992, p. 17). Não sendo um livro de filosofia, todo o texto, no entanto, está impregnado de questões filosóficas, muitas delas desenvolvidas em outros livros de Camus, sobretudo em *O mito de Sisifo*, como o absurdo, o suicídio, o niilismo, a alteridade, o livre-arbítrio, a fé, a exploração, o amor, a verdade – questões que Angela enfrenta, repito, com rara argúcia e clareza.

Ressalte-se, nesse contexto, a força ímpar da figura e do pensamento do filósofo de Assim falou Zaratustra. Registra Angela: “Tanto Camus quanto Nietzsche negavam um sentido superior que pudesse organizar o mundo e ser justo com os homens. Além disso, afirmavam o amor pela vida que deve ser conduzida sem lamento ou resignação. A lucidez do homem diante de sua vivência faz-se imprescindível, assim como a recusa a qualquer forma de evasão para os problemas da existência”. Por toda parte, se entrelaçam ficção e filosofia, de um modo que o leitor se vê envolvido, ou revolvido, sem se dar conta que está à mercê, na verdade, de uma técnica narrativa sofisticadíssima elaborada por Camus para seu protagonista-narrador Meursault.

Ao ver, recentemente, o filme *O estrangeiro*, realizado por Luchino Visconti em 1967, esperei com ansiedade uma das cenas antológicas do romance: o assassinato algo casual do árabe, cuja faca emite um brilho que atinge a testa de Meursault como “une longue lame étincelante” (“uma longa lâmina fulgurante”) – “Meus olhos ficaram cegos, por

trás desta cortina de lágrimas e de sal. (...) Esta espada incandescente corroía as pestanas e penetrava meus olhos doloridos”. Sem plena razão de si, cego, Meursault atira. A cena toda, literariamente, é magnífica. No filme, o brilho na testa se faz num relance. De todo modo, enfim, o que fica é a cegueira que o excesso de luz produz, que pode conduzir o sujeito a gestos bárbaros.

O livro de Angela Binda se dispõe a compreender e a esclarecer, para nós, por que Meursault agiu como agiu, quais as motivações e implicações de seu ato, em que seu gesto também nos atinge. Se a indiferença é um traço incontornável da personalidade de Meursault, não é, por outro lado, um traço da obra de Angela, que mergulha fundo, perigosamente, à busca do “estrangeiro” que há em todos nós. À maneira de Meursault, Angela deseja a limpidez, a verdade, sem hipocrisia. Nos Cadernos, em março de 1940, Camus escreve: “Estrangeiro, quem pode saber o que esse nome significa?”. O livro de Angela, penso, sabe.

Wilberth Salgueiro
Professor de literatura brasileira na Universidade
Federal do Espírito Santo.
Pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento
Científico e Tecnológico – CNPq.

POR QUE ESTUDAR CAMUS?

Os clássicos são aqueles livros dos quais, em geral, se ouve dizer: “Estou relendo...” e nunca “Estou lendo...”.

Italo Calvino

Por que as obras de Albert Camus impressionam tanto seus leitores? Por que, mesmo com o passar do tempo, elas são fontes de pesquisa para tantos estudiosos? Quando respondemos a essas perguntas, estamos também justificando a escolha de *L'étranger* como centro desta obra. E as razões são inúmeras. Não somente porque Camus desperta até hoje o interesse da crítica literária por seu estilo simples e genial, mas também porque soube contribuir grandemente para o homem do seu tempo defendendo a liberdade individual e uma vida sem mentiras e de ajuda mútua. O autor de *L'étranger* sempre recusou a violência e o ódio, era apegado à sua terra natal, acreditava no homem e deixou uma lição profunda em suas obras: mesmo que o mundo seja um lugar incompreensível, a natureza, o sol e o mar valem o esforço de não desistir da vida. Para Hélder Ribeiro (1996, p. 38), Camus foi tão importante

porque viveu e representou todos os nossos dilaceramentos, as nossas confusões, os nossos sonhos e nostalgias, afastou sem cessar o desespero sem destruir a esperança. Vicente Barreto também escreve sobre a importância da obra de Camus:

A importância da obra camusiana na hora presente transborda o interesse literário e insere-se no cerne da discussão sobre o destino do homem na segunda metade do século XX. Os estudos que foram, são e ainda por muito tempo serão escritos sobre Camus testemunham a presença de suas ideias [...] Para a busca de seu destino e o reencontro de sua vocação, o homem ocidental deverá conhecer a obra camusiana. O pensamento de Albert Camus representa para as gerações atuais uma fonte da qual poderão tirar ricos ensinamentos para a ação (1997, p. 7).

O primeiro contato do leitor com *L'étranger* vem quase sempre acompanhado de estranheza e desconforto, sensações causadas pela indiferença do protagonista Meursault diante da morte de sua mãe e aliadas à falta de sentimentos aparentes no convívio com as pessoas que o cercam. Esses aspectos da obra são certamente os motivos que primeiro despertaram nossa atenção para esta pesquisa. A partir de uma leitura atenta da obra *L'étranger* surgem alguns questionamentos: quem é esse homem que não chora no enterro de sua mãe? Por que Meursault é tão indiferente às situações que vive? Até que ponto vida e obra de Camus se misturam? Por que o personagem comete um crime aparentemente sem razão? O interesse deste

trabalho está justamente em responder a essas e outras questões, analisando e evidenciando os vários aspectos do absurdo da vida humana, ilustrados mediante o modo de vida do personagem Meursault, suas relações interpessoais e sua reação diante de um mundo incompreensível. Diferentemente de muitas pesquisas já feitas sobre as obras de Camus, não temos o propósito de discutir a fundo e detalhadamente tais questões sob um ponto de vista filosófico, mas sim o de poder utilizar-se delas para sustentar a maneira de encarar a literatura promovida por Camus.

Pesquisar um dos autores mais importantes do século XX é ao mesmo tempo uma tarefa simples e complexa. Simples, devido à quantidade de estudos já feitos sobre as obras de Albert Camus; complexa, devido à sensibilidade necessária para delimitação e escolha do material a ser utilizado na pesquisa. É importante ressaltar que escolhemos ler em francês não somente *L'étranger*, mas todas as obras de Camus que se fazem importantes para enriquecer este livro. Dessas obras, retiramos algumas importantes citações para suportar nossas análises. Optamos ainda pelas citações originais em francês das obras utilizadas com o objetivo de aproximar esta pesquisa o máximo possível das ideias do escritor sem eventuais distorções de tradução. Para dar mais clareza ao leitor, recorreremos à tradução para o português das citações em original nas notas de rodapé do livro.

De extrema importância foi o embasamento teórico que suporta esta pesquisa, alcançado graças à união de vozes de grandes estudiosos nacionais e internacionais que aqui deixamos falar. Elegemos como essenciais os autores Pierre Louis Rey, Bernard Pingaud e Brian T. Fitch, que se destacam por tratarem dos principais temas de *L'étranger*

de forma clara e relevante. Seus pensamentos aparecem nesta obra em forma de citações diretas e indiretas com o intuito de engrandecê-la. Os críticos brasileiros também fazem parte do nosso trabalho com o objetivo de melhor compreender vida e obra de Camus. Fazemos ainda uso das contribuições de Vicente Barreto, Hélder Ribeiro e Marcelo Alves, autores que dão um suporte teórico valioso a esta pesquisa.

Este livro pretende ser um convite às ideias de Camus, que uniu perfeitamente ficção e filosofia em suas obras como uma maneira de enfatizar os problemas políticos e sociais do mundo, bem como as aspirações e frustrações humanas. É do estudo dessas ideias - especialmente sob uma perspectiva literária e não puramente filosófica - que este trabalho de pesquisa se ocupa. Mais especificamente do absurdo da vida humana representado de uma forma clara por Camus por intermédio do personagem Meursault. Vicente Barreto destaca que Camus se utilizou essencialmente da ficção para expressar a relação absurda entre o homem e os mecanismos sociais, como se essa ficção fosse um suporte concreto do pensamento abstrato (1997, p. 143-144).

Camus dividiu *L'étranger* em duas partes. A primeira descreve a vivência do personagem Meursault submerso em uma rotina constituída por atos simples e repetitivos. Sem emoções aparentes, Meursault enterra sua mãe que vivia em um asilo, começa um relacionamento com uma antiga datilógrafa do escritório onde trabalhava e mantém contato com seu vizinho Raymond (fato que terá como consequência o assassinato de um árabe). O personagem é indiferente às coisas que o cercam e coloca todas as suas experiências em um mesmo nível de significação. O equilí-

brio dessa vida apática é quebrado no fim da primeira parte quando Meursault assassina um árabe aparentemente sem razão. Na segunda parte de *L'étranger*, Meursault narra seu processo de instrução, seu julgamento e a maneira indiferente com que ele se comporta frente a essas situações. O personagem ainda dedica sua narrativa à sua rotina na prisão, aos pensamentos de homem livre que ele tem diante da dificuldade de se acostumar com a vida de prisioneiro e fatos como a falta de sono (ou o excesso dele) e a única visita que recebeu da namorada Marie.

Meursault está entre o sim e o não, primeiro porque é parte integrante e indissociável da literatura de Camus que constantemente situa seus personagens entre os dois extremos. De certa forma, as obras de Camus podem ser consideradas como uma argumentação engenhosa sobre os aspectos opostos da vida. Se por um lado ele foi um escritor que afirmou sua solidariedade para com sua época, por outro lado denunciou os principais problemas políticos e sociais de seu tempo. Essa relação entre os extremos, o constante sim e não, avesso e direito, é refletida em Meursault. O personagem central de *L'étranger* se apega aos ensinamentos de sua mãe, mas não exterioriza sentimentos por ela. Ama a natureza e se sente feliz em união com ela, mas justifica o assassinato que comete dizendo que matou por causa do sol. Tem como virtude primeira o amor à sua terra e a fidelidade a si próprio, mas vive frente a um mundo móvel, incoerente, que prioriza muitas vezes a manipulação das pessoas, a mentira e as emoções mesmo que falsas. Tudo se resume em uma contradição.

Outros dois aspectos ainda fazem de Meursault um personagem entre o sim e o não. O primeiro está diretamente relacionado com a forma como o personagem responde e

reage a qualquer situação ao seu redor: sempre à margem das questões. Sua fala é na maioria das vezes composta de respostas como: “talvez”, “tanto faz”, ou “isto não quer dizer nada”. Essas palavras podem ser lidas quando, por exemplo, Marie pergunta se Meursault quer se casar com ela ou quando o patrão do personagem lhe oferece uma oportunidade melhor de trabalho. O outro aspecto diz respeito à revolta silenciosa que sai de dentro do personagem e culmina em um não a tudo em que ele não acredita. O personagem expressa esse não quando, por exemplo, se recusa a fazer parte do que seria o jogo de mentiras no seu julgamento ou quando não chora no enterro de sua mãe. Por que chorar se ele estava com calor e cansado? Esse não implícito ao que Meursault se mostra contrário é, na verdade, um sim a tudo em que ele acredita. Dizer não à mentira é dizer sim ao que esse homem absurdo e apaixonado pela natureza almeja: a justiça.

O capítulo que introduz este livro, “Por que estudar Camus?”, destaca a relevância e as contribuições desse autor para o mundo, assim como o embasamento teórico utilizado. No segundo capítulo, “Camus: fatos de uma vida correlata às suas obras”, fazemos um breve esboço da vida do escritor sem o propósito de realizarmos um levantamento biográfico, mas para ressaltarmos os reflexos de sua vida em seus trabalhos. A infância pobre de Camus é um ponto importante para a compreensão de sua obra, assim como os momentos políticos pelos quais passou e a amizade com Sartre (mais o rompimento da mesma). Nesse capítulo, grande contribuição teórica vem da obra de Ronald Aronson intitulada de *Camus e Sartre: o polêmico fim de uma amizade pós-guerra*, traduzida e publicada no Brasil em 2007. A segunda parte desse capítulo alude à importância do sol, presença constante a aquecer as ce-

nas de *L'étranger*, *Noces*, *L'envers et l'endroit* e *L'été*. Para Meursault, em *L'étranger*, o mundo é incompreensível e absurdo, mas cheio de sol, elemento ambíguo que representa ao mesmo tempo motivo de prazer e sofrimento. O sol é por muitas vezes considerado o centro das obras de Camus. Esse fato, pois, está diretamente ligado à infância do escritor que conviveu com a natureza exuberante da Argélia, país da África em que nasceu.

O absurdo é o tema que articula toda a obra de Camus. Considerado como uma tensão entre o homem e o mundo, o absurdo é revelado quando esse homem busca respostas e constata a impotência de responder às mesmas. É a esse tema que dedicamos o terceiro capítulo desta pesquisa: “Considerações sobre niilismo e absurdo”. Entendemos a necessidade de uma abordagem teórica a respeito do conceito do absurdo presente em *L'étranger* e em outras obras de Camus, possível influência do filósofo alemão Nietzsche. Segundo Roberto de Paula Leite:

Em tudo o que escreve [Camus] deixou transluzir sua dolorosa visão, em que o homem procura substituir-se a Deus, fundar seu próprio cosmos a fim de que o paraíso seja encontrado aqui mesmo. Daí a indisfarçável admiração por Nietzsche, a qual fora o primeiro a abordar tal temática (1963, p. 10).

A análise desse capítulo se dá apoiada principalmente na obra de Camus *Le Mythe de Sisyphe*, que é considerada como um exame minucioso sobre o absurdo, sentimento de que o escritor se utiliza para compor Meursault. A ausência total de esperança, lamento e resignação são

alguns dos aspectos do absurdo que geralmente causam reações de repulsa no leitor. Como homem absurdo, Meursault extrai desse tipo de pessimismo a lucidez diante das experiências do mundo e do próprio homem. Para nosso suporte teórico a respeito dos principais pontos que unem Camus a Nietzsche, recorreremos à obra de Marcelo Alves, *Camus: entre o sim e o não a Nietzsche* (2001).

Em sua obra *Le Mythe de Sisyphe* (1942a, p. 106), Camus escreveu: «[...] les dernières pages d'un livre sont déjà dans les premières¹». Dessa forma, ele abre *L'étranger* (1942b, p. 9) com uma frase que causa impacto: «Aujourd'hui, maman est morte²». E desde a primeira página da sua mais conhecida obra, expõe de forma explícita a incoerência da vida humana e como Meursault se locomove nessa incoerência e a vive. É, pois, focado em Meursault que o capítulo quatro “Meursault, um estrangeiro ao mundo que o rodeia” está. Para a compreensão da obra estudada, torna-se essencial a análise do personagem principal de *L'étranger*, que é um convite feito por Camus a uma reflexão sobre a condição mortal do homem.

Utilizando os atos do personagem Meursault como base para nosso trabalho de pesquisa, analisamos valores como a honestidade, as aspirações materiais e seu modo de agir descontextualizado da sociedade, que o vê como um estrangeiro. Analisamos ainda o modo de vida simples que o personagem leva, composto apenas de algumas necessidades como comer, fumar e dormir. Ressaltamos também suas respostas indiferentes, a ausência de emoções aparentes e o tédio que são elementos do cotidiano absurdo. Para dar suporte à nossa análise, utilizamos as falas do

1“ [...] as últimas páginas de um livro já estão nas primeiras” (2008, p. 26).

2 “Hoje, mamãe morreu” (2005b, p. 7).

próprio personagem, ilustração essencial a este capítulo.

O quinto capítulo deste livro, “Fim do equilíbrio: aspectos do absurdo no assassinato, julgamento e condenação de Meursault”, está dedicado à análise da cena do crime que Meursault comete sem razão e depois, à maneira indiferente que ele se comporta na prisão e em seu próprio julgamento. Aborda as reflexões de Meursault enquanto preso e a tênue linha que separa seus pensamentos de homem livre e de prisioneiro. Ressalta ainda a recusa a Deus aparentemente mais explícita no período da detenção do personagem. O assassinato que Meursault comete em uma praia é o ponto de partida para nossa análise nesse capítulo. Essa fatalidade está narrada no final do capítulo seis da primeira parte de *L'étranger* e marca uma mudança abrupta na vida de Meursault e no conteúdo da obra de Camus.

Se antes do crime o personagem vivia uma vida pacata, com emprego fixo e opções de lazer como ir ao cinema e tomar banho de mar, depois do assassinato estará preso, privado da natureza e sujeito às leis da sociedade, que não lhe perdoará. A análise empreendida busca, pois, verificar as consequências desse crime na vida do personagem. Para tal análise, esse capítulo está focado na segunda parte da obra *L'étranger*, que se ocupa em narrar o processo de instrução, o comportamento na prisão e julgamento do personagem. Camus expõe à crítica da sociedade um homem honesto, cuja pureza escapa às tradições da moral vigente. Meursault irá se comportar em seu próprio julgamento da mesma maneira que se comporta em sua vida: de forma simples e como mero expectador. Com o propósito de ilustrar as análises desse capítulo, citamos direta e indiretamente algumas partes da obra pesquisada.

Segundo Camus, uma vez que o homem esteja vivendo a condição absurda da vida, ele não acredita na salvação pelo divino e descarta o suicídio como resolução ao impasse vivido. Diante dessa condição e privado de esperança, é necessário revoltar-se. O sexto capítulo deste trabalho, “A revolta como evasão ao absurdo”, está focado na revolta, que é considerada a única maneira de evasão ao absurdo. Procuramos identificar e analisar as características da revolta metafísica e histórica de acordo com as ideias de Camus. A primeira é considerada uma revolta mais ampla, pois roga ao divino ordem diante do caos do mundo. A segunda - a revolta histórica - contesta as regras de submissão impostas pelos próprios homens. A partir desse prisma, analisamos a revolta do personagem Meursault, que consiste em não se submeter às máscaras e mentiras impostas pela sociedade. Essa última revolta permite que ele seja lúcido diante de um mundo desordenado, o que justifica, dentre outras coisas, sua relutância em não mentir nem mesmo para favorecer-se em seu julgamento. Nosso aporte teórico nos leva à leitura de *L’homme révolté*, a mais polêmica obra de Camus que foi publicada em 1951. Esclarecemos que, de acordo com Camus, a revolta tem um caráter profundamente positivo porque aspira à justiça e nega a violência. Portanto, não pode ser confundida com uma forma de revolução. De uma maneira breve, tratamos da revolta do personagem Calígula (na obra homônima) e do Dr. Rieux na obra *La Peste*.

No sétimo capítulo, “A simplicidade do estilo: linguagem e narrativa em *L’étranger*”, pesquisamos a técnica narrativa de Camus e a presença do absurdo na sua linguagem, fatores esses que deram às suas obras características únicas. Camus torna, à primeira vista, a leitura de *L’étranger* fácil, pois se utiliza de frases curtas e objetivas para compor seu

enredo. Além disso, o vocabulário utilizado pelo escritor também é simples, forma de representar a fala do seu personagem-narrador que transmite ao leitor a história vista através de seus olhos e contada de acordo com seu ponto de vista. Com esse estilo, Camus deixa claros, em uma história onde tudo é enxuto e nada parece sobrar, os principais aspectos do absurdo. É também dessa forma simples que Meursault se relaciona com amigos, namorada e a sociedade que o cerca. Suas relações com as pessoas ao seu redor são desprovidas de sentimentos e importância aparente. Os personagens envolvidos no seu processo de instrução e em seu julgamento não têm nomes e refletem a pouca importância que o personagem-narrador lhes atribui. Por fim, uma parte desse capítulo é dedicada à falta de linearidade na sequência dos fatos narrados por Meursault; além disso, trata o capítulo da ausência de marcas de referências geográficas no texto. Sigamos em frente. O mundo de Meursault agora é seu também.

CAMUS: FATOS DE UMA VIDA CORRELATA ÀS SUAS OBRAS

(...) parmi mes nombreuses faiblesses, n'a jamais figuré le défaut le plus répandu parmi nous, je veux dire l'envie, véritable cancer des sociétés et des doctrines. Le mérite de cette heureuse immunité ne me revient pas. Je la dois aux miens, d'abord, qui manquaient de presque tout et n'enviaient à peu près rien. Par son seul silence, sa réserve, sa fierté naturelle et sobre, cette famille, qui ne savait même pas lire, m'a donné alors mes plus hautes leçons, qui durent toujours.

Albert Camus

As obras de Camus sempre estiveram associadas à sua infância, família, política e ao seu grito de justiça por um mundo melhor e menos violento. Vicente Barreto (1991, p. 13) escreve que:

Talvez um dos pontos mais interessantes da personalidade de Camus tenha sido

essa dependência entre a obra e a vida do escritor. A sua vida intelectual nasce de suas primeiras experiências, sentindo-se em algumas de suas obras, principalmente nas primeiras, a necessidade de escrever aquilo que realmente estava sendo vivido e pensado.

Conhecer o contexto histórico e político no qual Camus esteve inserido é de extrema importância para a compreensão do que ele escreveu. Sua amizade com Sartre e depois o rompimento deles também é fato importante na vida de Camus. De acordo com Aronson (2007, p. 380): “O talento deles era tão grande, sua imersão em sua época era tão profunda, seu engajamento político tão forte, que chegou à alternativa de Camus ou Sartre”.

Literatura, filosofia e política são partes indissociáveis das obras de Camus, que denunciava o absurdo de sua era, as guerras e desordens que assolaram o tempo em que ele viveu. Camus soube como inserir em suas obras de uma maneira séria e respeitada os problemas dos homens e as reações dos mesmos diante de tais problemas. É o próprio escritor que explica seu plano de trabalho e os principais temas abordados em suas obras. Camus compõe o ciclo do absurdo ou da negação com três formas: romanesca, com a obra *L'étranger*; dramática, com *Caligula e Malentendu*; e a forma ideológica, com a obra *Le Mythe de Sisyphe*. O ciclo denominado positivo ou ciclo da revolta é expresso também por essas três formas e as seguintes obras: romanesca, com *La peste*; dramática, com *L'état de Siège e Les Justes*; ideológica, com *L'homme Révolté*. Camus ainda previa um terceiro ciclo, que era o do amor (2008, p. 8). Nascido em 1913 em uma fazenda perto de Mondovi, na

Argélia, Camus viveu uma infância extremamente pobre. Sua mãe, uma faxineira, e seu pai, um soldado morto em 1914 durante a Primeira Guerra Mundial. A família passou a morar com a rígida avó e um tio tanoeiro. Camus tinha um irmão que era um pouco mais velho do que ele. Na escola primária, Camus encontrou um professor que se interessava por ele conseguindo-lhe uma bolsa de estudos no Ginásio de Argel. Depois, foi Jean Grenier, poeta, ensaísta e professor do Ginásio que viu e acreditou no talento do jovem Camus incentivando-o a escrever. Jean Grenier tornava-se o eterno mestre de Camus, e seu aluno, mais tarde já reconhecido pelo brilhantismo de seus livros, dedicar-lhe-ia a obra *L'envers et l'endroit* e *L'homme révolté*. Dessa infância simples, Camus tiraria os primeiros ensinamentos que marcariam profundamente suas obras. A miséria não trouxe para o escritor traços de amargura ou tristeza. Ao contrário, deu a Camus uma percepção que o acompanharia por suas obras: deve-se ser lúcido e amar a vida apesar das imperfeições do mundo.

Aos dezesseis anos Camus teria seus primeiros ataques de tuberculose, doença que ele controlaria por toda sua vida. Segundo Hélder Ribeiro (1996, p. 20): “Esta doença estará onipresente na sua vida, como o ocupante estrangeiro ou a fadiga física, ditatorial como o nazismo ou a prescrição médica”. Camus ainda se afastaria do futebol, uma das grandes paixões de sua vida. O escritor declara no prefácio de *L'envers et l'endroit* (1937, p. 8) que a doença o fez conhecer o medo e o desânimo, mas nunca a amargura. Camus ainda se refere à sua doença como tempos de verdadeiro desespero que destruíram tudo nele, menos a vontade de viver. Segundo Brian T. Fitch (1972, p. 134), a descoberta da tuberculose quando Camus ainda era jovem e o horror às mortes causadas pelos conflitos ao seu redor

estão presentes em *L'étranger* por meio das mortes que conduzem a história. Diante do medo da doença e consciência da mortalidade, surge o amor à vida e a lucidez diante do mundo. O sentimento do absurdo começa a ser moldado e fará parte das obras de Camus. Frente a todos os problemas, porém, o escritor constata que ainda há a solidariedade humana, a natureza que é bela e a paixão sem fim pela vida.

Em 1934 Camus casa-se com Simone Hié, mas a separação acontece dois anos depois. Em 1935, engaja-se no Partido Comunista enquanto sobrevive com seus módicos salários exercendo funções de funcionário de serviço de meteorologia, vendedor de acessórios de automóveis, empregado no escritório de um corretor marítimo e funcionário da Prefeitura. Escreve sua tese para diplomação em Filosofia, fato que desperta em Camus as primeiras preocupações filosóficas e leituras de Pascal, Kierkegaard, Malraux e Gide. Camus funda o Théâtre du Travail e posteriormente trabalha no jornal *Alger Républicain*. O rompimento com o Partido Comunista acontece em 1937.

Camus publica *L'envers et l'endroit* em 1937 (escreve-o aos 22 anos) e coloca na obra toda a natureza que fez parte de sua vida de menino pobre. O autor descreve nessa obra provavelmente o ambiente em que viveu os seus primeiros anos. No ensaio intitulado de *Entre le oui et le non*, há muitas semelhanças com fatos da vida do escritor e os personagens da história são diretamente associados aos familiares de Camus e ainda com ele próprio. Camus conta a história de um menino que vivia em meio à extrema pobreza. Ao perder o pai na guerra, mãe e filho mudam-se para a casa da avó, que era descrita como rígida e dominadora e considerada o oposto de sua

mãe: doce e sempre calada. No prefácio dessa obra, escreve que deve o mérito de ser imune à inveja à sua família, que mesmo apesar de tudo faltar não invejava quase nada. Camus prossegue: «[...] cette famille, qui ne savait même pas lire, m'a donné alors mes plus hautes leçons, qui durent toujours» (1937, p. 7)³.

A miséria serviu como uma escola para Camus. Desde novo ele pôde constatar a necessidade da criação de novos valores para um mundo mais justo. Segue dizendo no prefácio de *L'envers et l'endroit* (1937, p. 8) as lições que tirou de sua infância: «La pauvreté telle que je l'ai vécue ne m'a donc pas enseigné le ressentiment, mais une certaine fidélité, au contraire, et la ténacité muette»⁴. Esse universo cheio de luz e completo com cenas de uma infância pobre, porém alegre, viria a aparecer posteriormente em *L'étranger* e *Le premier homme*.

Com o fechamento do jornal em que trabalhava, e com suas constantes campanhas para denunciar a miséria dos muçulmanos, Camus é obrigado a deixar a Argélia e refugiar-se em Paris em 1940, mesmo ano que se casa com Francine Faure. *L'étranger* é publicado em 1942 e Camus descobre a fama da noite para o dia aos trinta anos de idade.

Camus engaja-se no ativismo da Resistência durante a Segunda Guerra Mundial e colabora com a missão de jornalista no jornal clandestino *Combat* trabalhando trancado a portas de ferro e com armas bem perto. A ocupação dos alemães na França acabou por criar um grupo de resistên-

3 “[...] Esta família, que não sabia nem mesmo ler, deu-me, então, minhas mais elevadas lições, que perduram até hoje” (2007, p. 19).

4 “A pobreza, tal como a vivi, não me ensinou, portanto, o ressentimento, mas, ao contrário, uma certa fidelidade, e a tenacidade muda” (2007, p. 23).

cia formado por intelectuais da época, que entendiam que a melhor forma de resistir aos ataques dos nazistas era colaborando para a Resistência. Em junho de 1943, Camus encontra-se pela primeira vez com Sartre na pré-estreia da peça dele, *Les Mouches*, e apresenta-se. De acordo com Ronald Aronson (2007, p. 23), “seu romance, *O Estrangeiro*, publicado um ano antes, fora uma sensação literária e seu ensaio filosófico, *O Mito de Sísifo* havia aparecido seis meses antes”.

A amizade entre Camus e Sartre foi de grande importância tanto para o escritor quanto para o filósofo. Os jovens escritores (Sartre era oito anos mais velho que Camus) já haviam lido livros um do outro antes mesmo de se conhecerem. A resenha de Camus sobre *La nausée* foi elogiosa. Ambos se viram influenciados pelo modo de pensar de um e de outro, apesar de Camus não aceitar a ideia de que ele seria um discípulo de Sartre. Camus, que estava engajado na política há alguns anos, “liderou o novato Sartre” (ARONSON, 2007, p. 46). Aronson ainda ressalta: “Enquanto a política parecia tão natural para Camus, para Sartre ela era coisa de outro mundo” (2007, p. 53).

O existencialismo tornou-se uma febre cultural no período pós-guerra e, enquanto Camus recusava o rótulo de existencialista, Sartre aproveitava para lançar algumas novas ideias relacionadas ao tema. Camus acreditava em um mundo absurdo, mas supunha que o existencialismo era uma filosofia completa, uma visão do mundo com ideias cuja importância reconhecia, mas não partilhava completamente. Segundo Aronson (2007, p. 91): “Camus fazia tudo para evitar ser visto como satélite de Sartre. Mas, conforme os dois iam se tornando o assunto de Paris e de toda a França, essa percepção crescia, e Camus sentiu que

“... tinha que se definir por contraste em relação a Sartre.”

O período pós-guerra foi de extrema importância para a vida profissional de Camus porque os intelectuais da França procuravam por bons livros e Camus e Sartre foram beneficiados pela possível falta de concorrentes. Alguns dos colegas de profissão tinham se engajado na luta contra os alemães e se tornado prisioneiros de guerra ou morrido. Outros se recusavam a escrever. Camus desenvolvia um corpo significativo de escritos nesse meio tempo, que seria lido por pessoas famintas por cultura. Juntamente com seu amigo Sartre, eles seriam considerados os maiores intelectuais do pós-guerra.

La Peste, romance que trata de uma epidemia de peste na cidade de Oran (na costa argelina), é publicado em 1947. Camus transmite para a obra a determinação de fazer o que deve ser feito frente a uma ameaça total. O generoso trabalho do Dr. Rieux, em conjunto com outros personagens da obra, é uma mostra do engajamento por exigência da situação de caos generalizado, mesmo que eles tenham de se submeter a certos riscos. A obra é uma alegoria ao nazismo e, por extensão, a todo regime totalitário. O próprio autor admitia que o conteúdo evidente fosse a resistência europeia a Hitler.

Camus passaria a repudiar o comunismo e qualquer forma de violência que este pudesse gerar, enquanto Sartre seria completamente atraído pelo comunismo e aceitaria a violência como uma possível solução à guerra e à opressão humana. A violência para Camus era sempre injustificável. Ele enfatizava que a política deveria ter no seu centro a moralidade. “Enquanto Camus havia devotado todas as energias a escrever contra a violência, Sartre vinha gradu-

almente a abraçando, especialmente a violência revolucionária” (ARONSON, 2007, p. 221).

As diferenças políticas entre Camus e Sartre ganhavam proporções cada vez maiores uma vez que Sartre considerava o comunismo como o caminho para a mudança e Camus recusava essa ideia. Aronson analisa que: “No final, Camus e Sartre romperam não apenas porque foram para lados opostos, mas porque cada um se tornou um líder moral e intelectual de seu próprio lado” (2007, p. 12).

A afinidade literária e filosófica que unia Camus e Sartre foi rompida por ideias políticas que iam para lados opostos e o elo final da corrente que sustentava uma amizade de quase dez anos foi rompido publicamente de uma forma severa após a publicação de *L’homme révolté* em 1951.

Camus esperou em vão por uma resenha positiva de Sartre. Evitando criticá-lo, Sartre hesitou em escrever sobre o livro. Mesmo sem a opinião de Sartre a princípio, *L’homme révolté* vingou e Camus se orgulharia de seu próprio ato de coragem política até sua morte. A obra que daria fim à amizade entre Camus e Sartre é uma bem articulada exposição sobre as mazelas da revolução através dos tempos contemporâneos. De acordo com Aronson (2007, p. 196): “*O homem revoltado* apareceu como uma descrição do que Camus via como a doença civilizatória que levava as pessoas a abraçarem o comunismo”. E ainda: “A agenda anticomunista de Camus enviesou e modelou *O homem revoltado*” (2007, p. 206).

Algum tempo depois da publicação de *L’homme révolté*, Sartre pediu a um voluntário da revista que era também seu seguidor (conhecido por Jeanson) que fizesse a crí-

tica do livro de Camus. A amizade entre Sartre e Camus impedia que comentários contra o livro fossem feitos por ele próprio. Sartre, porém, já havia deixado claro que não havia gostado da obra e não concordava com as ideias de Camus. A famosa revista *Les temps modernes*, de cuja direção Sartre participava, vivia um impasse de como lidar com a crítica de *L'homme révolté*. Ao escrever a resenha crítica, Jeanson teria que “preservar a amizade de Sartre com Camus e ao mesmo tempo criticar um livro cuja política ele detestava e cujo autor tinha uma filosofia que ele rejeitava”. Isso tornava a tarefa de Jeanson “uma missão impossível” (ARONSON, 2007, p. 234).

A resenha de vinte e uma páginas de Jeanson foi violenta. Camus foi ironizado. O desdém de Sartre por não ter feito a crítica ao livro foi tomada por Camus como uma ruptura entre eles. A resposta de Camus veio em dezessete páginas e, de uma forma rude, Camus dirige-se ao diretor da revista, não mencionando o nome de Jeanson sequer uma vez. Os esforços para manter a amizade estavam terminados e Sartre responde a Camus de forma grosseira. O tom que começa a resposta de Sartre não é mantido durante o resto das páginas: “Meu caro Camus: nossa amizade não era fácil, mas sentirei falta dela. Se você a encerra hoje, isso significa, sem dúvida, que ela tinha que acabar. Muitas coisas nos juntavam, poucas nos separavam. Mas ainda assim essas poucas eram demasiadas [...]” (SARTRE, apud ARONSON, 2007, p. 11).

Sartre cruelmente castiga Camus e, aos olhos de um público sedento, detalha as fraquezas do ex-amigo:

Sartre então destrata publicamente Camus nos termos mais pessoais. Engenhoso

sa e maliciosamente, ele explica o anticomunismo de Camus como uma fuga ao crescimento pessoal e uma recusa a viver completamente no mutante e exigente mundo real. Calculadamente incontido, Sartre executa uma performance espantosa e perturbadora. Violenta além da medida, a resposta de Sartre não se justificava por nada do que ocorrera antes (ARONSON, 2007, p. 248).

Sartre termina sua crítica deixando a revista *Les temps modernes* à disposição para uma possível réplica de Camus, mas deixa claro que não falará mais no assunto. Camus também se cala e vive seu período mais sufocado de inspiração. O sentimento de dor e desavença de Camus veio à tona pela experiência de humilhação pública que ele havia passado: “[...] não há dúvida de como afetou intensamente Camus. Calou-o. Foi uma nuvem que pairou sobre ele durante seus últimos anos” (ARONSON, 2007, p. 17).

Camus voltou a brilhar em 1956 quando produziu uma obra-prima: *La Chute*. A obra tem como personagem central um homem chamado Clemence, que em um bar passa seus dias a contar suas histórias para os estrangeiros. Em menos de dois meses o livro vendeu cento e vinte e cinco mil exemplares, e um ano depois Camus recebia o prêmio Nobel de Literatura. Mais uma vez o escritor tratou dos problemas humanos frente ao mundo. Para Barreto, Camus trata da ambiguidade humana na obra: se o homem é ambíguo e sabe disso, ele vê seus semelhantes como vê a si próprio (1991, p. 164).

Camus escreveu em *L'homme révolté* (1951, p. 448): «Un personnage n'est jamais le romancier qui l'a créé. Il y a des chances, cependant, pour que le romancier soit tous ses personnages à la fois»⁵. Dessa forma, é importante ressaltar alguns fatos que aproximam o escritor do personagem principal de *L'étranger*. Camus publicou *L'étranger* em 1942 e compõe o enredo do romance com muitos fatos que se confundem com sua própria vida. Assim como o escritor, o personagem principal de *L'étranger* era jovem.

Apesar de não haver indicações precisas na obra da idade de Meursault, supõe-se a juventude do personagem quando o diretor do asilo em que sua mãe estava abrigada diz: «Vous n'avez pas à vous justifier, mon cher enfant» (1942b, p. 11)⁶. Ou ainda quando seu patrão lhe oferece uma nova oportunidade de emprego argumentando: «Vous êtes jeune, et il me semble que c'est une vie qui doit vous plaire» (1942b, p. 66)⁷. Outro indicativo de que Meursault era jovem é dado pelo próprio personagem que, na prisão, diz que tanto fazia morrer aos trinta ou aos setenta anos (1942b, p. 171). Considerando a publicação de *L'étranger* em 1942, Camus e Meursault tinham provavelmente idades próximas.

Outras semelhanças ainda ligam o criador com sua criação. Meursault vive no mesmo bairro que Camus morou com sua mãe em sua infância. De acordo com Pierre Louis Rey (1981, p. 28), «Camus y a vécu avec sa mère à partir de 1914, au 93 de la rue de Lyon (actuelle rue Belouizdad), et il a joué au football sur les terrains vagues du Champ de

5 “Um personagem, nunca é o romancista que o criou. No entanto, o romancista pode eventualmente ser ao mesmo tempo todos os seus personagens” (2005a, p. 54).

6 “Não tem de justificar-se, meu filho” (2005b, p. 8).

7 “Você é novo e acho que essa vida lhe agradaria” (2005b, p. 45).

Manoeuvres»⁸. O Campo das Manobras e a Rua de Lyon fazem parte das poucas referências geográficas usadas em *L'étranger*. Ainda como Camus, Meursault era provavelmente órfão de pai. Analisando essa relação entre Camus e Meursault, Rey (1981, p. 28) afirma que tanto Meursault quanto Camus tiveram que interromper seus estudos. O personagem, por razões desconhecidas - talvez materiais -, e o escritor, por causa dos problemas de saúde. Bernard Pingaud (1992, p. 141) ainda analisa outra semelhança da obra *L'étranger* com a vida de Camus: Catherine Camus, mãe do escritor, fala pouco como a mãe do personagem. Além disso, a comunicação entre mãe e filho é escassa no romance e Meursault declara que sua mãe há muito tempo já não tinha assunto para conversar com ele (1942b, p. 73).

Brian T. Fitch (1972, p. 25), por sua vez, analisa os reflexos da vida de Camus que possivelmente poderiam justificar a falta de ambição do personagem quando este recusa um emprego melhor oferecido por seu patrão: «Cette absence de toute ambition correspond à l'abandon d'une semblable motivation de carrière à un moment dans la vie de Camus lors de sa nomination comme professeur au Collège de Sidi Bel-Abbès»⁹. Apesar de decisões aparentemente idênticas – a recusa dos novos empregos – o escritor e seu personagem foram levados a caminhos distintos. Fitch nota que Camus recusou o emprego porque sempre soube evitar uma vida rotineira, aspecto muito diferente do seu personagem, que o fez por falta de ambição.

8 “Camus deve ter vivido com a mãe depois de 1914, na rua de Lyon, 93 (atual rua Belouizdad), e jogou futebol em terrenos baldios do Campo da Manobras” (REY, Pierre Louis, 1981, p. 28, tradução nossa).

9 “Esta ausência de qualquer ambição corresponde ao abandono de semelhante motivação da carreira em um momento da vida de Camus por ocasião de sua nomeação como professor na Faculdade de Sidi Bel Abbès” (FITCH, Brian T, 1972, p. 25, tradução nossa).

Camus nos deixou obras nas quais vida e ficção estão misturadas, porém sem a pretensão de ter como objetivo primeiro a relação entre alguns dos seus personagens com seus familiares ou com ele mesmo – utilizar-nos-emos do fato de que o autor aproveitou essas semelhanças para analisar e escrever sobre a estranheza do homem frente a um mundo incompreensível, mas que ao mesmo tempo é fraternal e cheio de sol.

Até sua morte, Camus desejou que os árabes argelinos fossem tratados como iguais e ele pronunciava sua voz corajosa pelo enfrentamento desse problema. Já estava morto quando a independência argelina foi finalmente declarada em julho de 1962. Outras importantes publicações de Camus são: *Noces* (1939), *L'été* (1954), *Le Malentendu* (peça teatral de 1944), *Caligula* (peça teatral de 1945), *L'état de Siège* (peça teatral de 1948), *Les Justes* (peça teatral de 1950), *L'exil et Le Royaume* (1957), *La mort heureuse* (obra publicada em 1971). Em 1942 Camus publicava o ensaio *Le Mythe de Sisyphe*, obra considerada essencial para este trabalho, em cujas páginas Camus explica várias questões filosóficas que ilustrariam suas obras até o fim de sua vida. O absurdo, por exemplo, tomado na obra como ponto de partida da vida do homem, é vivido pelo personagem Meursault em *L'étranger*.

Um acidente de carro tirava a vida de Camus em 4 de janeiro de 1960. Dentro de sua maleta, os rascunhos da obra ainda inacabada que Camus trabalhava na época: *Le premier homme*. Sua morte chocou Paris, Argel e uma grande parte do mundo. Camus não terminaria seu projeto e não escreveria mais sobre o sistema político de opressão da época. Suas obras, porém, continuariam a ser lidas pelo mundo exercendo influência por toda uma geração.

De acordo com Helder Ribeiro (1996, p. 39): “A história não para com esta morte, as suas obras continuam a finalidade que ele se tinha fixado: tornar a justiça imaginável e a felicidade possível”.



Camus amava a vida e amava o sol da Argélia, país onde nasceu situado no norte da África. Disse no ensaio *L'été à Alger* publicado em *Noces* (1939, p. 23): «Ce qu'on peut aimer à Alger, c'est ce dont tout le monde vit: la mer au tournant de chaque rue, un certain poids de soleil, la beauté de la race»¹⁰. E ainda exaltou inúmeras vezes as belezas naturais da capital Argel em *L'été* (1954, p. 870): «Devant la mer noyée, je marchais, j'attendais, dans cet Alger de décembre qui restait pour moi la ville des étés»¹¹. Camus transferiu para as páginas de suas obras toda a energia vibrante desse sol para ser admirado por seus personagens e leitores. Em *L'étranger*, por exemplo, Meursault é rodeado pelo sol que aquece seus passos por toda a narrativa.

É no prefácio de *L'envers et l'endroit* que Camus explica que sua admiração pelo sol começou ainda em sua infância de menino pobre: «[...] je fus placé à mi-distance de la misère et du soleil. La misère m'empêche de croire que tout est bien sous le soleil et dans l'histoire; le soleil m'apprit que l'histoire n'est pas tout». E ainda completa: «[...] en Afrique, la mer et le soleil ne coûtent rien» (1937, p. 6)¹².

¹⁰ “O que se pode amar em Argel é aquilo de que todos vivem: o mar, visto em cada esquina de rua, um certo peso de sol, a beleza da raça” (1950, p. 23).

¹¹ “Diante do mar afogado, eu caminhava e esperava nessa Argel que continuava sendo para mim a cidade dos verões” (1979, p. 113).

¹² “[...] fui colocado a meio caminho entre a miséria e o sol. A miséria impediu-me de acreditar que tudo vai bem sob o sol e na história; o sol ensinou-me que a história não é tudo”. “[...] na África, o sol e o mar nada custam” (2007, p. 18).

O excesso de bens naturais da Argélia foi sempre motivo de grande felicidade para a vida pobre de Camus quando criança. De obra em obra, o escritor deu ao sol um lugar de destaque que influencia seus personagens, da mesma forma que ele próprio fora influenciado pelo brilho do sol na infância simples que teve. A pobreza em que Camus esteve inserido enquanto criança é considerada aos seus olhos tanto como uma privação quanto como uma recompensa. Apesar de ter vivido uma infância simples, dividindo uma pequena casa com a avó, o tio, a mãe e o irmão em Belcourt, bairro pobre de Argel, Camus era rico de todos os bens terrestres e deixa claro no ensaio *L'ironie*, em *L'envers et l'endroit*, que a natureza acima de tudo o bastava: «Après tout, le soleil nous chauffe quand même les os» (1937, p. 55)¹³.

O sol que está presente em *L'étranger* é o mesmo que fez parte da infância pobre de Camus iluminando-a. Camus justifica no prefácio de *L'envers et l'endroit* (1937, p. 6) que qualquer ressentimento de sua época de criança pobre fora apagado pelo belo calor que reinou sobre sua infância. É por meio de um dos personagens dessa obra que Camus resume sua ligação com o sol: «De même que j'ai mis longtemps à comprendre mon attachement et mon amour pour le monde de pauvreté où s'est passée mon enfance, c'est maintenant seulement que j'entrevois la leçon du soleil et des pays qui m'ont vu naître» (1937, p. 38)¹⁴.

Camus coloca o sol no centro de sua obra *L'étranger* e expõe do começo ao fim a natureza e seus elementos como o mar e a terra. Segundo Hélder Ribeiro (1996, p. 104):

13 "O sol nos aquece os ossos, apesar de tudo" (2007, p. 55).

14 "Assim como levei muito tempo para compreender minha ligação e meu amor pelo mundo da pobreza em que minha infância se passou, somente agora percebo a lição do sol e dos lugares que me viram nascer" (2007, p. 88).

“O sol e a água parecem ser ainda, para Meursault de *L'étranger*, os únicos elementos onde se encontra a si mesmo, o acordo profundo do homem com a natureza, onde se sente verdadeiramente viver”. Apesar de ser indiferente às principais regras impostas pela sociedade, Meursault vive em harmonia com a natureza.

Hélder Ribeiro escreve (1996, p. 227): “Para os cristãos, a natureza é criação. A alma humana é de uma ordem diferente da ordem natural. O homem é chamado a colaborar com o criador para transformar e dominar a natureza”. Nas obras de Camus, porém, o homem pertence à mesma ordem que a natureza. É parte integrante dela, contemplando-a e unindo-se a ela. Meursault, em *L'étranger*, movimenta-se na natureza que o cerca e identifica-se com ela. Essa identificação corporal com a natureza é o bastante para que ele seja feliz.

Para Bernard Pingaud (1992, p. 31): “Le soleil, comme la mer, signifie la vie – mais une vie lucide”¹⁵. Eis o objetivo do homem absurdo: ser lúcido até o fim juntamente com a natureza. O absurdo da vida de Meursault vem sempre acompanhado com o prazer que o sol oferece. O sol, o mar e o verde são motivos de felicidade para o homem absurdo que precisa viver o presente sem se refugiar na esperança ou no divino. Para ele, não há salvação. Sua felicidade está em seu presente. Fazer parte da natureza e viver como se o homem fosse uma extensão dela é uma forma de felicidade neste mundo.

Nas obras de Camus o mundo tem como alma a natureza. Convém que ela seja compartilhada com o homem absur-

15 “O sol, como o mar, significa a vida – porém uma vida lúcida” (PINGAUD, Bernard, 1992, p. 31, tradução nossa).

do como fonte de felicidade. As limitações da vida humana são tão reais quanto a presença do sol queimando a pele. Como única testemunha e ao mesmo tempo motivo do assassinato do árabe está o sol que iluminou a vida de Meursault em *L'étranger*. A privação desse contato direto com a natureza durante a prisão será mais um castigo a que Meursault terá de acostumar-se.

A natureza é, para Meursault, uma parte integrante da intensidade de suas percepções sensoriais. O personagem se entrega ao sol e ao mar e sua vida caracterizada como absurda é sempre acompanhada por sensações da natureza que podem lhe dar prazer, como o morno sol no rosto e a areia quente, ou desprazer como o calor do sol que tira sua atenção. Ao encontrar Marie, uma antiga datilógrafa do escritório no centro de lazer do porto, Meursault se diverte com ela sob o brilho do sol que aquece suas brincadeiras. É nesse universo de natureza que Meursault encontra as mais fortes alegrias: «Il faisait bon et, comme en plaisantant, j'ai laissé aller ma tête en arrière et je l'ai poussée sur son ventre. Elle n'a rien dit et je suis resté ainsi. J'avais tout le ciel dans les yeux et il était bleu et doré» (1942, p. 32)¹⁶. Também motivo de prazer é observar os cargueiros e o brilho do sol do seu escritório que fica diante do mar (1942b, p. 42).

O personagem principal de *L'étranger* se sente muito bem quando, ao terminar de tomar banho de mar com Marie, cai sobre a areia quente da praia afundando seu rosto na mesma. Essa união de Meursault com a natureza faz com que ele se sinta parte dela. De mesma forma, o narrador de *Noces* (1939, p. 57) tem uma sensação parecida e diz:

16 "O tempo estava bom e, de brincadeira, deixei cair a cabeça para trás e encostei-a na sua barriga. Não reclamou e eu fiquei assim. Tinha o céu inteiro nos olhos e ele estava azul e dourado" (2005b, p. 23).

*Sur le rivage c'est la chute dans le sable,
abandonné au monde, rentré dans ma pesanteur
de chair et d'os, abruti de soleil,
avec, de loin en loin, un regard pour mes
bras où les plaques de peau sèche décou-
vrent, avec le glissement de l'eau, le du-
vet blond et la poussière de sel.*¹⁷

A união da vida absurda de Meursault com a natureza e principalmente com o sol e o mar durante a narrativa de *L'étranger* acontece ora com momentos fraternais e ora como agravante dos acontecimentos. Quando os amigos Meursault e Raymond reencontram os árabes com quem Raymond havia brigado, Meursault ressalta a presença do sol naquela cena: «[...] il n'y a plus eu que le soleil et ce silence [...]» (1942b, p. 87)¹⁸. É diante desse sol, e também pressionado por ele, que Meursault comete um crime. Ainda bem longe do árabe que mataria, Meursault hesita em dar meia volta porque alega que: «[...] une plage vibrante de soleil se pressait derrière moi » (1942b, p. 91)¹⁹. Ele lembra ainda que esse sol que lhe doía a testa era o mesmo do dia em que enterrara sua mãe, fazendo estremecer a paisagem e acompanhando-o: «Au-dessus des collines qui séparent Marengo de la mer » (1942b, p. 22)²⁰. Meursault ainda ressalta que, se não fosse por sua mãe, ele não poderia sentir o prazer daquele momento em que tudo se completava: o sol, o céu, o cheiro de sal e o campo (1942b, p. 22). Ao sol que aquece tanto o coração de Meursault, como a obra de Camus, foi atribuída a culpa pelo assassinato de

17 “Na praia, é a queda na areia, abandonado ao mundo, uma vez mais de volta a meu peso de carne e osso, embrutecido de sol, lançando de longe em longe um olhar para os meus braços, onde as poças de pele seca deixam a descoberto, à medida que a água escorre, a penugem loura e a poeira de sal” (1950, p. 10).

18 “Só havia o sol e este silêncio” (2005b, p. 59).

19 “[...] atrás de mim comprimia-se toda uma praia vibrante de sol” (2005b, p. 62).

20 “Por cima das colinas que separam Marengo do mar” (2005b, p. 16).

um árabe. O primeiro movimento que Meursault fez diante da situação tensa em que se encontrava com o árabe foi inconsequente e justamente para se livrar do sol que o incomodava. O passo dado à frente desencadeou a reação do outro homem, que, como defesa, exibiu sua faca ao sol e foi morto com cinco tiros instantes depois. Em seu julgamento, Meursault é questionado por que havia atirado naquele homem: «J'ai dit rapidement, en mêlant un peu les mots et en me rendant compte de mon ridicule que c'était à cause du soleil» (1942b, p. 156)²¹.

De acordo com Pierre Louis Rey (1981, p. 57), o sol se manifesta por sua violência ao longo da história: «Cette harmonie entre l'arme et l'astre contient en germe le moment fatal»²². No dia do enterro da mãe de Meursault, o sol assume toda sua violência e faz do cortejo um momento desagradável. O personagem fala sobre o sol naquele dia: «Aujourd'hui, le soleil débordant qui faisait tressaillir le paysage le rendait inhumain et déprimant» (1942b, p. 27)²³ e «L'éclat du ciel était insoutenable» (1942b, p. 28)²⁴. Ou ainda: «Le soleil avait fait éclater le goudron»²⁵. Para o velho Sr. Pérez, frágil companheiro da mãe de Meursault no asilo, o sol também era um inimigo, pois se mostrava muito forte naquele dia do enterro podendo causar uma insolação.

A incapacidade de Meursault de expressar seus sentimentos não se aplica às suas impressões sobre o sol que estão

21 "Disse rapidamente, misturando um pouco as palavras e consciente do meu ridículo, que fora por causa do sol" (2005b, p. 107).

22 "Essa harmonia entre a arma e o astro contém as sementes do momento fatal" (REY, Pierre Louis, 1981, p. 57, tradução nossa).

23 "Hoje, o sol transbordante, que fazia estremecer a paisagem, tornava-a deprimente e desumana" (2005b, p. 19).

24 "O brilho do céu era insuportável" (2005b, p. 20).

25 "O sol derreteria o asfalto" (2005b, p. 20).

presentes na obra à medida que ele vai narrando sua história. O personagem usa as seguintes expressões para descrever o sol: «[...] le jour était complètement levé» (1942b, p. 22)²⁶, «Le soleil était monté un peu plus dans le ciel [...]» (p. 23)²⁷, ou «Le ciel était déjà plein de soleil» (p. 26)²⁸, «[...] le soleil débordant [...]» (p. 27)²⁹. Ao sair de casa para passar na praia, Meursault personifica a figura do sol e intensifica sua força dizendo: «[...] le jour, déjà tout plein de soleil, m'a frappé comme une gifle» (p. 75)³⁰. O sol, que tem lugar central em *L'étranger*, causa um grande impacto na vida do personagem principal tirando-lhe a atenção sobre as coisas e mesmo contribuindo para seu cansaço contínuo. Segundo Vicente Barreto (1991, p. 148): “A presença do sol nas obras de Camus coloca os personagens, como o caso de Meursault, vivendo a regularidade e o morno tédio da vida nos lugares ensolarados. Vemos o escorregar contínuo no tempo dos dias lindos e da beleza que chega a inibir o homem.”

Se por um lado o sol foi o motivo do infeliz destino de Meursault, por outro é ele que dá um tom mais suave e otimista ao personagem. O aspecto ambivalente que o sol representa na narrativa é o mesmo que a pobreza de Camus representava quando ele era criança: apesar de uma vida de privações, a própria simplicidade de sua infância unida à natureza o fazia feliz.

É em seu ensaio literário “La mort dans l'âme” em *L'envers et l'endroit* que Camus mais uma vez aponta a importância do sol em sua vida e sua obra (1937, p. 38): «Après

26 “[...] o sol tinha nascido” (2005b, p. 16).

27 “O sol estava um pouco mais alto [...]” (2005b, p. 16).

28 “O céu já estava cheio de sol” (2005b, p. 18).

29 “[...]o sol transbordante[...]” (2005b, p. 19).

30 “[...] o dia, já cheio de sol, atingiu-me como uma bofetada” (2005b, p. 51).

l'éblouissement des heures pleines de soleil, le soir vient, dans le décor splendide que lui font l'or du couchant et le noir des cyprès»³¹.

É em *Noces* e *L'été*, obras da juventude de Camus, que o narrador celebra a alegria de viver com mais entusiasmo diante da natureza que cerca os homens, entregando-se de corpo e alma aos lugares que visita e descreve. Como ser infeliz diante de uma natureza tão exuberante? Como não celebrar a união do homem com o sol e o mar? Camus expôs no título de *Noces* (Núpcias) a ideia de felicidade e união do homem com a natureza que abordaria nas páginas dessa obra. O narrador descreve pequenas alegrias proporcionadas pelo sol e pelo mar como um presente da terra aos seus habitantes e celebra as núpcias do homem com a natureza: «[...] nous étalons tous l'heureuse lassitude d'un jour de noces avec le monde» (1939, p. 58)³². E adiante reitera: «[...] cette odeur consacre les noces de l'homme et de la terre» (1939, p. 76)³³.

Cada detalhe da natureza descrita por Camus em suas obras é o suficiente para encher os personagens de amor pela vida e fazer transbordar seus corações. No primeiro ensaio da obra *Noces*, intitulado de “Noces à Tipasa” (1950, p. 11) o narrador celebra com mais intensidade essa alegria frente à natureza, seu amor pela terra e o seu orgulho por poder se unir a ela:

J'aime cette vie avec abandon et veux en parler avec liberté: elle me donne l'orgueil

31 “Depois do deslumbramento das horas cheias de sol, vem o deslumbramento do entardecer, no cenário esplêndido que nele faz ouro do pôr-do-sol e negro dos ciprestes” (2007, p. 87).

32 “[...] todos ostentamos a bem-aventurada lassidão de um dia de núpcias com o mundo” (1950, p. 11).

33 “[...] esse odor consagra as núpcias do homem e da terra” (1950, p. 36).

de ma condition d'homme. Pourtant, on me l'a souvent dit: il n'y a pas de quoi être fier. Si, il y a de quoi: ce soleil, cette mer, mon coeur bondissant de jeunesse, mon corps au goût de sel et l'immense décor où la tendresse et la gloire se rencontrent dans le jaune et le bleu (1939, p. 58)³⁴.

O ideal para Camus em *Noces* e *L'été* é estar sempre aberto e unido à natureza que rodeia o homem e, por intermédio dessa união, tentar reduzir a distância que existe entre o ser humano e o mundo. Para isso, o narrador se deixa levar pelas menores sensações provocadas pelo sol ou pelo mar. Segue-se o exemplo contido em *Noces* (1939, p. 57):

Ici même, je sais que jamais je ne m'approcherai assez du monde. Il me faut être nu et puis plonger dans la mer, encore tout parfumé des essences de la terre, laver celles-ci dans celle-là, et nouer sur ma peau l'etreinte pour laquelle soupirent lèvres à lèvres depuis si longtemps la terre et la mer³⁵.

O verão para Camus é definitivamente uma época feliz na qual o homem pode contemplar a natureza com mais força. Em *L'été*, o narrador partilha o que o leitor já percebera explicitamente também em *L'étranger*: «Au milieu de

34 “Gosto imensamente desta vida e desejo falar sobre ela com liberdade: dá-me o orgulho de minha condição de homem. No entanto, já me foi dito várias vezes: não há nenhum motivo para ser orgulhoso. Mas creio que há muitos: este sol, este mar, meu coração saltando da juventude, meu corpo com sabor de sal e o imenso cenário onde a ternura e a glória se reencontram no amarelo e azul” (1950, p. 11).

35 “Mesmo aqui, sei que jamais me aproximarei suficientemente do mundo. É preciso que eu fique nu e, depois, mergulhe no mar e que, ainda perfumado de essências da terra, possa lavá-las nas águas desse mesmo mar, estreitando em meu corpo o abraço pelo qual suspiram, lábio a lábio, há tão longo tempo, a terra e o mar” (1950, p. 10).

l'hiver, j'apprenais enfin qu'il y avait en moi un été invincible» (1954, p. 874)³⁶. Meursault consegue mesmo preso e à beira da morte, contemplar o céu e sentir-se parte da natureza. Para ele, deve-se admirar a beleza que há no mundo, uma vez que, fora deste, nada mais resta. Para um condenado à morte como Meursault, resta apenas viver suas últimas horas feliz e em comunhão com a natureza.

36 "Em pleno inverno, aprendia por fim que existia em meu ser um verão invencível" (1979, p. 120).

CONSIDERAÇÕES SOBRE NIILISMO E ABSURDO

Le sentiment de l'absurdité au détour de n'importe quelle
rue peut frapper à la face de n'importe quelle homme.

Albert Camus

A palavra niilismo deriva do termo latim *nihil* e significa **nada**. As primeiras ocorrências do termo aconteceram na Revolução Francesa e eram usadas para descrever os grupos de pessoas que não estavam nem a favor nem contra a Revolução. O niilismo é considerado um fenômeno histórico e na literatura contemporânea tem como um dos seus aspectos a morte do sentido. Rossano Pecoraro (2007, p. 7) define o niilismo como:

A falta de finalidade, de resposta ao porquê. Os valores tradicionais depreciam-se; princípios e critérios absolutos dissolvem-se. A bússola que outrora nos orientava, apesar das crises, das rupturas e das ilusões, da substituição

frenética das rotas, explodiu em nossas mãos. A vertigem subverte pensamento e ação. Filosofia, arte, política, moral; a cultura, a sociedade, as crenças, as instituições, tudo é sacudido, posto radicalmente em discussão. A superfície, antes congelada, das verdades e dos valores tradicionais está despedaçada e torna-se difícil prosseguir no caminho, avistar um ancoradouro.

O niilismo também é conhecido como outros termos que possuem características, ideias e impressões fortemente ligadas a ele como: pessimismo, mal do século e absurdo. Todas essas experiências possuem o desejo de clareza diante de um mundo ininteligível e procuram respostas à existência humana. Camus explica em *L'homme révolté* que: «Le nihiliste n'est pas celui qui ne croit à rien, mais celui qui ne croit pas à ce qui est» (1951, p. 479)³⁷.

Foi com o sentimento do absurdo que Camus moldou Meursault, o protagonista de *L'étranger*. O personagem locomove-se no absurdo proposto por Camus e extrai dele aspectos que lhe conferem um distanciamento da sociedade que o vê como um estrangeiro. Seu modo de agir e sua honestidade vêm de encontro ao padrão de comportamento que essa sociedade geralmente exige. O crime que o personagem comete fica em segundo plano e Meursault será julgado não só pelo tribunal, mas com críticas pelas pessoas que o cercam e que o acusam de não ter chorado no enterro de sua mãe.

³⁷ “O niilista não é aquele que não crê em nada, mas o que não crê no que existe” (2005a, p. 91).

Le Mythe de Sisyphe foi publicado em 1942 e é considerado a obra de maior densidade filosófica de Camus. Nela, o escritor expõe seus pensamentos sobre o absurdo da vida humana e outros temas correlatos como o suicídio, a negação de Deus e a lucidez humana. Com a publicação de *L'étranger*, os leitores de Camus veriam suas considerações acerca do absurdo refletidas em Meursault.

Muitas são as explicações de Camus em *Le Mythe de Sisyphe* para descrever o absurdo. De acordo com o escritor (1942a, p. 101), «[...] dans un univers soudain privé d'illusions et de lumières, l'homme se sent un étranger [...] ce divorce entre l'homme et sa vie, l'acteur et son décor, c'est proprement le sentiment de l'absurdité»³⁸. O absurdo não pode ser considerado como uma criação mental ou uma realidade física, mas sim como a procura do homem por respostas. O absurdo ainda pode ser considerado o vazio de um mundo que não tem como responder as perguntas do homem. Camus acrescenta que o absurdo «c'est ce divorce entre l'esprit qui désire et le monde qui déçoit [...]» (1942a, p. 135)³⁹.

Com uma linguagem clara, Camus ainda explica o absurdo como sendo: «[...] la confrontation de cet irrationnel et de ce désir éperdu de clarté dont l'appel résonne au plus profond de l'homme» (1942a, p. 113)⁴⁰. Esse confronto entre o homem e o mundo é revelado na vida de Meursault por meio de sua total indiferença às coisas, falta de motivos para seus atos e o estado de inércia em que se encontra. Essa indiferença que acompanha Meursault durante toda

38 «[...] num universo repentinamente privado de ilusões e de luzes, o homem se sente um estrangeiro [...] esse divórcio entre o homem e sua vida, o ator e seu cenário é propriamente o sentimento do absurdo» (2008, p. 20).

39 «[...] é o divórcio entre o espírito que deseja e o mundo que o decepciona» (2008, p. 62).

40 «[...] o confronto entre o irracional e o desejo desvaireado de clareza cujo apelo ressoa no mais profundo do homem» (2008, p. 35).

a narração de *L'étranger* é uma característica marcante do homem absurdo que Camus pretendeu demonstrar: o personagem nada explica, nem resolve, mas apenas sente e descreve as coisas tais quais elas são.

Para Camus (2008, p. 41), são necessários três fatores para se dar fim à lógica de uma existência: o irracional, a nostalgia humana e o absurdo. O fim dessa lógica vivida por uma pessoa que se depara com o absurdo não é, porém, o suicídio. A morte, que é iminente aos homens, acaba com o absurdo, uma vez que não há esse sentimento sem o desenrolar da vivência humana. O absurdo como conceito depende tanto do homem como do mundo, e é considerado a relação e, conseqüentemente, o eterno confronto entre ambos. Se o homem chega à conclusão, portanto, de que sua vida não vale mais a pena ser vivida, chega também à conclusão de que não vale a pena viver no absurdo. Manter-se lúcido até o fim, como fez Meursault mesmo diante de sua pena de morte, é característica do absurdo.

Outra característica do homem absurdo presente em *Le Mythe de Sisyphe* é que ele não abre espaço para a esperança: recusa-se, aliás, a aceitá-la. Quando o homem descobre sua vida tomada e abalada pelo absurdo, descobre também que a única verdade é a morte. Refugiar-se no divino significa saltar para fora do absurdo agarrando-se a uma esperança. A sua única liberdade, então, é a de existir. Quando o homem absurdo percebe que estava vinculado a ilusões, ele se solta da trava que o prendia e aí sim é livre para gozar a vida sem esperanças. Em *Le Mythe de Sisyphe* (1942a, p. 141), Camus declara: «L'absurde m'éclaire sur ce point: il n'y a pas de lendemain. Voici désormais la raison de ma liberté profonde»⁴¹. Meursault apegase à natu-

41 "O absurdo me esclarece o seguinte ponto: não há amanhã. Essa é, a partir de então, a razão da minha liberdade profunda" (2008, p. 70).

reza, ao sol e aos banhos de mar com sua namorada Marie, por exemplo, como uma forma de saborear sua liberdade. É Camus que resume essa liberdade (1942a, p. 149): «As-suré de sa liberté à terme, de sa révolte sans avenir et de sa conscience périssable, il poursuit son aventure dans le temps de sa vie»⁴².

De acordo com Camus, o homem absurdo vive à margem de Deus. Ele é centrado na razão lúcida e não há nada mais além dessa razão. Para Camus, o homem é o próprio centro de sua vida e nela é depositada a força de viver com toda intensidade. Apesar da consciência de que a morte é certa, o homem absurdo se recusa a morrer. Ele quer viver o máximo possível sua vida em comunhão com a natureza. Hélder Ribeiro analisa esse aspecto do absurdo (1996, p. 101):

Se o sentimento religioso propriamente dito não tem lugar na sua obra, ao contrário, o sentimento do sagrado é intenso. Nada é mais comovedor do que esta consagração do homem no que ele tem de frágil e perecível, do seu entusiasmo pelo amor e pela vida condenada ao fracasso, da sua comunhão com as grandes forças da natureza, como o mar.

Se, por um lado, o absurdo mostra ao homem que todas as experiências são indiferentes, por outro, ele o leva a viver o maior número possível de experiências por intermédio da única liberdade que o seu coração pode realmente aceitar e sentir: a liberdade de existir. De acordo

⁴² “Seguro de sua liberdade com prazo determinado, de sua revolta sem futuro e de sua consciência perecível, prossegue sua aventura no tempo de sua vida” (2008, p. 79).

com Camus (1942a, p. 144): «Sentir sa vie, sa révolte, sa liberté, et le plus possible, c'est vivre et plus possible»⁴³. Esse é o motivo pelo qual o homem absurdo recusa o suicídio: ele já conquistou a liberdade e o suicídio seria a recusa da sua própria vida. Camus abre suas páginas de *Le Mythe de Sisyphe* com essa questão. O escritor considera o suicídio uma questão filosófica realmente séria porque o homem deve julgar se a vida vale a pena ser vivida ou não (1942a, p. 99).

Consciente de sua liberdade, o homem passa a ser dono do seu próprio mundo e tem como sua única certeza a morte. Diante desse mundo desmoronado de sentido, o homem absurdo aceita a vida e dela extrai suas forças recusando-se à esperança. Camus nos revela, porém, que essa ausência de esperança não tem nenhuma ligação com o desespero, da mesma forma que essa recusa contínua do homem absurdo não significa renúncia (1942a, p. 121).

Uma vez que o homem absurdo precisa extrair o máximo possível da liberdade de existir e sabe que essa liberdade só tem sentido em relação ao seu fim certo (a morte), ele precisa então viver o máximo possível, recusando a própria morte em forma de suicídio. O homem absurdo não acredita no sentido profundo das coisas, por isso o que importa não é viver cada dia melhor, e sim viver mais. Para existir, basta estar, ver, ouvir, pensar e falar, pois estas são manifestações da existência. A vida de Meursault é constituída de uma série de experiências ora baseadas apenas no existir, e ora baseadas no viver. O personagem existe quando narra sua rotina que consiste apenas em satisfazer as necessidades básicas de um ser humano: ele

43 "Sentir o máximo possível sua vida, sua revolta, sua liberdade é viver o máximo possível" (2008, p. 74).

se alimenta, dorme e fuma. Seu trabalho não lhe desperta interesse e sua vida é uma sequência de experiências sem escolhas. Ele não se importa, por exemplo, quando seu patrão lhe faz uma proposta de emprego e responde que tanto fazia casar-se ou não com sua namorada. Observa-se, porém, que Meursault vive quando está em união com a natureza, respeitando-a e contemplando-a. Ele se entrega à natureza por inteiro e reconhece que com ela o homem pode viver uma aliança completa.

Camus diz em *Le Mythe de Sisyphe* (1942a, p. 145): «Le présent et la succession des présents devant une âme sans cesse consciente, c'est l'idéal de l'homme absurde»⁴⁴. Para o homem absurdo, todas as experiências são equivalentes, mas é conveniente que se viva a maior quantidade possível dessas experiências uma vez que a morte é certa e não existe uma força superior. Considerando que o homem absurdo não se importa com o futuro e está privado do eterno com a morte certa e a omissão de uma força superior, resta-lhe agarrar-se ao tempo presente para viver essas experiências. Em seus exemplos de homem absurdo, Camus recusa “o eterno, Deus, a imortalidade e a esperança” (RIBEIRO, 1996, p. 192).

Foi com Nietzsche que a reflexão filosófica do termo niilismo alcançou seu grau mais elevado, fazendo dele o maior teórico desta orientação. Percoraro (2007, p. 26) ressalta: “Incendiar ideias, valores e espíritos. Provocar uma impetuosa aceleração do movimento niilista por ele próprio descrito, diagnosticado. O impacto de Nietzsche na filosofia e na literatura do começo do século XX é violento”.

⁴⁴ “O presente e a sucessão de presentes diante de uma alma permanentemente consciente, eis o ideal do homem absurdo” (2008, p. 75).

Camus esteve ligado às ideias do filósofo alemão Nietzsche que o influenciou em alguns pontos de seu pensamento. De acordo com Marcelo Alves (2001, p. 23): “Entre os muitos pensadores e literatos franceses que têm parte do seu vigor crítico e criador excitado por Nietzsche, encontra-se Albert Camus”. Faz-se, então, importante ressaltar algumas similaridades entre o pensamento de Camus e Nietzsche acerca do herói e pessimismo trágico. Tanto Camus quanto Nietzsche negavam um sentido superior que pudesse organizar o mundo e ser justo com os homens. Além disso, afirmavam o amor pela vida que deve ser conduzida sem lamento ou resignação. A lucidez do homem diante de sua vivência faz-se imprescindível assim como a recusa a qualquer forma de evasão para os problemas da existência. Esse sim incondicional à vida é característica do pessimismo trágico e representa para Nietzsche e para Camus um sinal de vitalidade e força do homem que vive essa condição. Hélder Ribeiro observa: “A obra de Camus é emocionante pelo seu ar saudável, pela vontade de viver apesar de tudo [...]” (1996, p. 111).

Marcelo Alves (2001, p. 36) nota que o homem que precisa de algum tipo de fuga para suportar a existência diante deste mundo dá valor a Deus como uma forma de escape diante da dor de viver. Essa fuga recusa a lucidez e ameniza a dor de existir. Como consequência, esse homem despreza essa vida em detrimento da outra. Ao contrário deste, há, porém, o tipo de homem que dá valor e significado à própria existência. Permanece lúcido e lutando até o fim mesmo sem esperanças de qualquer fuga da realidade. Diz um sim pleno à vida por amor a ela. Este herói é o pessimista trágico que nega a negação da vida e é lúcido diante de todos os problemas da existência humana devido ao seu *amor fati*.

Para Alves (2001, p. 38), Camus exalta a natureza, sobretudo por intermédio de *Noces*, “de uma maneira fundamentalmente nietzschiana”:

Como deixar de perceber um tom dionisíaco nessas imagens de conciliação entre homem e natureza? A evocação da primavera como elemento de embriaguez natural, que dilui a medida, rompe com a individuação e promove a re-união dos seres; os “deuses” que falam de dentro da natureza para o homem que não lhe opõe resistência [...] tudo isto faz pensar em grande medida no fenômeno dionisíaco tal como Nietzsche o concebe (2001, p. 39).

A consciência de Meursault o opõe ao mundo, transformando-o em um estrangeiro. Porém, sua união com a natureza, o diálogo amoroso que ele trava com o mundo e sua lucidez diante de sua condição são fatores que o caracterizam como um herói trágico. Herói esse que ama sem limites a natureza e é consciente que essa natureza por fim aniquilará o homem. A natureza é reconhecida, então, como possibilidade de vida e como limite dessa mesma vida. Hélder Ribeiro (1996, p. 90) ressalta que: “[...] esse ‘amor fati’ que no sim à vida inclui a própria morte, de modo que chega a chamá-lo de ‘morte feliz’, provém em parte de Nietzsche. Assim se forma uma filosofia trágica [...]”.

Alguns personagens de Camus agem de acordo com o que prega Zaratustra, personagem central da obra de Nietzsche *Assim falou Zaratustra*. Em *Noces* e *L'étranger*, por exem-

plo, o homem é fiel à terra assim como Zaratustra clama aos seus discípulos que o sejam. Com grandiosos discursos, ele clama por fidelidade à terra e despreza quem acredita em qualquer força superior como esperança por uma vida melhor: “Exorto-vos, meus irmãos, a permanecer fiéis à terra e a não acreditar em quem vos fala de esperanças supraterestras” (2000, p. 26). Zaratustra continua:

Meus irmãos, permaneçei fiéis à terra como todo o poder da nossa virtude. Sirvam ao sentido da terra o vosso amor divino e o vosso conhecimento [...].

Não deixeis a vossa virtude fugir das coisas terrestres e adjar contra as paredes eternas. Ai! Tem havido sempre tanta virtude extraviada!

Restituí, como eu, à terra a virtude extraviada. Sim; restituí-a ao corpo e à vida, para que dê à terra o seu sentido, um sentido humano (NIETZSCHE, 2000, p. 77).

Zaratustra recusa uma força superior, e da mesma forma age o Dr. Rieux diante de uma epidemia na obra *La Peste*. Meursault também se nega a receber o capelão para pedir perdão antes de sua morte, permanecendo lúcido até o fim. Zaratustra diz: “Amo os que não procuram por detrás das estrelas uma razão para sucumbir [...] mas se sacrificam pela terra [...]” (2000, p. 27). Para Zaratustra, é preciso ser fiel à terra e dar à vida entre os homens um sentido humano:

Enfermos e decrépitos foram os que menosprezaram o corpo e a terra, os que inventaram as coisas celestes e as go-

tas de sangue redentor; mas até esses doces e lúgubres venenos foram buscar no corpo e na terra!

Queriam fugir da miséria, e as estrelas estavam demasiado longe para eles. Então suspiraram: 'Oh! se houvesse caminhos celestes para alcançar outra vida e outra felicidade!' E inventaram os seus artifícios e as suas beberagens sangrentas.

E julgaram-se arrebatados para longe do seu corpo e desta terra, os ingratos! A quem deviam, porém, o seu espasmo e o deleite do seu arroubamento? Ao seu corpo e a esta terra (NIETZSCHE, 2000, p. 42).

Meursault, em *L'étranger*, também recusa essa felicidade divina a que Zaratustra se refere como forma de esperança. Nota-se que prefere a terra e o próprio homem a Deus. Reconhece o absurdo da vida humana, mas é otimista quanto ao homem. Prefere ser consciente quanto à morte, aceitando-a e gozando a vida. Diz sim à vida e a aceita na íntegra para poder ser livre. Assim como Zaratustra, Meursault não tenta resolver essa tensão entre vida e morte buscando esperança além desta existência. Tanto Meursault, em *L'étranger*, como Patrice Mersault, em *La Mort heureuse*, fazem da sua lucidez motivo para gozar a vida e aceitarem a morte. Meursault é feliz com a natureza e perto de sua morte afirma mais uma vez sua união com o mundo.

Em *La Mort heureuse*, Patrice Mersault deseja morrer de olhos abertos e ser lúcido até o fim. Ambos são então con-

siderados heroicamente lúcidos. Ainda, em *La Peste*, o Dr. Rieux é um homem lúcido mesmo diante do caos de uma epidemia. Ele não se resigna diante de tantas mortes nem maldiz a vida. Une-se a outros voluntários para salvar homens que sofrem. Para Marcelo Alves, o Dr. Rieux vive entre o sim e o não porque ao mesmo tempo em que aceita o peso de sua existência não se esquivando da sua condição humana, também não deseja aumentar o mal do mundo (2001, p. 101). Trata-se de um sim e não semelhantes ao de Meursault. O personagem profere seu não quando se recusa a mentir para aumentar a injustiça do mundo e seu sim mostrando-se lúcido quanto à sua condição absurda até bem perto de sua morte.

Camus insere em sua obra *L'homme révolté* (publicada em 1951) um estudo intitulado de “Nietzsche et le nihilisme”. Alves explica que uma leitura atenciosa ao capítulo expõe ao leitor o alcance da influência de Nietzsche na obra camusiana, e por extensão é preciso fazer “um esforço para precisar o ponto exato onde acontece a ruptura entre as duas visões” (2001, p. 112).

Camus uniu as obras *L'étranger*, *Le Mythe de Sisyphe* e *Caligula* pelos laços do absurdo. *Caligula* foi a primeira peça de teatro escrita por Camus e foi representada pela primeira vez em 1945. A peça gira em torno do imperador romano que, depois de sofrer pela morte de sua irmã e também amante, constata uma triste verdade: «Les hommes meurent et ils ne sont pas heureux» (1958, p. 26)⁴⁵. A morte de sua irmã marca o início da clarividência que levará também o imperador à morte. *Caligula* é lançado então ao absurdo quando conclui que o mundo como está feito é insuportável. Quer viver sem máscaras e fora das

45 “Os homens morrem e não são felizes” (196-, p. 19).

mentiras da humanidade. Depois de conquistar sua lucidez, o personagem condena tanto os homens por viverem na mentira como os deuses porque são as próprias mentiras. Por ser fiel a si mesmo, Calígula é indiferente a todos os homens. De acordo com Vicente Barreto (1991, p. 177), “Calígula, ao destruir os homens e coisas que o cercavam estava na verdade destruindo-se. O caminho errado foi a sua falta de fé na humanidade, necessária para conservar a fé em si mesmo”.

Calígula deixa de ser um imperador bom e justo para tornar-se um homem insano e torturador. Ele quer ser livre a qualquer custo e para isso não analisa o que é certo ou errado, bom ou ruim e coloca-se fora das regras vigentes. O imperador quer mostrar o vazio que nivela todas as coisas e graças ao poder da sua liberdade assusta os que o rodeiam. Calígula quebra todos os limites e espalha uma onda de horror fazendo o povo pagar com a própria vida pela busca da sua liberdade sem limites.

Marcelo Alves (2001, p. 65) explica que: “Em suma, Calígula exerce, através de seu poder, uma liberdade sem limites, para assim tornar possíveis situações que até então eram tidas como impossíveis”. Ele quer punir a mentira com a morte. Sua paixão de viver leva-o à fúria da destruição movido pelo pensamento de que a verdadeira utilidade do poder é dar ao homem o impossível. Diante da morte de quem amou e, sobretudo porque nada pôde fazer, o imperador revolta-se contra a morte decidindo matar.

Como deseja a verdade, Calígula vive consciente do absurdo da vida humana e ao mesmo tempo se revolta contra essa verdade desejando o impossível. Calígula é lógico até o fim e deixa claro que se não há um sentido maior para a

existência humana, o ser humano não deve evadir-se para o divino ou mesmo mascarar a dura verdade de uma morte certa e uma vida sem sentido. Ao saber que um plano estava sendo traçado com o objetivo de matá-lo, o imperador chama um dos envolvidos e não o pune porque o mesmo confessa o desejo de destruí-lo com palavras verdadeiras (1958, p. 108).

Um outro aspecto do absurdo manifestado por Calígula é o nivelamento de todas as coisas. Considerando que o homem absurdo não ressalta uma coisa mais do que a outra, ele diz: «Tout est sur le même pied: la grandeur de Rome et tes crises d'arthritisme» (1958, p. 32)⁴⁶. Calígula é enfim morto pelo seu povo e sabe que essa morte sela seu fracasso diante da existência. Após assassinar sua fiel companheira Cesônia, Calígula compreende que a morte não soluciona os problemas da humanidade. Levado pouco a pouco à demência por suas ideias de destruição, o personagem proclama diante do espelho:

L'impossible! Je l'ai cherché aux limites du monde, aux confins de moi-même [...] je tends mes mains et c'est toi que je rencontre, toujours toi en face de moi, et je suis pour toi plein de haine. Je n'ai pas pris la voie qu'il fallait, je n'aboutis à rien. Ma liberté n'est pas la bonne (1958, p. 150)⁴⁷.

Camus tratou do absurdo em suas obras não como uma

46 “Está tudo no mesmo pé: a grandeza de Roma e as tuas crises de artritis” (196-, p. 25).

47 “O impossível! Procurei-o nos limites do mundo, nos confins de mim mesmo [...] estendo as minhas mãos e é a ti que encontro, sempre a ti diante de mim, e eis-me sempre cheio de ódio diante de ti. Não escolhi o bom caminho. Não consegui nada. A minha liberdade não é boa” (196-, p. 137).

corrente filosófica a ser seguida, mas com ideias claras que levam o leitor a reflexões sobre a vida humana e à incoerência da mesma por meio de seus personagens.

Sisyphé, personagem da mitologia grega, é condenado pelos deuses a empurrar uma rocha até o alto da montanha para depois soltá-la. Esse castigo foi atribuído a ele porque os deuses pensaram que não haveria trabalho pior do que um esforço inútil e sem esperança (1942a, p. 195). Camus considera esse mito trágico porque o personagem é consciente: «Où serait en effet sa peine, si à chaque pas l'espoir de réussir le soutenait?» (1942a, p. 196)⁴⁸.

Depois de todo seu esforço para empurrar a pedra até o cume, Sisyphé atinge sua meta, porém vê seu trabalho desfeito com a queda. Terá que rolar essa pedra novamente e vê-la cair enquanto ele viver. Ao contrário de sofrimento e resignação, Sisyphé é a figura do homem absurdo que aceita seu destino. Ele ignora os deuses, ama a vida e recusa a evadir-se do absurdo pelo suicídio. O preço que tem a pagar é por sua paixão pela vida. Ele não deseja uma outra vida ou tem esperança a cada vez que rola sua pedra. É consciente enquanto trabalha e vê sua pedra cair. Essa consciência que ele tem do próprio castigo, torna-o superior à sua própria pena. É a própria clarividência que dá a Sisyphé sua vitória em vez de tormento. A felicidade silenciosa de Sisyphé foi conquistada por meio de sua lucidez e aceitação do seu destino. Esse destino é para ele uma questão terrestre, tratada entre homens. Para Sisyphé, não há destino superior. Mesmo vivendo no absurdo e condenado por sua desobediência aos deuses, ele consegue viver integralmente a vida. Ribeiro analisa que

48 "O que seria a sua pena se a esperança de triunfar o sustentasse a cada passo?" (2008, p. 139).

“O absurdo não autoriza a esperança mas também não legitima o desespero” (1996, p. 246).

Assim como Sisyphé, Meursault é um herói trágico. Ele é lúcido, ama a natureza e recusa-se a acreditar no divino. O pessimismo que Meursault viverá não o levará à resignação ou ao lamento, mas sim à lucidez diante do absurdo de suas experiências com o mundo. De acordo com Marcelo Alves (2001, p. 36), esse sim incondicional à vida, “[...] sim ao combate mesmo sem esperança de vencê-lo, mas lutando até o fim como se fosse possível, por amor à própria luta, entendida como exercício de plenitude de vida – este é o herói, o pessimista trágico”.

Meursault aceitará pagar pelo crime que cometeu sem resignação e de uma forma lúcida. Sua coragem o levará a enfrentar seu castigo com consciência. O personagem é feliz com sua vida, com a namorada Marie e principalmente unido à natureza que o cerca. Ele desfruta do sol e do mar antes de ser preso, contenta-se na prisão com um pedaço de jornal velho e acostuma-se com a ausência do cigarro. É o próprio autor que pergunta aos seus leitores em *Le Mythe de Sisyphé* (1942a, p. 149): «Qu'est-ce en effet que l'homme absurde?»⁴⁹. E se encarrega de responder: «Celui qui, sans le nier, ne fait rien pour l'éternel»⁵⁰. Sisyphé e Meursault vivem o presente sem esperança de uma vida melhor, não negam seus destinos e nada fazem para mudá-lo.

Camus considera o absurdo da vida humana não como o fim, mas como o começo. É mediante a constatação do absurdo que o homem, consciente de suas limitações e lú-

49 “O que é, de fato, o homem absurdo?” (2008, p. 79).

50 “Aquele que, sem negá-lo, nada faz pelo eterno” (2008, p. 79).

cido diante do mal do mundo, poderá ser feliz. Em outras palavras, os homens podem ser felizes a partir do momento em que aceitam sua condição de homem mortal e vivem essa condição sem resignação.

Sisyphe e Meursault extraem de suas experiências com o mundo o máximo de prazer apesar de sua lucidez quanto ao destino certo: a morte. São conscientes para aceitar a morte, mas querem viver. Dizem um sim pleno à vida, e não à morte como forma de enfrentá-la e viverem mais. Por outro lado dizem sim à morte, e a aceitam enquanto limite da experiência humana. Sisyphe e Meursault vivem então entre o sim e o não e são mais fortes do que a própria condição de homens. Camus termina *Le Mythe de Sisyphe* lembrando que: «Il faut imaginer Sisyphe heureux» (1942a, p. 198)⁵¹.

51 “É preciso imaginar Sísifo feliz” (2008, p. 141).

MEURSAULT: UM ESTRANGEIRO AO MUNDO QUE O RODEIA

(...) dans notre société, tout homme qui ne pleure pas à l'enterrement de sa mère risque d'être condamné à mort (...).

Albert Camus

Camus utilizou-se da ficção para demonstrar por meio dos seus personagens o absurdo vivido pelo homem e a incoerência da vida humana. O título de sua obra mais conhecida, *L'étranger*, refere-se ao personagem principal da narrativa, Meursault, que é considerado um estrangeiro devido ao seu comportamento indiferente frente ao mundo em que vive.

Meursault não vivencia momentos de grandes desgostos ou de alegria, não tem um amor exaltado e não chora no enterro de sua mãe. Ele ainda não dá mostras de qualquer interesse intelectual, político ou artístico. Suas distrações são insignificantes como ler algum pedaço de jornal velho em seu quarto e na prisão ou ficar na varanda de sua casa

vendo a movimentação das pessoas na rua. A forma honesta e indiferente de ser de Meursault e sua incapacidade de exteriorizar seus sentimentos fazem dele um estrangeiro em uma sociedade que o julga porque ele não aceita jogar o jogo da mentira, muitas vezes conveniente aos homens.

Durante a narrativa, Camus descreve a vivência absurda de Meursault, que é um funcionário de um escritório em Argel, e sua reação diante da vida. Ao cometer um crime aparentemente sem razão com uma arma que um companheiro lhe confiara, o personagem é julgado não somente por esse crime, mas principalmente por seu jeito indiferente de ser. Não se faz necessário (e não há) qualquer descrição do absurdo durante a narrativa. Camus faz com que o leitor perceba o absurdo por intermédio dos atos, fala e natureza do personagem. Em *Le Mythe de Sisyphe* (1942a, p. 101) Camus diz que, «[...] dans un univers soudain privé d'illusions et de lumières, l'homme se sent un étranger [...]. Ce divorce entre l'homme et sa vie, l'acteur et son décor, c'est proprement le sentiment de l'absurdité»⁵².

Em seus estudos sobre Meursault, Fitch (1972, p. 72) nota que, apesar da aparente falta de sentimentos, o personagem é capaz de se unir à natureza e conseqüentemente sentir-se contentado com ela. Isso acontece porque sua relação com o mundo se limita ao físico e ao sensorial e não é acompanhada por nenhum compromisso afetivo. A predominância da experiência sensorial (banhos de mar, prazer ou desânimo por causa do sol) sobre a experiência emocional é muito clara em *L'étranger*. Ainda segundo Fitch, Meursault não é um personagem visto por si mesmo, mas apenas pelo conjunto das experiências resultantes da

52 “[...] num universo repentinamente privado de ilusões e de luzes [...] o homem se sente um estrangeiro [...]. Esse divórcio entre o homem e sua vida, o ator e seu cenário é propriamente o sentimento do absurdo” (2008, p. 20).

comunicação dele mediante seus sentidos. Dessa forma, o personagem reduz o mundo a uma série de experiências sensoriais.

Sob o forte brilho do sol de Marengo (a oitenta quilômetros de Argel), Meursault sepulta sua mãe e vive logo nas primeiras páginas da obra os fatos que serão os verdadeiros motivos para a condenação diante do assassinato que ele comete. Eis o parágrafo que abre a obra *L'étranger* (1942b, p. 9): «Aujourd'hui, mamam est morte. Ou peut-être hier, je ne sais pas. J'ai reçu un télégramme de l'asile: 'Mère décédée. Enterrement demain. Sentiments distingués'. Cela ne veut rien dire. C'était peut-être hier»⁵³.

A maneira com que o personagem lida com a morte da própria mãe é suscetível de causar certa repulsa nos leitores que se deparam com tamanha indiferença de um filho diante da perda de um ente geralmente tão estimado. Meursault contraria os costumes sociais do ocidente em que os filhos normalmente choram no enterro de suas genitoras. Ele se comporta de forma fria durante todo o velório e se recusa a ver o corpo de sua mãe quando chega ao asilo. Ainda no velório, ouve uma amiga de sua mãe chorando e manifesta o desejo de não ouvi-la mais porque aquilo o incomodava (1942b, p. 20). Meursault tenta explicar em *L'étranger* a falta de apoio dado à sua mãe e as raras visitas ao asilo depois de ter que enviá-la para lá por não ter como mantê-la: «[...] dans la dernière année je n'y suis presque plus allé. Et aussi parce que cela me prenait mon dimanche – sans compter l'effort pour aller à l'autobus, prendre des tickets et faire deux heures de

53 "Hoje mamãe morreu, ou talvez ontem, não sei bem. Recebi um telegrama do asilo: 'Mãe morta, enterro amanhã. Sinceros pêsames'. Isto não esclarece nada, talvez tenha sido ontem" (2005b, p. 7).

route » (1942b, p. 12)⁵⁴.

Meursault não demonstra interesse por aventuras e o episódio que mais se distancia de sua rotina é o enterro de sua mãe. O personagem se sente aliviado quando toda a cerimônia do enterro acaba e ele poderá voltar para casa. Esse alívio também é manifestado quando, um dia antes de voltar ao trabalho, ele diz: «J'ai pensé que c'était toujours un dimanche de tiré, que maman était maintenant enterrée, que j'allais reprendre mon travail et que, somme toute, il n'y avait rien de changé» (1942b, p. 39)⁵⁵. Essa fala demonstra claramente que o personagem não gostava de ter sua rotina alterada.

O luto de Meursault não o impede de sair com Marie, uma antiga datilógrafa do escritório, um dia após o enterro de sua mãe. Ao vê-lo com uma gravata preta, Marie lhe pergunta se ele estava de luto. Meursault diz que sua mãe havia morrido um dia antes. O personagem ainda teve vontade de dizer que a culpa não era dele, mas preferiu o silêncio, pois a mesma frase já havia sido dita ao patrão. À noite, o casal vai ao cinema assistir a um filme com momentos engraçados e a intimidade dos dois é estreitada com carícias e um beijo (1942b, p. 33).

Meursault não exterioriza, pois, nenhum sofrimento pela morte de sua mãe e, um dia depois que a enterra, distrai-se com uma antiga colega de trabalho e vai ao cinema com ela assistir a um filme de comédia. Esses atos do personagem ilustram a quebra dos costumes geralmente seguidos

54 “[...] no último ano, quase não fui visitá-la. E também porque a visita me tirava o domingo, sem contar o esforço para ir até o ônibus, pegar as passagens e fazer duas horas de viagem” (2005b, p. 9).

55 “Pensei que passara mais um domingo, que mamãe agora já estava enterrada, que ia retomar o trabalho, e que, afinal, nada mudara” (2005b, p. 27).

pela sociedade e sugerem uma obediência a normas que ele próprio toma como convenientes.

O fato de recusar-se a mentir e não seguir esses costumes são razões suficientes para que Meursault seja excluído e criticado pelas pessoas que o cercam. Assim, a honestidade do personagem consiste não só em dizer sempre a verdade e descrever os fatos assim como eles são, mas também em seguir suas próprias normas, o que na maioria das vezes implica em quebrar os costumes convencionais. Em *Le Mythe de Sisyphe* (1942a, p. 101), Camus diz: «On continue à faire les gestes que l'existence commande, pour beaucoup de raisons dont la première est l'habitude»⁵⁶. Meursault será julgado na segunda parte da obra não somente pelo crime que cometeu, mas por quebrar esses gestos impostos pela existência socializada.

O tédio e a rotina conduzem as ações de Meursault na primeira parte da narrativa e o personagem se submete a uma vida banalmente cotidiana. Seu universo na obra é basicamente resumido a seu quarto, seu escritório, seu bairro e à praia em que passeia com a namorada Marie e o vizinho Raymond. Em geral, as pessoas mais próximas de Meursault que fazem parte do seu pequeno universo são a namorada Marie e os vizinhos Raymond e Salamano, que moram no mesmo andar que ele. Meursault faz regularmente suas refeições na pensão do Céleste, situada no mesmo bairro em que ele mora e ainda cita um colega do escritório (Emmanuel) como seu companheiro de almoço e conversas.

Meursault é uma pessoa simples, sincera e sem ambições

56 “Continuamos fazendo os gestos que a existência impõe por muitos motivos, o primeiro dos quais é o costume” (2008, p. 19).

aparentes. O personagem declara não gostar do domingo, por ser um dia que o aborrece. Ele não sai da cama até o meio-dia e na outra metade do domingo observa o lento decorrer da tarde e a rotina das pessoas (1942b, p. 35). Meursault enche seu dia com ações simples como lavar as mãos, vagar pelo apartamento, olhar para o céu ou ler um velho jornal.

O movimento das pessoas na rua principal pode ser observado pelo personagem da varanda do seu quarto. O vaivém de famílias e jovens que saem para passear e divertir-se no domingo é observado por Meursault até que ele se sentisse «[...] un peu mal au cou d'être resté longtemps appuyé sur le dos de ma chaise» (1942b, p. 39)⁵⁷. Meursault ainda sente os olhos cansados: «J'ai senti mes yeux se fatiguer à regarder ainsi les trottoirs avec leur chargement d'hommes et de lumières» (1942b, p. 38)⁵⁸. Esse tédio é comumente vivido pelo homem absurdo até que um dia ele passa a questionar o porquê de tudo. De acordo com Camus em *Le Mythe de Sisyphe* (1942a, p. 107):

Il arrive que les décors s'écroulent. Lever, tramway, quatre heures de bureau ou d'usine, repas, tramway, quatre heures de travail, repas, sommeil et lundi mardi mercredi jeudi vendredi et samedi sur le même rythme, cette route se suit aisément la plupart du temps. Un jour seulement, le «pourquoi» s'élève et tout commence dans cette lassitude teintée d'étonnement [...] La lassitude est à la

57 “[...] um pouco de dor no pescoço por ter ficado tanto tempo apoiado no encosto da cadeira” (2005b, p.27).

58 “Senti os olhos se cansarem de tanto olhar as calçadas com sua carga de homens e luzes” (2005b, p.26-27).

*fin des actes d'une vie machinale, mais elle inaugure en même temps le mouvement de la conscience*⁵⁹.

Todos os acontecimentos da vida de Meursault estão no mesmo plano e nenhum tem mais importância do que o outro. Sua vida é sem brilho e composta de experiências ordinárias. Isso ocorre porque não acreditar no sentido das coisas é característica do homem absurdo. Camus explica, em *Le Mythe de Sisyphe* (1942a, p. 109), que: «Sous l'éclairage mortel de cette destinée, l'inutilité apparaît. Aucune morale ni aucun effort ne sont a priori justifiables devant les sanglantes mathématiques qui ordonnent notre condition»⁶⁰.

O tempo é então o responsável por trazer a todos os homens o inevitável: a morte. Se a morte não pode ser evitada, para que vale tanto esforço de uma vida cheia de sacrifícios? Tudo é em vão para o homem na medida em que tudo o que for construído será destruído pela morte. A morte é o único inimigo intransponível contra a felicidade integral do homem e sua ameaça é constante.

Meursault se comporta na maioria das vezes de forma fria e indiferente, mas seus desejos físicos e alguns gestos que demonstram cordialidade estão presentes em certas passagens da obra. Apesar de não demonstrar seus sentimentos pela namorada Marie, Meursault exterioriza seu desejo

59 “Cenários desabarem é coisa que acontece. Acordar, bonde, quatro horas no escritório ou na fábrica, almoço, bonde, quatro horas de trabalho, jantar, sono e segunda terça quarta quinta sexta e sábado no mesmo ritmo, um percurso que transcorre sem problemas a maior parte do tempo. Um belo dia surge o “por quê” e tudo começa a entrar numa lassidão tingida de assombro [...] A lassidão está ao final dos atos de uma vida maquina, mas inaugura ao mesmo tempo um movimento da consciência” (2008, p.27).

60 “Sob a iluminação mortal desse destino, aparece a inutilidade. Nenhuma moral, nenhum esforço são justificados a priori diante das matemáticas sangrentas que ordenam nossa condição” (2008, p. 30).

por ela, provocado por um simples sorriso, seu bronzeado ou um vestido: «J'ai eu très envie d'elle parce qu'elle avait une belle robe à raies rouges et blanches et des sandales de cuir» (1942b, p. 55)⁶¹.

No domingo, ao ver Marie de vestido de algodão branco e cabelos soltos, Meursault diz que ela está bonita. Ainda, ao vê-la sorrindo e conversando com a esposa de Masson (amigo do vizinho Raymond), ele pensa pela primeira vez que realmente iria se casar (1942b, p. 79).

Apesar de não ter exteriorizado seus sentimentos durante o enterro e velório de sua mãe, Meursault mostra-se sensível em relação à morte dela em alguns momentos. Ele provavelmente está abalado quando chega ao asilo e diz que quer vê-la imediatamente. Depois, porém, recusa-se a isso (1942b, p. 11). O personagem, entretanto, passa a noite ao lado do corpo de sua mãe como um ato de respeito a ela. No caminho para o enterro, observa os campos ao seu redor e diz que compreendia sua mãe «À travers les lignes de cyprès qui menaient aux collines près du ciel, cette terre rousse et verte [...]» (1942b, p. 27)⁶². Quando está em casa e ouve um vizinho chorar, Meursault não sabe por que pensa em sua mãe (1942b, p. 63).

Ainda outros atos preservam o personagem da indiferença completa. Na prisão, Meursault sente-se abalado com a hora de que ele não gostava de falar. Apesar de não se sentir infeliz pela manhã, a noite era «[...] l'heure sans nom, où les bruits du soir montaient de tous les étages de la

61 "Desejei-a intensamente porque usava um belo vestido de listras vermelhas e brancas e sandálias de couro" (2005b, p. 37).

62 "Por meio das linhas de ciprestes que conduziam às colinas perto do céu, desta terra ruça e verde [...]" (2005b, p. 19).

prison dans un cortège de silence» (1942b, p. 124)⁶³. Para Meursault, depois do dia ensolarado e cheio de prazeres, vem a noite escura e carregada de tristeza.

No tribunal, algumas pessoas do asilo relataram o comportamento indiferente de Meursault frente ao corpo da própria mãe. O réu, então, sentiu pela primeira vez em muito tempo vontade de chorar, porque compreendeu que era detestado por toda aquela gente (1942b, p. 136). Céleste, dono da pensão em que o acusado frequentava regularmente fazendo suas refeições, também é testemunha e desperta em Meursault a vontade de beijar um homem pela primeira vez em sua vida (1942b, p. 140).

Meursault não está privado, assim, de toda a sensibilidade. Ele nutre uma paixão pela verdade e honestidade que desperta certa repulsa nas pessoas que o cercam. Essa paixão é entendida erroneamente pela sociedade que o julga como um homem que não se enquadra nos padrões sociais. Seu comportamento diante do mundo é considerado como uma forma subvertida de levar a vida. Em *Le Mythe de Sisyphe* (1942a, p. 121), Camus fala sobre a honestidade do homem absurdo frente ao mundo que o rodeia: «Il existe un fait d'évidence qui semble tout à fait moral, c'est qu'un homme est toujours la proie de ses vérités. Une fois reconnues, il ne saurait s'en détacher. Il faut bien payer un peu»⁶⁴.

Meursault pagará o preço por suas verdades. Ele sofrerá as consequências de suas respostas e sentimentos hones-

63 “[...] a hora sem nome, em que os ruídos subiam pela prisão num cortejo de silêncio” (2005b, p. 85).

64 “Existe um fato evidente que parece absolutamente moral: um homem é sempre vítima de suas verdades. Uma vez que as reconhece, não é capaz de se desfazer delas. Precisa pagar um preço” (2008, p. 46).

tos. Sua sentença final será muito mais dura do que um homem sem antecedentes criminais poderia receber: a decapitação.

O absurdo que Camus quis ilustrar por intermédio de Meursault está explícito principalmente nas respostas indiferentes e honestas do personagem. Meursault não tem certeza de nada, não é firme em suas respostas, e pequenas frases como “tanto faz”, “isto não quer dizer nada” ou “não importa” estão presentes durante toda a narrativa. De acordo com Camus, em *Le Mythe de Sisyphe* (1942a, p. 106): «Mais si cette réponse est sincère, si elle figure ce singulier état d’âme où le vide devient éloquent, où la chaîne des gestes quotidiens est rompue, où le cœur cherche en vain le maillon qui la renoue, elle est alors comme le premier signe de l’absurdité»⁶⁵.

O vazio que Meursault expressa ao proferir suas palavras é, pois, característica do homem absurdo. Um exemplo desse vazio é demonstrado por Meursault quando ele responde se sofrera no dia da morte de sua mãe: «[...] ni maman ni moi n’attendions plus rien l’un de l’autre, ni d’ailleurs de personne [...]» (1942b, p. 133)⁶⁶.

Ao pedir dois dias de licença ao seu patrão por causa do falecimento de sua mãe e perceber que este não ficou satisfeito, Meursault responde curiosamente: «Ce n’est pas de ma faute» (1942b, p. 9)⁶⁷. Ainda, quando o porteiro do asilo pergunta se Meursault quer ver sua mãe no caixão,

65 “[...] se a resposta dada for sincera, se expressar aquele singular estado de alma em que o vazio se torna eloquente, em que se rompe a corrente de gestos cotidianos, em que o coração procura em vão o elo que lhe falta, ela é então um primeiro sinal do absurdo (2008, p. 27).

66 “[...] nem mamãe nem eu esperávamos mais nada um do outro, nem, aliás, de ninguém [...]” (2005b, p. 91).

67 “A culpa não é minha” (2005b, p. 7).

ele responde que não e, ao ser questionado por que, ele apenas diz: «Je ne sais pas» (1942b, p. 14)⁶⁸. Essa inocência nas respostas de Meursault não é proposital e ilustra de forma clara e simples um homem vivendo o absurdo imposto pela incoerência do mundo.

A indiferença característica de Meursault está também claramente demonstrada na relação com seu patrão. Logo ao acordar no sábado (um dia após o enterro de sua mãe), ele expõe suas conclusões a respeito do pedido de licença que teve que fazer ao patrão (1942b, p. 31):

En me réveillant, j'ai compris pourquoi mon patron avait l'air mécontent quand je lui ai demandé mes deux jours de congé: c'est aujourd'hui samedi. Je l'avais pour ainsi dire oublié, mais en me levant, cette idée m'est venue. Mon patron, tout naturellement, a pensé que j'aurais ainsi quatre jours de vacances avec mon dimanche et cela ne pouvait pas lui faire plaisir. Mais d'une part, ce n'est pas de ma faute si on a enterré maman hier au lieu d'aujourd'hui et d'autre part, j'aurais eu mon samedi et mon dimanche de toutes façons⁶⁹.

Meursault não faz planos para seu futuro nem quando seu patrão fala sobre uma boa oportunidade de emprego em

68 “Não sei” (2005b, p. 10).

69 “Ao acordar, compreendi porque meu patrão se mostrara aborrecido quando lhe pedi meus dois dias de licença: hoje é sábado. Tinha, por assim dizer, esquecido, mas, ao levantar-me, essa ideia me ocorreu. Meu patrão muito naturalmente pensou que eu disporia, assim, de quatro dias de folga, contando com o domingo, e isso não lhe podia agradar. Mas, por um lado, não é culpa minha se enterraram mamãe ontem ao invés de hoje e, por outro lado, teria tido de qualquer maneira o sábado e os domingo livres” (2005b, p. 22).

Paris. Ao convite feito por seu chefe, sua resposta é indifferente e deixa claro um sentimento de ausência de ambição (1942b, p. 66):

J'ai dit que oui mais que dans le fond cela m'était égal. Il m'a demandé alors si je n'étais pas intéressé par un changement de vie. J'ai répondu qu'on ne changeait jamais de vie, qu'en tout cas toutes se valaient et que la mienne ici ne me déplaisait pas du tout. Il a eu l'air mécontent, m'a dit que je répondais toujours à côté, que je n'avais pas d'ambition et que cela était désastreux dans les affaires⁷⁰.

Camus explica, em *Le Mythe de Sisyphe* (1942a, p. 140), a indiferença que é comum ao homem absurdo e é demonstrada por Meursault em relação ao seu futuro:

Avant de rencontrer l'absurde, l'homme quotidien vit avec des buts, un souci d'avenir [...]. Il évalue ses chances, il compte sur le plus tard, sur sa retraite ou le travail de ses fils. Il croit encore que quelque chose dans sa vie peut se diriger. Au vrai, il agit comme s'il était libre, même si tous les faits se chargent de contredire cette liberté. Après

70 "Disse que sim, mas que no fundo tanto fazia. Perguntou-me, depois, se eu não estava interessado em uma mudança de vida. Respondi que nunca se muda de vida; que, em todo caso, todas se equivaliam, e que a minha aqui não me desagradava em absoluto. Mostrou-se descontente, ponderando que eu respondia sempre à margem das questões, que não tinha ambição e que isto era desastroso nos negócios" (2005b, p. 45).

*l'absurde, tout se trouve ébranlé*⁷¹.

O curso da vida do homem cotidiano segue outro rumo quando o absurdo lhe desvenda a única coisa que lhe é certa: a morte. Ter certeza do amanhã, fazer planos ou traçar metas para o futuro é assegurar-se de uma liberdade que a morte certa não permite a esse homem absurdo. A liberdade de existir que incita o homem a viver a maior quantidade de experiências no presente é a única verdade em que o homem absurdo pode se basear.

Meursault explica, porém, que a falta de ambição que ele expressa diante da recusa de uma oportunidade de emprego melhor e diante de sua existência nem sempre foi assim: «Quand j'étais étudiant, j'avais beaucoup d'ambitions de ce genre. Mais quand j'ai dû abandonner mes études, j'ai très vite compris que tout cela était sans importance réelle» (1942b, p. 67)⁷².

Quando Céleste pergunta se seu cliente está bem apesar do falecimento da mãe, Meursault é breve na resposta e termina logo o assunto: «Je lui ai dit que oui et que j'avais faim» (1942b, p. 43)⁷³. Ou ainda, quando o funcionário da agência funerária pergunta a Meursault quantos anos sua mãe tinha, ele não sabe responder (1942b, p. 28).

O primeiro encontro de Meursault com Marie acontece de forma não planejada um dia depois do enterro da mãe

71 “Antes de encontrar o absurdo, o homem cotidiano vive com metas, uma preocupação com o futuro [...]. Avalia suas possibilidades, conta com o porvir, com sua aposentadoria ou o trabalho dos filhos. Ainda acredita que alguma coisa em sua vida pode ser dirigida. Na verdade, age como se fosse livre, por mais que todos os fatos se encarreguem de contradizer tal liberdade. Depois do absurdo, tudo fica abalado” (2008, p. 68).

72 “Quando era estudante, tinha muitas ambições desse gênero. Mas, quando tive de abandonar os estudos, compreendi muito depressa que essas coisas não tinham real importância” (2005b, p. 45).

73 “Disse-lhe que sim e que estava com fome” (2005b, p. 29).

dele e essa relação é levada adiante sem qualquer tipo de demonstração de sentimentos por parte do protagonista de *L'étranger*. Meursault não usa palavras doces ou demonstra gestos afetuosos por sua namorada e decepciona Marie, que já começava a vislumbrar um futuro com ele.

Marie mostra-se sensível e esforça-se para ter algum tipo de retorno do namorado. Quando pergunta se ele a amava, ouve como resposta do namorado: «Je lui ai répondu que cela ne voulait rien dire, mais qu'il me semblait que non» (1942b, p. 57)⁷⁴. As respostas indiferentes e honestas de Meursault claramente entristecem Marie, que retoma o assunto, dessa vez perguntando se ele queria casar-se com ela. Mais uma vez, Meursault não faz escolhas: «J'ai dit que cela m'était égal et que nous pourrions le faire si elle le voulait» (1942b, p. 67)⁷⁵.

Segundo Meursault, o casamento não tem importância e não é uma coisa séria. Essa opinião causa espanto em sua namorada Marie. Ela, que é a pessoa mais próxima de Meursault durante a narrativa, expõe sua opinião a respeito dele: «[...] elle a murmuré que j'étais bizarre [...]» (1942b, p. 68)⁷⁶. Quando Marie fala que não poderia jantar na pensão de Céleste com Meursault porque tinha o que fazer, a moça precisa perguntar: «Tu ne veux pas savoir ce que j'ai à faire?», ao que Meursault responde: «Je voulais bien le savoir, mais je n'y avais pas pensé [...]» (1942b, p. 69)⁷⁷.

Meursault se recusa a fazer qualquer escolha, o que des-

74 “Respondi-lhe que isto não queria dizer nada, mas que parecia que não” (2005b, p. 38).

75 “Disse que tanto fazia, mas que se ela queria, poderíamos nos casar” (2005b, p. 45).

76 “[...] murmurou que eu era uma pessoa estranha [...]” (2005b, p. 46).

77 “Não quer saber o que tenho que fazer?”; “Eu queria muito saber, mas não tinha pensado nisso [...]” (2005b, p. 47).

caracterizaria a vivência absurda que leva. A falta de perspectiva para o futuro e de iniciativa no dia a dia fazem parte do homem absurdo que é moldado pela vida e apenas suporta a realidade. O absurdo, então, exclui qualquer tipo de escolha e leva o homem que o vive a estar sempre entre o sim e o não. Do ponto de vista ético, Meursault estará sempre fora do contexto socializado, uma vez que não traça metas e nem planeja alcançar bens materiais.

Há ainda a relação do protagonista com o vizinho Raymond. Apesar de Meursault ser gentil com o vizinho, essa amizade lhe é indiferente. Quando Raymond pergunta se Meursault quer ser seu amigo, este responde: «J'ai dit que ça m'était égal [...]» (1942b, p. 47)⁷⁸. O fato de Raymond ser um proxeneta e as pessoas fazerem comentários sobre isso não incomoda Meursault, que não o trata com diferença alguma. Meursault passa a ser um ouvinte de Raymond e sempre responde às suas perguntas com um tanto faz. Ao ficar sabendo da morte da mãe de Meursault, Raymond tenta consolá-lo dizendo que a morte aconteceria mais cedo ou mais tarde. Meursault concorda com ele dizendo que tinha a mesma opinião (1942b, p. 53).

Raymond leva uma bofetada de um policial, que é chamado por um vizinho para separar uma briga dele com uma mulher. Depois do acontecido, Raymond questiona Meursault se ele deveria ter reagido diante da agressão do policial. Meursault diz: «J'ai répondu que je n'attendais rien [...]» (1942b, p. 60)⁷⁹. Diante da necessidade do vizinho que Meursault servisse de testemunha, este diz: «Moi cela m'était égal [...]» (1942b, p. 60)⁸⁰.

78 "Respondi que tanto fazia [...]" (2005b, p. 32).

79 "Respondi-lhe que não esperava absolutamente nada" (2005b, p. 40)

80 "A mim tanto fazia [...]" (2005b, p. 40)

Meursault tem pouco contato com seu vizinho de andar Salamano. Depois da morte de sua esposa, esse vizinho tinha como companheiro um cão doente e por hábito levava-o para passear. Há oito anos cão e dono estavam sempre juntos. Os dois moravam em um pequeno quarto e, de acordo com Meursault, tinham a aparência similar. O velho descia as escadas xingando seu cão e Meursault já estava acostumado a essa cena e às palavras que Salamano dirigia ao animal. Foi, porém, depois de um desses passeios que Meursault ouviu seu vizinho chorando porque seu cão havia fugido. Apesar de os vizinhos só se cruzarem na escada e não terem qualquer relação de amizade além de cumprimentos ou comentários soltos, Salamano procura consolo em Meursault, que lhe sugere arranjar outro cão. Quando Salamano comenta, meio sem jeito, que Meursault fora criticado por mandar sua mãe ao asilo, ouve como resposta que o asilo parecia coisa natural. A conversa é breve e Meursault confessa que o vizinho o entediava um pouco (1942b, p. 71).

Uma característica do personagem principal de *L'étranger* que chama atenção é o constante cansaço do protagonista. Meursault vive em função de satisfazer suas necessidades básicas como fumar, comer e principalmente dormir.

Logo no começo da narrativa, Meursault demonstra a necessidade de dormir quando está no ônibus a caminho do velório de sua mãe: «J'ai dormi pendant presque tout le trajet» (1942b, p. 10)⁸¹. Segundo Meursault, a descrição física do ambiente onde se encontra o caixão de sua mãe é fator contribuinte para que o sono o domine facilmente: «L'éclat de la lumière sur les murs blancs me fatiguait»

81 "Dormi durante quase todo o trajeto" (2005b, p. 8).

(1942b, p. 17)⁸². Meursault dorme pela tarde, quando se senta perto do caixão de sua mãe: «Et je sentais le sommeil me gagner» (1942b, p. 15)⁸³. Quando a noite cai: «Je crois que j´ai somnolé un peu» (1942b, p. 18)⁸⁴. E após despertar com o barulho dos internos do asilo, adormece novamente na madrugada: «Nous avons tous pris du café, servi par le concierge. Ensuite, je ne sais plus. La nuit a passé. Je me souviens qu´à un moment j´ai ouvert les yeux et j´ai vu que les vieillards dormaient [...]» (1942b, p. 21)⁸⁵. Segundo Fitch (1972, p. 66), a incapacidade do personagem de se manter acordado no velório de sua mãe está diretamente relacionada com sua falta de consciência a respeito das profundas implicações da morte.

Quando o dia nasce e Meursault acorda, ele declara: «J´étais fatigué» (1942b, p. 22)⁸⁶. Além do cansaço por causa da viagem e pela noite mal dormida no velório, Meursault queixa-se de dores nos rins por duas vezes (1942b, p. 21). O cansaço, a dor, o sono e o forte sol de Marengo somados fizeram com que Meursault só tivesse alegria e alívio «[...] quand l´autobus est entré dans le nid de lumières d´Alger et que j´ai pensé que j´allais me coucher et dormir pendant douze heures» (1942b, p. 30)⁸⁷.

Há ainda outras passagens narradas pelo próprio protagonista em que o sono o domina facilmente e ele transmite ao leitor a imagem de um cidadão apático e sem energia. No dia seguinte ao enterro de sua mãe (sábado), Meursault

82 “O brilho da luz das paredes brancas me cansava” (2005b, p. 13).

83 “E eu senti o sono me dominar” (2005b, p. 11).

84 “Acho que cochilei um pouco” (2005b, p. 13).

85 “Tomamos todos café, servido pelo porteiro. Em seguida, não sei mais nada. A noite passou. Lembro-me de que, em dado momento, abri os olhos e vi que os velhos dormiam [...]” (2005b, p. 15).

86 “Estava cansado” (2005b, p. 16).

87 “[...] quando ônibus entrou no ninho de luzes de Argel, e eu pensei que ia me deitar e dormir durante doze horas” (2005b, p. 21).

narra: «J'ai eu de la peine à me lever parce que j'étais fatigué de ma journée d'hier» (1942b, p. 31)⁸⁸. No domingo, a cena se repete e o desgaste físico constante de Meursault o leva a dormir até as dez horas e levantar-se ao meio-dia (1942b, p. 34).

A necessidade básica de alimentar-se de Meursault também tem importância durante a obra e é fato ressaltado por ele. Por diversas vezes a preparação das refeições do personagem que são simples e pouco elaboradas faz parte de sua rotina na primeira parte da obra.

Meursault menciona algumas vezes que desce para comprar os alimentos que ele mesmo cozinha como ovos, batatas, carnes, pães e massas. Almoçar ou jantar na pensão de seu amigo Céleste também é hábito comum e que ele realiza com frequência.

A alimentação durante o velório da mãe de Meursault também é um fato ressaltado na obra. O personagem conta que tomou café com leite por duas vezes e teve vontade de fumar em seguida, fato que está diretamente associado às refeições ou ao sono (1942b, p. 17). Meursault diz que, ao acordar às dez horas no domingo, após a morte de sua mãe, fumou uns cigarros ainda na cama, ato repetido antes de comer chocolate na janela observando as pessoas em suas rotinas. Ainda à noite ele cozinha, come de pé e tem vontade de fumar na janela. Não o faz por causa do frio (1942b, p. 39).

Em um dia da semana após o enterro de sua mãe, Meursault relata mais uma vez a necessidade de comer, dormir e fumar: «J'ai mangé très vite et j'ai pris du café. Puis je

88 "Custei a levantar-me, pois estava cansado do dia de ontem" (2005b, p. 22).

suis rentré chez moi, j'ai dormi un peu parce que j'avais trop bu de vin et, en me réveillant, j'ai eu envie de fumer» (1942b, p. 43)⁸⁹.

Expressões como «J'ai pensé alors qu'il fallait dîner» (1942b, p. 39)⁹⁰ ou «[...] j'avais faim [...]» (1942b, p. 81)⁹¹ fazem parte da fala de Meursault. Mesmo quando ele nega a própria vontade de comer, há a necessidade de citar esse fato como parte de sua narrativa: «Je n'avais pas faim et je me suis couché sans dîner» (1942b, p. 63)⁹² ou «Nous n'avons pas mangé parce que nous voulions nous baigner tôt» (1942b, p. 75)⁹³.

Meursault mostra-se sem vontade também para cozinhar suas próprias refeições. Essa apatia pode ser a razão pela qual o personagem não prepara alimentos variados e muitas vezes come fora. Quando o vizinho Raymond o convida para comer, alegando que tem vinho e linguiça, Meursault conclui: «J'ai pensé que cela m'éviterait de faire ma cuisine et j'ai accepté» (1942b, p. 46)⁹⁴. O protagonista também se demonstra indolente quando come ovos cozidos sem pão no jantar «[...] je ne voulais pas descendre pour en acheter» (1942b, p. 34)⁹⁵. Esse desânimo de Meursault é intensificado por meio de suas próprias palavras quando ele diz que era preciso fazer um grande esforço para subir as escadas de madeira da casa de praia do colega Masson e enfrentar as mulheres que estariam assustadas por causa da briga que eles travaram na praia com alguns árabes (1942b, p. 89).

89 “Comi muito depressa e tomei um café. Depois, voltei para casa, dormi um pouco porque bebera vinho demais e, ao acordar, senti vontade de fumar” (2005b, p. 29).

90 “Pensei, então, que era preciso jantar” (2005b, p. 27).

91 “[...] tinha fome [...]” (2005b, p. 55).

92 “Não tinha fome e deitei-me sem jantar” (2005b, p. 43).

93 “Não comemos porque queríamos tomar banho de mar bem cedo” (2005b, p. 51).

94 “Pensei que isso me pouparia fazer minha comida e aceitei” (2005b, p. 31).

95 “[...] porque não queria descer para comprar” (2005b, p. 24).

FIM DO EQUILÍBRIO: ASPECTOS DO ABSURDO NO ASSASSINATO, JULGAMENTO E CONDENAÇÃO DE MEURSULT

(...) Fechado o livro, compreendemos que não podia ter começado de outra forma, que não podia ter outro fim: nesse mundo que se quer nos apresentar como absurdo e do qual cuidadosamente se extirpou a casualidade, o menor incidente tem peso; não há nenhum que não contribua a conduzir o herói em direção ao crime e à execução. O estrangeiro é uma obra clássica, uma obra de ordem, composta a propósito do absurdo e contra o absurdo.

Jean Paul Sartre

Após cometer um assassinato em uma praia, a pacata vida do personagem principal de *L'étranger*, Meursault, muda de repente. Meursault atira cinco vezes em um árabe que havia tido problemas com seu vizinho Raymond anteriormente (1942b, p. 93). O crime, aparentemente sem razão, leva Meursault a prisão, julgamento e uma dura sentença de morte. O texto sobre o assassinato do árabe finaliza a

primeira parte de *L'étranger* e marca a mudança do estilo de vida de Meursault. O que era antes do crime uma vida banalmente rotineira será depois dele uma sucessão de interrogatórios e o personagem estará privado de tudo o que mais gosta: a natureza, a namorada e sua liberdade.

O acaso fez com que Meursault estivesse novamente frente a frente com o homem que mataria pouco tempo depois. Desejando caminhar pela praia com o intuito de encontrar a fonte que lhe daria o barulho de água para repousar, Meursault se depara com um dos árabes que seu vizinho Raymond e o colega Masson tinham brigado horas antes. O próprio personagem já havia dito que, para ele, a confusão com o árabe era caso encerrado e ele fora até a fonte sem pretensão alguma (1942b, p. 90). O lugar que deveria proporcionar descanso para Meursault é o cenário onde o equilíbrio do dia é quebrado (1942b, p. 92-93):

C'est alors que tout a vacillé. La mer a charrié un souffle épais et ardent. Il m'a semblé que le ciel s'ouvrait sur toute son étendue pour laisser pleuvoir du feu. Tout mon être s'est tendu et j'ai crispé ma main sur le revolver. La gâchette a cédé, j'ai touché le ventre poli de la crosse et c'est là, dans le bruit à la fois sec et assourdissant, que tout a commencé. J'ai secoué la sueur et le soleil. J'ai compris que j'avais détruit l'équilibre du jour, le silence exceptionnel d'une plage où j'avais été heureux. Alors, j'ai tiré encore quatre fois sur un corps inerte où les balles s'enfonçaient sans qu'il y parût. Et c'était comme quatre coups brefs que

*je frappais sur la porte du malheur*⁹⁶.

Meursault compreende que quebrou o equilíbrio de um lindo dia de sol que iluminara uma sucessão de fatos simples, mas felizes: suas brincadeiras dentro do mar com Marie; o prazer de deitar-se na areia quente da praia; o agradável almoço com Masson e a esposa, Marie e Raymond; a caminhada com os homens e todas as risadas que eles tinham compartilhado até aquele momento.

Meursault tinha uma vida organizada com emprego fixo, namorada e alguns vizinhos que demonstravam simpatia por ele. Além disso, ele encontrava prazer na natureza e tinha alguns momentos de lazer, como ir ao cinema com o colega de escritório Emmanuel ou banhar-se no porto. Além do equilíbrio do dia, Meursault compreendia que destruíra também o equilíbrio de sua vida.

O personagem estava ciente de que sua vida mudaria a partir daquele momento, pois fez uma relação dos quatro últimos tiros que disparou contra o árabe com quatro batidas secas na porta da desgraça. Meursault ainda diz a frase «C'est alors que tout a vacillé» (1942b, p. 93)⁹⁷ como se ela expressasse a culminância de todo aquele calor que ele já não conseguia mais suportar na cena do assassinato. Meursault dá ao leitor a impressão de que a decisão de cometer o crime pode ter sido tomada ali e logo em seguida atira uma e depois mais quatro vezes no árabe (1942b, p. 93).

96 "Foi então que tudo vacilou. O mar trouxe um sopro espesso e ardente. Pareceu-me que o céu se abria em toda a sua extensão deixando chover fogo. Todo o meu ser se retesou e crispei a mão sobre o revólver. O gatilho cedeu, toquei o ventre polido da coronha e foi aí no barulho ao mesmo tempo seco e ensurdecedor, que tudo começou. Sacudi o suor e o sol. Compreendi que destruíra o equilíbrio do dia, o silêncio excepcional de uma praia onde havia sido feliz. Então atirei quatro vezes ainda num corpo inerte em que as balas se enterravam sem que se desse por isso. Era como se desse quatro batidas secas na porta da desgraça" (2005b, p. 63).

97 "Foi então que tudo vacilou" (2005b, p. 63).

No dia do assassinato, Meursault, Marie e o vizinho Raymond saíram bem cedo de casa para curtir a praia logo pela manhã. Meursault percebeu a alegria de Marie, que estava bonita com seu vestido de algodão e saltava de felicidade porque o tempo não dava sinais de chuva. Os três pegaram um ônibus para chegar depressa à praia, que não era muito longe. Vendo Marie sorrindo com a esposa do novo colega Masson, Meursault pensou pela primeira vez em se casar (1942b, p. 79). O assassinato do árabe tirava Meursault de uma rotina morna, porém, feliz, privando-o de uma vida que ele tanto amava.

Uma sucessão de fatos movidos pelo acaso fez com que o assassinato do árabe na praia fosse a culminância da briga entre o vizinho Raymond e uma mulher com quem ele mantinha um relacionamento instável. É o próprio Meursault que sugere que Raymond dê o revólver a ele enquanto o amigo briga com um dos árabes. Após a briga, e desanimado por causa do forte sol, Meursault prefere voltar para a praia e começar a caminhar. Ele caminha diante de um dia cheio de sol e sente sua testa inchar. O calor o apertava e se opunha a seus passos (1942b, p. 90).

Mais uma vez, o acaso permite o encontro de Meursault com o árabe que seria assassinado. A arma utilizada no crime estava com Meursault apenas para evitar que o vizinho Raymond a usasse na briga. Esse fato demonstra que, ao voltar à fonte, ele não tinha intenção alguma de matar o árabe. Meursault justifica, então, por que voltou ao lugar onde já havia encontrado os árabes deitados uma vez: «J'avais envie de retrouver le murmure de son eau, envie de fuir le soleil, l'effort et les pleurs de femme, envie de retrouver l'ombre et son repos» (1942b, p. 90)⁹⁸.

98 “Tinha vontade de reencontrar o murmúrio de sua água, vontade de fugir do sol, do esforço e do choro de mulher, enfim, vontade de reencontrar a sombra e seu repouso” (2005b, p. 61).

Influenciado pelo forte sol que claramente o perturbava no momento em que chegou à fonte, Meursault faz uma análise das coisas que estão à sua volta enquanto repara nos movimentos do árabe que será morto por ele. O personagem está muito sensível ao sol, ao calor e às menores sensações dos elementos naturais que o rodeiam. Camus transmite ao leitor a importância que a cena do crime ocupa no romance por meio do vocabulário e expressões usadas pelo narrador e ainda mediante a ligação direta do sol, do calor e do mar com as atitudes e movimentos de Meursault.

O sol – que será o motivo dado por Meursault para o crime cometido – tem um papel de extrema importância na cena do assassinato que é narrada através dos olhos do próprio assassino. Dessa forma, Meursault enfatiza os aspectos que lhe convêm. A personificação dos elementos da natureza como o mar e o sol, por exemplo, ressaltam a influência que eles exerceram sobre Meursault no momento do crime. O mar e o sol ganham vida e Meursault diz: «[...] la mer haletait de toute la respiration rapide et étouffée de ses petites vagues» (1942b, p. 89)⁹⁹. E ainda sobre o sol: «[...] son grand souffle chaud sur mon visage [...]» (1942b, p. 90)¹⁰⁰. Meursault ainda relata que o sol despejava sobre ele uma embriaguez opaca.

Para narrar a cena do assassinato do árabe, Meursault se utiliza de algumas hipérboles, com o propósito de enfatizar o forte sol do dia. O brilho do sol, por exemplo, torna-se vermelho e os pequenos cacos de vidro ou conchas da areia jorram uma espada de luz em Meursault enquanto ele caminhava. Ainda as águas do mar, que antes do almo-

99 “[...] o mar ofegava com toda a respiração rápida e sufocada de suas pequenas ondas” (2005b, p. 61).

100 “[...] o seu grande sopro quente no meu rosto [...]” (2005b, p. 61).

ço eram fonte de prazer e frescor, são então tomadas pelo calor e recebem a descrição de «océan de métal bouillant» (1942, p. 91)¹⁰¹. Além disso, Meursault descreve o barulho do tiro que ele dispara como ensurdecido (1942b, p. 93).

As expressões usadas por Meursault para descrever o mar e o sol antes de estar frente a frente com o árabe demonstram uma ligação positiva e uma união entre ele e a natureza. Ao chegar à praia, por exemplo, Meursault avista um mar calmo e de água claras (1942b, p. 78). Na companhia do amigo de Raymond (Masson), Meursault confessa que o sol lhe fazia bem (1942b, p. 80). Os elementos naturais, porém, recebem adjetivos que lhes conferem características negativas na cena do assassinato. O sol, que antes do almoço lhe fazia bem, na hora do crime fazia sua testa doer e suas veias baterem forte (1942b, p. 92). Ainda, a luz do sol tornou-se tão forte que o céu parecia chover fogo (1942b, p. 93).

Nota-se que, influenciado pelo sol e pelo calor, Meursault tem uma interpretação negativa do árabe que estava parado, ainda um pouco distante dele. Meursault tem a impressão de que o árabe parecia rir e observa que o sol e a luz ofuscante daquele dia se haviam prolongado até a fonte onde ele estava. Ao descrever a cena em que assassina o árabe, o personagem faz uma análise de pequenas coisas que se movem à sua volta. Ele pôde observar pequenos vapores passando no horizonte e mais uma vez sentia o sol que fazia doer sua testa. Esse olhar atento e perspicaz ao que o cerca é em seguida anulado ao relatar que seus olhos ficaram cegos por trás de uma cortina de lágrima e sal que descia de seus olhos (1942b, p. 92).

101 “[...] oceano de metal fervilhante” (2005b, p. 62).

Enquanto está frente a frente com o árabe, a narrativa de Meursault transmite a impressão de que o tempo está suspenso por alguns segundos. A fim de descrever o sol, a areia e o mar, Meursault suspende sua ação e a ação do árabe, para retomá-las depois.

Por causa do sol que o incomodava, Meursault deu um passo para frente. Essa movimentação incitou a reação do árabe que tirou a faca exibindo-a ao sol. De acordo com a narração de Meursault, o brilho refletido da lâmina da faca que o árabe segurava se transforma em: «[...] une longue lame étincelante [...]» (1942b, p. 92)¹⁰² e atinge em cheio sua testa. O sol assume, mais uma vez, uma grande responsabilidade pelo crime do personagem. Por conseguinte, em um gesto inconsequente, Meursault atira uma e depois mais quatro vezes na vítima como se o sol fosse o único culpado do crime.

O advogado de defesa explica para Meursault que havia uma investigação sobre sua vida particular (1942b, p. 99). O fato de Meursault nunca ter cometido algo de errado antes do assassinato no que diz respeito à justiça não tem muita importância, mas sim a maneira como ele se comportou no enterro de sua mãe e as provas de insensibilidade que dera naquele dia. Meursault é um assassino réu primário, sem antecedentes criminais e com emprego fixo. Um caso que a princípio era tratado como simples aos olhos do advogado de defesa torna-se difícil porque Meursault será julgado também pelos fatos que ocorreram após o falecimento de sua mãe. A pergunta «Enfin, est-il accusé d'avoir enterré sa mère ou d'avoir tué un homme?» (1942b, p. 145)¹⁰³ fica sem resposta e Meursault será en-

102 “[...] uma longa lâmina fulgurante [...]” (2005b, p. 63).

103 “Afinal, ele é acusado de ter enterrado a mãe ou de matar um homem?” (2005b, p. 100).

tão condenado por «[...] enterré une mère avec un coeur de criminel» (1942b, p. 146)¹⁰⁴.

Como réu, Meursault estranha que agora ele seja o centro das atenções. No tribunal, ele desconhece os costumes básicos de um julgamento e age ora com indiferença, ora com ingenuidade.

Na segunda parte de *L'étranger*, Meursault está preso e sendo interrogado. Ele demora a perceber que faz parte de todo um processo real, coisas que ele só conhecia por meio de livros. Sua honestidade e inocência o fazem culpado não pelo crime que cometeu, mas por recusar-se a mentir. Meursault não entra no jogo da mentira muitas vezes imposto pela sociedade quando, por exemplo, se recusa a dizer que no dia que sua mãe fora enterrada ele controlara seus sentimentos naturais. Sua resposta «Non, parce que c'est faux» (1942b, p. 100)¹⁰⁵ desperta irritação no seu advogado, que o trata com certa repulsa.

Camus explica em *L'homme révolté* que mesmo quando o crime vem acompanhado da inocência, essa inocência é intimada a justificar-se (1942a, p. 414). Meursault terá que se justificar diante de um crime cometido sem razão e premeditação. Para estruturar uma defesa consistente, o advogado de Meursault precisa primeiramente de entender seu cliente, questionando-lhe algumas coisas sobre sua mãe. Quando pergunta a Meursault se ele sofrera no dia em que enterrara sua mãe, ele responde que havia perdido o hábito de interrogar a si mesmo e que por isso era difícil dar qualquer informação para seu advogado. Ele continua: «Sans doute, j'aimais bien maman, mais cela ne voulait

104 “[...] ter enterrado a mãe com um coração de criminoso” (2005b, p. 100).

105 “Não, porque não é verdade” (2005b, p. 69).

rien dire. Tous les êtres sains avaient plus ou moins souhaité la mort de ceux qu'ils aimaient» (1942b, p. 100)¹⁰⁶.

Ao mostrar-se tão honesto, Meursault desconhece a engrenagem de um julgamento em que geralmente o réu comove os jurados com palavras de arrependimento. Para Bernard Pinagaud (1992, p. 103), pode-se entender que Meursault é condenado por sua inocência, comete o crime por causa da sua inocência e se perde por causa dessa mesma inocência. Pinagaud analisa (1992, p. 105): «Au lecteur déjà prévenu, l'attitude du tribunal apparaît à la fois injuste et inévitable; et nous sommes conduits à l'incroyable conclusion que le vrai motif de la condamnation de Meursault n'est pas son crime, mais son innocence [...]»¹⁰⁷.

Devido às provas de insensibilidade que Meursault dera no dia do velório e enterro de sua mãe, seu advogado tenta combinar previamente algumas coisas com ele ou mesmo repreendê-lo por causa de certas respostas. Esforço em vão. Meursault agirá no dia de seu julgamento da forma como ele é: sem grandes coisas a dizer, mas dizendo sempre a verdade. Ele nem mesmo entende a relação existente entre o que havia acontecido no dia do enterro de sua mãe com o assassinato que cometeu e tenta dizer para seu advogado que uma coisa não justifica a outra. Seu advogado, então, supõe que seu cliente obviamente nunca se havia envolvido com a justiça (1942b, p. 101).

Meursault acha que seu caso é simples e pergunta ao juiz

106 “É claro que amava mamãe, mas isso não queria dizer nada. Todos os seres normais tinham, em certas ocasiões, desejado, mais ou menos, a morte das pessoas que amavam” (2005b, p. 69).

107 “Ao leitor já prevenido, a atitude do tribunal aparece ao mesmo tempo como injusta e inevitável; e somos conduzidos à incrível conclusão que o verdadeiro motivo da condenação de Meursault não é o seu crime, mas a sua inocência [...]” (PINGAUD, Bernard, 1992, p. 105, tradução nossa).

de instrução se um advogado era mesmo necessário. Diante da resposta afirmativa, ele ainda acha cômodo que a justiça cuide da nomeação do mesmo, o que ele vê como um pormenor em princípio não levado a sério (1942b, p. 97). Meursault acomoda-se em seus primeiros onze meses de reclusão e tem «[...] l'impression ridicule de «faire partie de la famille»» (1942b, p. 108)¹⁰⁸. Essa sensação de cordialidade espantava até mesmo o próprio preso que gostava quando o juiz dava tapinhas em seu ombro alegando que o interrogatório havia acabado por aquele dia.

Fazendo uma análise mais apurada do juiz de instrução, Meursault ressalta que ele parecia uma pessoa muito sensata e demonstra inocência ao dizer: «En sortant, j'allais même lui tendre la main, mais je me suis souvenu à temps que j'avais tué un homme» (1942b, p. 98)¹⁰⁹.

Meursault quer dizer a verdade, exatamente como os fatos aconteceram. Vicente Barreto ressalta que o processo de instrução é essencial para mostrar ao leitor o choque entre a honestidade e simplicidade de Meursault com a sociedade (1991, p. 151). O personagem, então, acaba sendo julgado por sua honestidade e pela forma como se comportou no velório e enterro de sua mãe. Por que chorar se no dia do enterro o sol era forte, Meursault estava sem dormir e com fome dentro de uma roupa que o sufocava? O réu já havia declarado: «[...] mes besoins physiques dérangent souvent mes sentiments» (1942b, p. 100)¹¹⁰.

Os impulsos físicos de Meursault o perturbariam não só

108 «[...] a impressão ridícula de 'fazer parte da família'» (2005b, p. 75).

109 «Ao sair ia estender-lhe a mão, mas lembrei-me a tempo que matara um homem» (2005b, p. 68).

110 «[...] meus impulsos físicos perturbavam com frequência os meus sentimentos» (2005b, p. 69).

no dia do enterro de sua mãe, mas com frequência em seu processo de instrução e julgamento. Enquanto o calor aumentava no tribunal, por exemplo, Meursault se distraía observando as pessoas se abanarem com jornais ou com as ventarolas que os juizes utilizavam (1942b, p. 132). A buzina do vendedor de sorvete fora daquele tribunal trouxe ao réu lembranças de uma vida que não lhe pertencia mais (1942b, p. 158). Ainda quando o promotor aborda sua longa fala final, Meursault se desliga de todo aquele processo e passa a sentir somente o calor (1942b, p. 105).

O réu não se concentra em seu julgamento. Ele presta atenção em algumas partes soltas e se sente atordoado pelo calor mesmo quando o promotor pede para que sua cabeça seja cortada como pena pelo crime cometido (1942b, p. 155). Meursault, ainda, não consegue dar sua opinião sincera sobre o discurso de seu advogado porque estava cansado demais e ele então se limita apenas a concordar com o que dizem (1942b, p. 159). Ao tentar convencer Meursault da salvação divina com um crucifixo nas mãos, o juiz não percebe que o acusado não acompanha o seu raciocínio por causa do calor e das grandes moscas que pousavam em seu rosto (1942b, p. 105). Meursault deixa-se, então, perturbar constantemente pelo calor.

Meursault sabia descrever bem seu silêncio ou a brevidade em suas respostas: «C'est que je n'ai jamais grand-chose à dire. Alors je me tais» (1942b, p. 102)¹¹¹. Meursault é interrogado pela sociedade, mas no fundo é o seu silêncio que predomina. Manifestam-se aqueles que não concordam e não entendem o seu silêncio, descrevendo-o como um homem sem sentimentos e julgando-o por seu comportamento no dia do enterro de sua mãe. Falar por falar é perda

111 “É que nunca tenho grande coisa a dizer. Então fico calado” (2005b, p. 71).

de tempo para o homem absurdo: significa fazer mais barulho ainda. Meursault não recorre às palavras comuns e estereotipadas para defender-se no dia do seu julgamento. De acordo com Camus em *Le Mythe de Sisyphe* (1942a, p. 164): «Un homme est plus un homme par les choses qu'il tait que par celles qu'il dit»¹¹². Quando tem a oportunidade de falar em sua defesa, é com honestidade e palavras simples que o faz, e isso na maioria das vezes transmite ao júri e às pessoas que assistem ao julgamento uma visão negativa dele. De acordo com Hélder Ribeiro (1996, p. 175):

Há um desequilíbrio e uma instabilidade por vezes irremediáveis no dizer e na significação. Há um enfraquecimento fundamental da palavra; ela é socialmente falsificada. O que Meursault diz não convém ao seu patrão, nem ao juiz, nem ao seu advogado, nem a Maria.

Há um enfraquecimento, portanto, no sentido das palavras e nas justificativas de Meursault, que, por isso, nem sempre diz o que realmente gostaria de dizer. Meursault é o homem absurdo que, ao ser lançado nesse mundo que silencia diante das perguntas mais essenciais dos homens, não consegue, por muitas vezes, encontrar as palavras certas para as próprias respostas. O personagem tem dificuldade de expressar-se e, por esse motivo, tenta justificar posteriormente o que disse. Ele gostaria de dizer para seu advogado que desejava a boa vontade dele quando o mesmo saiu com um ar zangado ao perceber que seu cliente não seguiria todas as suas instruções (1942b, p. 101). Ou ainda dizer ao seu patrão que não gostaria de tê-lo aborrecido quando não deu importância à proposta

112 "Um homem é mais homem pelas coisas que silencia, do que pelas que diz" (2008, p. 99).

de mudança de emprego e conseqüentemente de vida feita por ele (1942b, p. 67).

Ao ser colocado em uma cela cheia de árabes em seu primeiro dia de prisão, os presos que lá estavam perguntaram a Meursault o que ele havia feito. Ele respondeu que matara um árabe (1942b, p. 112). Meursault ignora uma represália não por coragem, mas sim por indiferença ou inocência.

No capítulo III da segunda parte de *L'étranger*, dá-se início ao julgamento de Meursault, que, levado ao tribunal, demora a compreender que todas aquelas pessoas estão ali por causa dele. Meursault mostra-se interessado em assistir a seu julgamento, pois, segundo ele: «Je n'en avais jamais eu l'occasion dans ma vie» (1942b, p. 126)¹¹³.

Quando Meursault é conduzido pela primeira vez para a sala onde será seu julgamento e colocado perto dos jurados, ele tem a impressão de estar entrando em um bonde e sendo observado pelos passageiros que procuram o ridículo no recém-chegado. O personagem não entende logo de início que todas aquelas pessoas estão ali para vê-lo: «D'habitude, les gens ne s'occupaient pas de ma personne» (1942b, p. 127)¹¹⁴.

Diante dos cumprimentos das pessoas e barulho de vozes, Meursault sente-se um estrangeiro no tribunal e tem «[...] la bizarre impression [...] d'être de trop, un peu comme un intrus» (1942b, p. 128)¹¹⁵. Outras vezes ele tem a mesma sensação e percebe que seu caso era tratado à sua revelia, sem sua intervenção. Se ele era o réu, por que não poderia

113 "Nunca tivera essa oportunidade em toda minha vida" (2005b, p. 87).

114 "Geralmente, ninguém se interessa pela minha pessoa" (2005b, p. 87).

115 "[...] a estranha impressão de estar sobrando, um pouco como um intruso" (2005b, p. 88).

falar? Por que seu destino era tratado sem que ele opinasse? Ele também não entendia por que falavam mais dele do que do crime cometido e chega à conclusão de que, apesar de querer falar, nada tinha a declarar. Enquanto seu advogado fazia uma longa defesa, ele pensava: «Moi, j'ai pensé que c'était m'écarter encore de l'affaire, me réduire à zéro et, en un certain sens, se substituer à moi» (1942b, p. 157)¹¹⁶. E tinha a sensação de que ele se encontrava muito longe daquela sala de audiência.

A resposta de certo mais inocente e honesta de Meursault é o motivo pelo qual assassinou um árabe na praia. Tendo a oportunidade de dizer o motivo que o levou a atirar em um homem, Meursault diz que fora por causa do sol e reconhece seu ridículo diante das risadas das pessoas (1942b, p. 156).

De acordo com Camus, em *L'homme révolté* (1951, p. 414), o sentimento do absurdo torna o crime de morte indiferente e conseqüentemente possível. Uma vez que todas as coisas são indiferentes ao homem que vive no absurdo, se não se acredita em nada e as coisas não têm importância, matar não está certo nem errado. Meursault tem consciência de ter cometido um crime, mas não consegue analisar se isso foi certo ou errado. Isso pode justificar os sentimentos do réu, que se mostra ora indiferente, ora feliz. Quando, por exemplo, Meursault fica sabendo que um dos jornalistas que ali está veio especialmente de Paris para fazer uma reportagem sobre um parricida e aproveitou a oportunidade para também cobrir seu caso, ele diz que esteve quase para agradecer o homem (1942b, p. 129). Camus ainda analisa, em *L'homme révolté*, que, apesar de

116 “Mas a mim parecia-me que me afastavam ainda mais do caso, reduziam-me a zero e, de certa forma, substituíam-me” (2005b, p. 107).

o absurdo ter tornado indiferente o ato de matar, por outro lado, ele também condena essa atitude. Matar alguém ou cometer suicídio significa acabar com o absurdo que se manifesta somente enquanto há vida. Segundo Camus: «La conclusion dernière du raisonnement absurde est, en effet, le rejet du suicide et le maintien de cette confrontation désespérée entre l'interrogation humaine et le silence du monde» (1951, p. 415)¹¹⁷. Camus ainda explica que a mente que está impregnada das ideias do absurdo admite o crime por fatalidade, mas não saberia aceitar o crime por raciocínio (1951, p. 416). Meursault transformou-se em um assassino sem qualquer intenção. Por meio de suas justificativas, o leitor julga que o crime cometido foi mera fatalidade. O personagem atribui o encontro com a vítima ao acaso e os disparos feitos ao sol.

L'étranger tem por base a realidade e retrata a vida de Meursault e sua reação diante das situações mais comuns do dia a dia. O personagem narra algumas situações da sua rotina, julgamento e prisão em que o tédio toma conta dele. Quando, por exemplo, é questionado sobre estar arrependido do crime que cometeu, responde que: «[...] plutôt que du regret véritable, j'éprouvais un certain ennui» (1942b, p. 107)¹¹⁸. As pessoas que interrogam Meursault tentam tirar dele mais do que ele pode oferecer e ele se entedia dizendo: «[...] il me semblait que je n'avais jamais autant parlé» (1942b, p. 103)¹¹⁹. Meursault sente-se entediado mais uma vez quando percebe que o promotor citará novamente os fatos inerentes ao enterro e velório de sua mãe (1942b, p. 133). Meursault não alega legítima defesa ou se utiliza de qual-

117 “A conclusão última do raciocínio absurdo é, na verdade, a rejeição do suicídio e a manutenção desse confronto desesperado entre a interrogação humana e o silêncio do mundo” (2005a, p. 16).

118 “[...] mais do que verdadeiro arrependimento, sentia um certo tédio” (2005b, p. 74).

119 “[...] tinha a impressão de nunca ter falado tanto” (2005b, p. 71).

quer motivo a seu favor para ser absolvido em seu julgamento. Ele é indiferente ao fato de ser culpado ou não pelo crime cometido. O personagem não pensa nisso até o momento em que a sala fica muito agitada após o testemunho do porteiro, que repete sobre a falta de sensibilidade do réu no dia em que velara e enterrara sua mãe. Meursault então conclui: «[...] pour la première fois, j'ai compris que j'étais coupable» (1942b, p. 136)¹²⁰. Essa demora em perceber a culpa pelo crime cometido é característica do homem absurdo. Em *Le Mythe de Sisyphe*, Camus alude ao fato de que o homem absurdo julga que todas as consequências devem ser consideradas com serenidade. Apesar de o homem absurdo estar sempre disposto a pagar o preço, não há culpados, mas somente responsáveis que aceitam seus destinos sem resignação (1942a, p. 150).

Por diversas vezes, Meursault revela um comportamento infantil e inocente. Como uma criança, ele parece não ter consciência de seus atos e nem justifica seus erros. Além disso, o vocabulário dá ao personagem um tom infantil. Meursault chama sua mãe (mère) de mamãe (maman). Antes de partir para o enterro de sua mãe, ele almoça na pensão do Céleste e relata: «Ils avaient tous beaucoup de peine pour moi [...]» (1942b, p. 10)¹²¹.

Pierre Louis Rey escreve: “Sa mentalité est en somme la mentalité pré-morale d'un être qui sait ce qu'il faut faire ou ne pas faire, mais sans bien comprendre pourquoi” (1981, p. 44)¹²². O personagem ainda demonstra um medo infantil na relação com seu patrão. Meursault imagina a repreensão de seu patrão logo depois de receber uma ligação de Ray-

120 “[...] compreendi, pela primeira vez, que era culpado” (2005b, p. 94).

121 “Estavam todos com muita pena de mim [...]” (2005b, p. 7).

122 “Sua mentalidade é de fato a mentalidade pré-moral de alguém que sabe o que fazer ou não fazer, mas sem compreender por quê” (REY, Pierre Louis, 1981, p. 44, tradução nossa).

mond no escritório (1942b, p. 65).

O lado infantil de Meursault pode ser percebido ainda, quando ele se diverte com Marie, uma antiga datilógrafa do escritório que logo depois se tornara sua namorada, no centro de lazer do porto (1942b, p. 32). Os dois brincam ao sol em cima da boia. Ao irem à praia juntos no dia em que Meursault assassina um árabe, eles mais uma vez brincam dentro da água. Enquanto Marie bate os pés, Meursault a segura pela cintura. Os dois ainda boiam juntos e Meursault enfia o rosto na areia quente como criança (1942b, p. 80).

Bernard Pingaud ressalta que mais do que tratar da revolta de um homem frente ao mundo, *L'étranger* trata de um problema da sociedade (1992, p. 16). Meursault é o homem absurdo que, por sua indiferença, é condenado pela sociedade, muitas vezes fechada à franqueza. Em seu julgamento, diante do júri, suas respostas honestas que descrevem as coisas assim como elas são e a maneira como se comportou no enterro e velório de sua mãe foram certamente os maiores agravantes de sua pena.

No início de sua detenção, Meursault ainda tinha pensamentos de homem livre. Ele desejava sentir as ondas do mar em seus pés e em seu corpo e as paredes de sua cela não limitavam seu pensamento. De um verão ao outro, porém, Meursault pôde entender que ele havia perdido mais do que sua liberdade: todo o prazer que ele sentia ao relacionar-se com a natureza. Com o passar dos meses, passou a ter pensamentos de prisioneiro e aguardava por sua rotina diária como o passeio no pátio ou a visita do advogado com suas gravatas estranhas (1942b, p. 118).

Meursault ressalta que estar ali foi mais fácil para ele do que para os outros prisioneiros: «[...] si l'on m'avait fait vivre dans un tronc d'arbre sec, sans autre occupation que de regarder la fleur du ciel au-dessus de ma tête, je m'y serais peu à peu habitué» (1942b, p. 118)¹²³. Isso porque Meursault tinha em pensamento sua mãe e, segundo ela, as pessoas acabavam se acostumando a tudo.

Depois de entender que havia sido privado de sua liberdade, Meursault compreendeu que certos aspectos faziam parte do seu castigo. Sua primeira real dificuldade foi o desejo por mulheres. Esse desejo não era por Marie especificamente, mas por todas as mulheres que passaram por sua vida. O hábito de fumar também lhe fez muita falta no começo. Ele relata como fazia para se acostumar com a falta do cigarro: «Je suçais des morceaux de bois que j'arrachais de la planche de mon lit» (1942b, p. 120)¹²⁴. Com o tempo, Meursault habitua-se à falta de cigarro e de mulheres e reconhece que isso então não era mais castigo para ele. Ele diz: «À part ces ennuis, je n'étais pas trop malheureux» (1942b, p. 120)¹²⁵.

Vencidos alguns obstáculos, Meursault reconhece que o maior desafio para ele era então fazer o tempo passar. Ele aprende a recordar e usa sua imaginação com o objetivo de mapear a posição dos móveis e objetos que estavam em sua casa. Isso fez com que ele não se entediasse mais e, a cada vez que recomeçava a enumeração das coisas, percebia que poderia gastar mais tempo no processo sendo mais detalhista:

123 “[...] se me obrigassem a viver dentro de um tronco seco de árvore, sem outra preocupação além de olhar a flor do céu acima da minha cabeça, eu teria me habituado aos poucos” (2005b, p. 81).

124 “Chupava pedacinhos de madeiras que arrancava das tábuas da cama” (2005b, p. 82).

125 “A não ser por estes aborrecimentos, não me sentia muito infeliz” (2005b, p. 82).

«Ainsi, plus je réfléchissais et plus de choses méconnues et oubliées je sortais de ma mémoire. J'ai compris alors qu'un homme qui n'aurait vécu qu'un seul jour pourrait sans peine vivre cent ans dans une prison. Il aurait assez de souvenirs pour ne pas s'ennuyer» (1942b, p. 121)¹²⁶.

Segundo Brian T. Fitch (1972, p. 95), há um contraste entre Meursault como homem livre e como prisioneiro. Uma vez preso, o personagem é privado da vida de sentidos que o mundo natural lhe permitia gozar enquanto homem livre. Dentro de sua cela e sem opção, Meursault é então conduzido à atividade mental, à memória e à reflexão.

Da mesma maneira que não teve problemas para fazer o tempo passar, Meursault também não teve dificuldades para dormir durante o tempo em que esteve em sua cela. Se no começo ele tinha problemas com o sono, dormindo mal à noite e nunca de dia, com o passar do tempo ele dormia de dezesseis a dezoito horas por dia. Com o tempo que sobrava, o personagem se ocupava de sua alimentação, das necessidades naturais e de um velho pedaço de jornal colado à esteira em que dormia e que contava a história de um assassinato em família (1942b, p. 121).

O acusado não conseguia se adaptar à ideia de que agora era um criminoso e agia muitas vezes como se fosse um homem livre. Quando o juiz disse que muitos criminosos choravam em frente à imagem de dor de Cristo, Meur-

¹²⁶ “Assim, quanto mais pensava, mais coisas esquecidas ia tirando da memória. Compreendi então, que um homem que houvesse vivido um único dia, poderia sem dificuldade passar cem anos numa prisão. Teria recordações suficientes para não se entediar” (2005b, p. 83).

sault pensou: «J'allais répondre que c'était justement parce qu'il s'agissait de criminels. Mais j'ai pensé que moi aussi j'étais comme eux» (1942b, p. 107)¹²⁷. Mesmo preso, Meursault desejava estar em união com a natureza, e seus pensamentos de homem livre - que apareceram no início de sua detenção - o levavam a sentir as ondas da praia refrescando seus pés e seu corpo caindo na água do mar (1942b, p. 117).

A única visita que Meursault recebeu na prisão foi a da namorada Marie. Ela tentou animá-lo com palavras amáveis e otimistas. Ele apenas se limitou a responder às perguntas de Marie com poucas palavras, «[...] mais c'était surtout pour dire quelque chose» (1942b, p. 115)¹²⁸. Meursault prestava atenção em pequenos detalhes ao seu redor e em algumas partes da conversa dos outros prisioneiros, uma vez que todos ficavam lado a lado separados das visitas por um grande espaço e grades (1942b, p. 114).

Quando Marie disse que era preciso ter esperança, Meursault concordou, mas não sabia muito bem em que consistia essa esperança que a namorada mencionava. O otimismo de Marie ainda a leva a dizer que o namorado sairia logo dali e eles iriam se casar (1942b, p. 115). Meursault é mais uma vez indiferente a Marie. Uma vez que se locomove no absurdo, ele não entende a esperança como uma forma de fuga a essa condição. O homem que vive o absurdo, aceita essa vivência de uma forma lúcida, concentrando-se nas experiências presentes e rejeitando o divino e a esperança.

Por muitas vezes em seu julgamento, Meursault age como se não fizesse parte do processo. Bernard Pingaud

127 "Ia responder que isso acontecia justamente porque se tratava de criminosos. Mas pensei que, afinal, eu também era como eles" (2005b, p. 74).

128 "[...] sobretudo para dizer alguma coisa" (1942b, p. 79).

(1992, p. 32) escreve: “Meursault assiste, en somme, à son procès comme il assistait jusque-là à sa vie: en simple observateur”¹²⁹. O réu ora presta atenção em alguns fatos que se passam na sala onde o julgamento acontece, ora se perde com suas lembranças e pequenas observações. O que desperta a atenção de Meursault são alguns gestos do promotor e advogado e alguns fragmentos fora do contexto das falas proferidas, mas seu julgamento no geral não lhe interessa. Meursault atribui um pouco de sua falta de interesse ao fato de não conhecer os costumes de um tribunal (1942b, p. 130). O personagem nivela os acontecimentos do seu julgamento: o sorteio dos jurados, as perguntas feitas pelo advogado e pelo promotor, a leitura do auto de acusação ou a chamada das testemunhas estão em um mesmo nível de significação.

A forma como Meursault percebe o mundo que o rodeia é muitas vezes incompreensível para o leitor. Os fatos de real significância como a morte de sua mãe ou o resultado do seu julgamento são tratados por Meursault de uma forma indiferente, como se as emoções normalmente afloradas por situações como essas não fizessem parte de sua vida. No oposto desse comportamento, está um olhar atento e perspicaz que penetra nos mínimos detalhes das coisas. Em algumas ocasiões do julgamento, as menores coisas assumem um grande significado para o réu como os vestidos da namorada Marie ou os gestos do promotor e advogado.

Meursault age como se conseguisse apenas enxergar e descrever as coisas ao seu redor, mas não entender claramente os significados das mesmas. Pierre Louis Rey (1981,

129 “Meursault assiste, em suma, ao seu processo, como assistia até então à sua vida: um simples observador” (PINGAUD, Bernard, 1992, p. 32, tradução nossa).

p. 29) relata algumas impressões a respeito de Meursault:

*Meursault est sensible au monde, c'est-à-dire vulnérable à l'ombre et à la lumière, attentif aux réactions de son entourage, sensuel dans ses relations amoureuses. Mais il ne cherche pas à interpréter ses sensations et ses perceptions. Vécues à l'état brut, celles-ci prennent plus de force que chez un être qui les passerait au filtre de sa réflexion*¹³⁰.

Embora pareça estar inserido no contexto social, trabalhando e com uma namorada, Meursault tem uma vida apartada da sociedade. Ao considerar-se ocupado com seus pensamentos durante o julgamento, o réu percebe a presença de sua namorada Marie logo no início do processo quando as testemunhas são chamadas e no outro dia apenas antes da sentença final ser pronunciada (1942b, p. 160).

Meursault acha muito interessante ouvir falar de si mesmo e, apesar dos discursos tratarem exclusivamente dele e de seus atos, algumas coisas eram incompreensíveis para ele. Quando, por exemplo, o promotor usa a palavra amante, Meursault demora a perceber que se trata de Marie (1942b, p. 151). Ou mesmo quando o promotor volta-se para Meursault apontando para ele e usando um tom irônico, ele não consegue compreender bem por que ele age daquela maneira. O promotor ainda descreve Meursault

¹³⁰ “Meursault é sensível ao mundo, ou seja, vulnerável à sombra e luz, atento às reações das pessoas ao seu redor, sensual em suas relações amorosas. Mas ele não procura interpretar suas sensações e percepções. Vividas em estado bruto, estas adquirem mais força do que no caso de um indivíduo que as passaria pelo filtro da reflexão” (REY, Pierre Louis, 1981, p. 29, tradução nossa).

como um homem inteligente que sabe falar bem e que consequentemente sabia o que estava fazendo no dia do crime. O réu não consegue entender por que a qualidade positiva que citavam sobre ele era também usada contra a sua pessoa (1942b, p. 152).

De acordo com o promotor, há uma intensa relação entre o crime de Meursault e o crime do parricida que seria julgado no dia seguinte (1942b, p. 154):

[...] un homme qui tuait moralement sa mère se retranchait de la société des hommes au même titre que celui qui portait une main meurtrière sur l'auteur de ses jours. Dans tous les cas, le premier préparait les actes du second, il les annonçait en quelque sorte et il les légitimait¹³¹.

O promotor acaba por culpar também Meursault pelo crime do parricida devido à relação entre eles citada. Conclui que nada se pode ver no criminoso além de um rosto monstruoso e termina sua fala pedindo a pena máxima para Meursault: a pena de morte por decapitação (1942b, p. 155).

Apesar de o discurso do promotor ter cansado logo Meursault, ele consegue compreender algumas frases soltas do conjunto e entende que a essência do pensamento do promotor era que o crime havia sido premeditado por um homem que depois não dera nenhum sinal de arrependimento. Meursault achava que a fala do promotor era plausível

131 “[...] um homem que matava moralmente a mãe devia ser afastado da sociedade dos homens, exatamente como o que levantava a mão criminosa contra o autor de seus dias. Em todos os casos, o primeiro preparava os atos do segundo, anunciava-os, de certa forma, e legitimava-os” (2005b, p. 106).

e que, na verdade, ele nunca conseguira arrepender-se de nada verdadeiramente. Os fatos mencionados pelo promotor eram reais, com exceção da premeditação do crime. Na verdade, Meursault havia escrito a carta para a amante de Raymond - o que começaria toda a confusão -, tinha ficado com o revólver do vizinho e tinha voltado à fonte e matado o árabe. O que realmente entediava Meursault era a repetição de toda a história do velório e morte de sua mãe. Quando o promotor destacou longamente os atos de Meursault no dia em que enterrara sua mãe, este sentiu mais uma vez que o calor tomava conta dele e não prestou mais atenção no discurso (1942b, p. 154).

No momento em que o advogado de Meursault começa o discurso de defesa, o réu demonstra curiosidade sobre a fala, perguntando ao guarda ao seu lado por que o discurso era feito em primeira pessoa se ele é que era o acusado (1942b, p. 157). A defesa baseia-se no fato de Meursault ser um homem trabalhador, responsável, querido pelos amigos e preocupado com sua mãe, colocando-a em um asilo quando não podia mais sustentá-la. Meursault percebe que o discurso de seu advogado tem falhas quando este nada menciona sobre o dia do enterro. Após a fala de seu advogado em um discurso que parecia não ter mais fim, Meursault reconhece que o promotor é mais talentoso. Cansado e confuso, o réu deseja voltar para sua cela e dormir (1942b, p. 158).

O comportamento de Meursault denuncia um homem que parece desconhecer totalmente as regras mais essenciais da sociedade. Ele é indiferente ao que as pessoas geralmente buscam durante toda vida. Meursault não tem ambição por dinheiro, não se importa com a formação de uma família, não planeja o seu futuro e não sabe como compor-

tar-se em um tribunal.

No início, o advogado de defesa de Meursault tinha confiança de que seu caso não chamaria muita atenção e que seu julgamento duraria no máximo três dias. Essa pressa do tribunal devia-se ao caso de um parricida que seria julgado depois de Meursault (1942b, p. 125). Ao apresentar-se para seu cliente, o advogado ressalta que, apesar de seu caso ser delicado, ele precisaria da confiança de Meursault para que o êxito fosse obtido (1942b, p. 99). O advogado ainda se comporta de forma confiante no dia do julgamento gracejando, rindo e mostrando-se perfeitamente à vontade. Em um intervalo do julgamento, ele diz a Meursault que tudo ia bem (1942b, p. 129). Os maiores gestos de confiança, porém, o advogado de defesa demonstra antes de a sentença final ser pronunciada, acreditando que tudo correria bem e que provavelmente Meursault seria condenado a alguns anos de prisão e outros de trabalhos forçados (1942b, p. 160).

Os testemunhos das pessoas relacionadas à defesa causaram grande efeito no público que assistia ao julgamento. O diretor do asilo foi o primeiro a ser chamado para testemunhar. Suas declarações a respeito do comportamento do réu no dia do enterro de sua mãe e enquanto ela estava no asilo reforçaram a fala do promotor que assinou que Meursault enterrou sua mãe com um coração de criminoso (1942b, p. 100). De acordo com a testemunha, Meursault era censurado por sua própria mãe por ter sido colocada no asilo. Ele completou ainda que o réu estivera muito calmo no dia em que fora velar sua mãe, que não chorara e nem sabia a idade dela. Naquele momento, Meursault sentiu vontade de chorar pela primeira vez em muito tempo, pois percebeu que era detestado por todas

aquelas pessoas que ali estavam (1942b, p. 146).

O porteiro foi o segundo a testemunhar e suas declarações sobre as atitudes indiferentes de Meursault tomaram grandes proporções no discurso do promotor. O fato de o réu ter bebido café oferecido pelo porteiro e de ter fumado perto do corpo de sua mãe foram grandes motivos para acusá-lo: «Et ils concluront qu'un étranger pouvait proposer du café, mais qu'un fils devait le refuser devant les corps de celle qui lui avait donné le jour» (1942b, p. 138)¹³². Somente nessa altura Meursault compreende que as declarações do promotor surtem grande efeito no júri e que as coisas não corriam muito bem para ele (1942b, p. 146). O testemunho de Thomas Pérez (companheiro de asilo da mãe de Meursault) foi de pouca importância para a defesa, pois ele ressaltou que no dia sofrera muito e não havia visto qualquer coisa à sua volta (1942b, p. 138).

Céleste, o dono da pensão onde Meursault fazia regularmente suas refeições, testemunhou a favor do seu cliente e fez questão de ressaltar que ele era também seu amigo. Ao tentar justificar por que o crime de Meursault era uma desgraça, Céleste se atrapalhou e, mesmo querendo falar mais, o presidente lhe agradeceu cortando sua fala (1942b, p. 140).

O testemunho de Marie também não surtiu efeito positivo no julgamento do seu namorado. O promotor endureceu a voz para fazer-lhe as perguntas e, apesar de Marie não querer falar, o promotor insistiu para que ela relatasse o que aconteceu no encontro deles um dia depois da morte da mãe de Meursault. A moça falou sobre o banho de mar,

132 “E concluirão que um estranho podia oferecer café, mas que um filho deveria recusá-lo diante do corpo daquela que o dera luz” (2005b, p. 95).

o filme de comédia no cinema e a volta dos dois juntos para a casa dele. Este relato provocou um silêncio absoluto no recinto. Eis o resumo do promotor baseado na fala de Marie: «Messieurs les jurés, le lendemain de la mort de sa mère, cet homme prenait des bains, commençait une liaison irrégulière, et allait rire devant un film comique» (1942b, p. 142)¹³³. Quebrando o silêncio da sala, Marie pôs-se mais uma vez a falar. Dessa vez em soluços, tentando explicar que Meursault não havia feito nada de errado e era um homem bom. Retiraram-na da sala e a sessão prosseguiu (1942b, p. 143).

Os próximos testemunhos, porém, mal foram ouvidos. Masson disse que Meursault era «[...] un honnête homme et qu'il dirait plus, j'étais un brave homme» (1942b, p. 143)¹³⁴ e o vizinho Salamano relatou que Meursault fora bom para seu cachorro. No depoimento de Raymond, o acaso é citado como o verdadeiro culpado do acontecido. Raymond explica que o árabe o odiava desde o momento em que ele havia batido em sua irmã. Por acaso ele havia pedido para Meursault escrever uma carta para essa mulher. Mais uma vez o acaso encarregou-se de levá-los até a praia e de deixar Meursault frente a frente com um dos árabes. O promotor replicou ironicamente dizendo que «[...] le hasard avait déjà beaucoup de méfaits sur la conscience dans cette histoire» (1942b, p. 144)¹³⁵.

As testemunhas que fazem parte da defesa não conseguem exteriorizar o que pensam a respeito de Meursault e do crime cometido, uma vez que seus depoimentos não ajudam o réu, mas reforçam o fato de a sociedade vê-lo como

133 “Senhores jurados, no dia seguinte à morte de sua mãe, este homem tomava banho de mar, iniciava um relacionamento irregular e ia rir diante de um filme cômico” (2005b, p. 98).

134 “[...] ‘um homem de bem e, diria mais, uma excelente pessoa’” (2005b, p. 98).

135 “[...] o acaso já estava com a consciência muito pesada nessa história toda” (2005b, p. 99).

uma pessoa dura e sem sentimentos. Da mesma forma que Meursault muitas vezes se justifica por não conseguir expressar o que realmente quer dizer, também Marie, Raymond, Céleste e Salamano tentam em vão dar uma real significação às suas palavras frente aos jurados no dia do julgamento. Quando perguntado o que achava a respeito do crime de Meursault, Céleste disse por duas vezes que era uma desgraça. Ele continuaria proferindo sua opinião se o presidente do tribunal não lhe agradecesse, dizendo que já estava bom. Mesmo atrapalhado, Céleste quis continuar a falar e ele voltou a dizer que era uma desgraça. Foi interrompido novamente pelo presidente que lhe agradeceu pelo depoimento (1942b, p. 140). Céleste sente que poderia ter feito mais por Meursault e, de certa forma, sente-se ridicularizado pelo presidente do tribunal.

De fato, Meursault deve ser julgado porque cometeu um assassinato, mas o processo de julgamento não tem como foco o assassinato ocorrido. Há uma tentativa de convencimento do júri por meio dos atos de Meursault que antecederam o crime. Seu comportamento no velório e enterro de sua mãe e tudo que precedeu à morte dela foram os fatos que causaram verdadeiro impacto no júri e nas pessoas que assistiam ao julgamento. Em seus estudos sobre a obra *L'étranger*, Helder Ribeiro (1996, p. 66) escreve sobre o personagem Meursault: “A sua pureza escapa totalmente às categorias tradicionais da moral vigente. Mais do que lúcido é translúcido. Não entra na dança do jogo vulgar e costumeiro”.

Com a decisão já tomada pelo júri, os pensamentos de desfecho favorável do advogado de defesa são contrariados: a cabeça de Meursault seria cortada em praça pública em nome do povo francês (1942b, p. 162).

O último capítulo da obra *L'étranger* descreve um personagem voltado para seus próprios pensamentos e focado em analisar e rever seu caso. Meursault mergulha em si e passa o tempo que lhe resta em sua cela fazendo projetos de lei ou reformulando penalidades (1942b, p. 167). Em seus pensamentos, o condenado que acabara de ser sentenciado à pena de morte partia sempre da suposição mais pessimista de que o recurso pedido por seu advogado em seu favor seria rejeitado. Se essa hipótese acontecesse, a morte, que é o fim certo a todos os homens, seria apenas adiantada para ele (1942b, p. 171).

Meursault se recusa a receber o capelão em sua cela por três vezes. O sacerdote é a representação do divino, o que o homem absurdo recusa. Meursault tem consciência de sua morte e sabe acima de tudo que ela acontecerá em breve. O personagem diz: «C'était toujours moi qui mourrais, que ce soit maintenant ou dans vingt ans» (1942b, p. 171)¹³⁶.

O absurdo que Camus expressou em suas obras não se evade para a divindade bem como para a esperança, porque essas seriam formas de fuga a esse absurdo. Resta ao homem viver conscientemente esse estado metafísico que não conduz a Deus. Camus explica, em *Le Mythe de Sisyphe*, que, cometido o pecado, o homem logicamente está mais afastado de Deus. Deve-se considerar, porém, que o homem absurdo não se refugia no divino e o absurdo não leva a Deus, pois: «[...] l'absurde, c'est le péché sans Dieu» (1942a, p. 128)¹³⁷. Camus ainda conclui: «Ce monde absurde et sans dieu se peuple alors d'hommes qui pen-

136 "Hoje, ou daqui a vinte anos, era sempre eu quem morria" (2005b, p. 117).

137 "[...] o absurdo é o pecado sem Deus" (2008, p. 54).

sent clair et n'espèrent plus» (1942a, p. 170)¹³⁸.

O que interessava a Meursault após sua condenação, era tentar fugir à engrenagem que tinha como consequência sua morte breve. Ele achava que era essencial dar ao condenado mais uma chance (1942b, p. 167). Essa ideia de Meursault provavelmente reflete o pensamento de Camus que sempre foi contra a pena de morte, uma vez que ela exclui qualquer possibilidade de o prisioneiro ter uma outra chance à vida e à mudança de seus atos. De acordo com Vicente Barreto: “Resta à pena de morte uma função de vingança da sociedade contra quem ousou não ter medo de suas ameaças” (1991, p. 194). Barreto ainda analisa que a pena de morte é de caráter eliminatório, pois a sociedade se livra de um homem que a incomoda. A partir do momento que um homem é morto por apenas um crime, sem considerar o que o fez cometer aquele crime, todo o seu passado é ignorado.

O personagem não recusa sua morte e nem tem esperança. Ele apenas demonstra medo, o que seria aceitável frente à sua sentença: ser decapitado por uma guilhotina. Esse medo faz Meursault dormir pouco pela manhã e ficar acordado por toda a noite. Ele acredita que a hora de sua execução seria logo depois da meia-noite. Com o ouvido sempre atento, Meursault confessa que seu coração arrebitaria se ele ouvisse passos. Ele acreditava que sua mãe estava certa quando afirmava: «[...] qu'on n'est jamais tout à fait malheureux» (1942b, p. 170)¹³⁹. A felicidade o tomava quando ele não ouvia passos e poderia gozar de sua vida por mais vinte e quatro horas (1942b, p. 171).

138 “Este mundo absurdo e sem deus é povoado então por homens que pensam com clareza e não esperam nada” (2008, p. 106).

139 “[...] que nunca se é completamente infeliz” (2005b, p. 117).

Meursault nada pôde fazer para evitar a visita do capelão que entrou em sua cela mesmo contra sua vontade. Ele afirma para o capelão que não acredita em Deus e que o assunto não o interessava. Segundo Ribeiro: “Para Meursault, Deus é tão estrangeiro que nem vale a pena responder ao capelão que lhe pergunta se ele acredita em Deus [...]” (1996, p. 118). O condenado, na verdade, não expõe seus gostos ou preferências durante a história, mas afirma as coisas que não lhe interessam: Deus é uma delas. Ele também diz não ter esperança alguma. Voltar-se para Deus é um direito de todos os condenados, mas que não interessava a Meursault. Ele era culpado, compreendia, mas em breve pagaria sua dúvida e não queria que lhe pedissem ou tentassem convencê-lo de nada (1942b, p. 177).

O condenado já havia recusado Deus durante seu processo de instrução quando o juiz tentava convencê-lo do perdão divino e salvação. Ele confessaria logo depois que verdadeiramente nunca se arrependera de nada, e por isso a fala de que era preciso arrepender-se para chegar a Deus era incoerente para Meursault. Ele sentia certo tédio diante de toda essa pressão para que se arrependesse e se apegasse a Deus. Quando o juiz se exaltou com o crucifixo nas mãos, Meursault demonstrou um ar de aprovação, apenas para ver-se livre e voltar para sua cela (1942b, p. 106).

Meursault afirma ao capelão a sua paixão de viver quando diz que só imaginava outra vida se ela pudesse lembrar essa vida presente (1942b, p. 179). Camus resume em *Noces* o pensamento do homem absurdo em relação a Deus: «Le monde est beau, et hors de lui, point de salut» (1939, p. 87)¹⁴⁰. Fora deste mundo não há nada mais no que acreditar. Meursault é feliz quando está em união com

140 “O mundo é belo e fora dele não há bem-aventurança eterna” (1950, p. 47).

a natureza e com a beleza do mundo, mas, privado disto e preso em uma cela, não quer desperdiçar o pouco tempo que lhe resta com Deus.

Diante da insistência do capelão, a reação de Meursault foi uma explosão de cólera. Meursault agarrou o sacerdote, insultou-o e foi contido pelos guardas: «Je déversais sur lui tout le fond de mon coeur avec des bondissements mêlés de joie et de colère» (1942b, p. 180)¹⁴¹. Essa cólera era apenas a culminância do medo e do tédio, sentimentos que tomavam o prisioneiro por completo naqueles dias que antecediam sua morte. Esses sentimentos não tinham relação com o desespero. Meursault já havia ressaltado que a presença do capelão o irritava e o cansava (1942b, p. 177). O homem absurdo exclui Deus como possibilidade de fuga da sua vivência e não se desespera. Na batalha entre vida e morte, o homem absurdo já sabe que é antecipadamente vencido pela morte. Resta-lhe aceitar seu destino como Sísyph e encontrar em seu presente a felicidade.

Para Meursault, sua vida presente e a morte que se aproximava eram suas únicas certezas e ele se agarrava a essas verdades tanto quanto essas verdades se agarravam a ele (1942b, p. 181). É depois que o capelão vai embora que Meursault encontra a calma que precisava para enfrentar sua morte próxima: «La merveilleuse paix de cet été endormi entrain en moi comme une marée» (1942b, p. 183)¹⁴².

O enfrentamento da realidade naqueles últimos instantes de vida fez com que Meursault encarasse seus medos e suas limitações, mas também lhe deu a certeza da impo-

141 “Despejava nele todo o âmago do meu coração com repentes de alegria e de cólera” (2005b, p. 124).

142 “A paz maravilhosa deste verão adormecido entrava em mim como uma maré” (2005b, p. 125).

tência diante do mundo que o cercava. O medo que ele sentia foi sufocado pela certeza que estava por vir. Meursault precisava conhecer e dominar seu medo para poder enfrentar seu destino. Depois de dominado seu medo, sufocado qualquer tipo de esperança ou resignação, Meursault se sente: «Comme si cette grande colère m'avait purgé du mal [...]» (1942b, p. 183)¹⁴³. Após a cólera esvaída, o prisioneiro tem como recompensa a descoberta de um mundo maravilhoso. Bem próximo de sua morte, Meursault evoca o mundo e contempla sua beleza. As últimas palavras do condenado são carregadas do seu sentimento diante da vida. Deitado sob as estrelas, Meursault conclui que havia sido feliz e que ainda o era (1942b, p. 184).

143 “Como se esta grande cólera me estivesse purificado do mal [...]” (2005b, p. 126).

Para Camus, a revolta é a única forma de evasão existente ao absurdo. De fato, Vicente Barreto (1991, p. 117) explica que a revolta é o meio disponível ao homem para reagir contra o absurdo. Uma vez que este homem nega o divino e a esperança, tem na revolta uma forma de ação possível. Como observa Hélder Ribeiro (1996, p. 74): “Há, de fato, na filosofia existencialista, uma tendência em pôr em cena, sem ação nem reação, a angústia que o homem nunca mais ultrapassa e que é o seu mais alto cume”. Para Camus, entretanto, essa angústia que é então considerada o limite do homem pode ser ultrapassada pela revolta. Isso porque o escritor nunca se considerou como um existencialista. Em uma de suas entrevistas no outono de 1945, Camus declarou: “Não, eu não sou existencialista [...] o único livro de ideias que publiquei, *O Mito de Sísifo*, era dirigido contra os filósofos existencialistas” (CAMUS, apud ARONSON, 2007, p. 104).

Insurgir-se contra a própria condição humana à procura da felicidade é a solução possível para o homem absurdo, que tem como características, por um lado, não atri-

buir importância a Deus ou ao futuro e, por outro lado, viver lúcido quanto ao fato de que a morte é iminente aos homens e negar assim qualquer esperança. Essa revolta nada tem a ver com o divino e procura respostas do homem à sua condição humana. De acordo com Helder Ribeiro: “Contra o absurdo que levanta os seus muros por todo o lado, o homem não tem socorro, podendo apenas revoltar-se” (1996, p. 102).

Enquanto o homem vive, faz com que o absurdo viva com ele. Suicidar-se é decidir acabar com a vida e consequentemente acabar com o absurdo. O homem absurdo, então, vive de uma maneira lúcida a condição humana que lhe é imposta e revolta-se. Em *Le Mythe de Sisyphe*, Camus define a revolta como «[...] un confrontement perpétuel de l’homme et de sa propre obscurité [...] elle est cette présence constante de l’homme à lui-même» (1942a, p. 138)¹⁴⁴. *L’Étranger* e *Le Mythe de Sisyphe* giram em torno de personagens que aceitam seus destinos sem resignação. Tanto Meursault quanto Sisyphe rejeitam o suicídio como forma de evadir-se da condição absurda que vivenciam. O primeiro recusa a visita do capelão e aceita sua sentença de morte com lucidez; o segundo aceita o castigo imposto pelos deuses e empurra seu rochedo até o cume da montanha sem contestar a ordem recebida.

O absurdo que Camus expõe em suas obras não é o fim, mas, ao contrário, o ponto de partida para a busca da felicidade. O homem revoltado quer encontrar unidade. Da mesma forma que Sisyphe encontra felicidade empurrando seu rochedo pela montanha, subentende-se que Meursault encontra contentamento unindo-se à natureza. Cada

144 “[...] o confronto perpétuo do homem com sua própria escuridão [...] ela é a presença constante do homem diante de si mesmo” (2008, p. 66).

personagem encontra a alegria de viver à sua maneira. Ambos se satisfazem no próprio coração do absurdo. Essa felicidade é revelada mesmo sem esperança e sem Deus. Isso significa que o homem, mesmo vivendo a condição absurda imposta pelo mundo, consegue encontrar felicidade em pequenos detalhes da vida. Em *Le Mythe de Sisyphe*, Camus afirma: «Le bonheur et l'absurde sont deux fils de la même terre. Ils sont inséparables» (1942a, p. 197)¹⁴⁵. Da mesma forma não se separam vida e morte, alegria e sofrimento nas obras de Camus.

A revolta de Meursault consiste em estar fora do contexto social imposto aos homens por meio de mentiras, de ilusões, da religião e da esperança. Sua revolta desperta sua consciência permitindo que ele seja lúcido. Meursault se recusa a jogar o jogo da sociedade. Ele quebra a lógica dos padrões sociais impostos e aceitos pela mesma sociedade que o julgou e condenou. Viver lucidamente a condição humana que lhe é imposta pelo mundo sem esperanças é a própria revolta metafísica que aspira à ordem e à felicidade humana. O homem absurdo tem a certeza do seu destino esmagador, porém vive sem resignação.

Em *L'étranger*, Meursault reage às situações sempre com honestidade. Ele é honesto, por exemplo, com seu patrão quando lhe fala que uma nova oportunidade de emprego lhe é indiferente (1942b, p. 66), e com sua namorada Marie ao expressar a não consciência de uma afetividade que sentiria por ela (1942b, p. 67). Ainda, age com honestidade em seu julgamento ao tentar explicar que havia matado por causa do sol (1942b, p. 156). Mentir, para o homem absurdo, significa aumentar a mentira do mun-

145 “A felicidade e o absurdo são dois filhos da mesma terra. São inseparáveis” (2008, p. 140).

do. Uma vez que esse homem não quer contribuir para a injustiça já existente, ele se recusa às máscaras usadas pela sociedade e contribui para o objetivo da revolta: a justiça. Não ser justo diante do mundo absurdo aumenta mais ainda a injustiça desse mundo. Em seus estudos sobre *L'étranger*, Vicente Barreto (1991, p. 83) conclui que Meursault tem esse comportamento porque é fiel à sua condição e à sua revolta:

A revolta é em última análise a busca inconsciente de uma moral. Nas palavras de Camus, ela é uma forma de aperfeiçoamento do homem, ainda que cego. A exigência que o revoltado faz de si próprio, o equilíbrio necessário para manter-se fiel à sua própria revolta é o que o dignifica. Aquilo que exige do homem faz com que a revolta seja uma manifestação nobre do ser humano.

Meursault se revolta contra as injustiças do mundo e principalmente contra as mentiras da sociedade. É o próprio Camus que responde em *L'homme révolté* a pergunta: «Qu'est-ce qu'un homme révolté? Un homme qui dit non. Mais s'il refuse, il ne renonce pas: c'est aussi un homme qui dit oui, dès son premier mouvement» (1951, p. 423)¹⁴⁶. O seu não à mentira afirma o seu direito de não fazer parte do jogo e ressalta um sim à honestidade. Quando Meursault diz não ao que considera injusto, está assim referindo-se àquilo que ele acha que vale a pena ser defendido. A negação do homem revoltado se apresenta em virtude da sua fidelidade à justiça e afirma a existência de uma fron-

146 “Que é um homem revoltado? Um homem que diz não. Mas se ele recusa, não renuncia: é também um homem que diz sim, desde o seu primeiro movimento” (2005a, p. 25).

teira que não deve ser mais ultrapassada. O revoltado age como se tivesse acatado as ordens de um superior até ali, porém não mais as aceitará. A ordem que o oprimia não será mais admitida. Se antes ele mesmo se calava, agora é capaz de sair do seu silêncio e dizer não, em busca de algo que acredita. De acordo com Camus, em *L'homme révolté*, calar seria deixar que os outros pensem que nada se julga ou deseja. A partir do momento em que o homem revoltado fala, todavia, ele expõe seu julgamento (1951, p. 26).

Quando o advogado de Meursault lhe pede para que diga no dia do julgamento que não havia chorado no enterro de sua mãe porque controlara seus sentimentos, ouve como resposta de seu cliente: «Non, parce que c'est faux» (1942b, p. 100)¹⁴⁷. Com essas palavras, Meursault profere mais do que um não: ele se recusa a enganar o júri e a todos que assistirão a seu julgamento, objetivando a verdade e a justiça. Aceitar as ordens do seu advogado e seguir um testemunho previamente combinado significaria para Meursault fazer parte de um jogo de mentiras que seria planejado de forma a induzir a opinião das pessoas presentes no julgamento a seu favor.

A revolta, apesar de aparentemente negativa, é nesse aspecto positiva. Ao procurar respostas e justificativas à condição humana e negar o que antes oprimia o revoltado, revela no homem o que deve ser defendido e permite que ele tome consciência do próprio valor. Se antes havia um sistema que oprimia o revoltado, agora há uma nova ordem criada por ele mesmo a partir do momento em que defendeu seus valores dizendo não.

Mesmo vivendo a condição absurda da vida, Meursault sabe que há razão para amar este mundo. A falta de sen-

147 "Não, porque não é verdade" (2005b, p. 69).

tido profundo das coisas não o leva a pensar que a vida não vale a pena ser vivida. Ao contrário disso, ele rejeita o suicídio como forma de evasão ao absurdo, e quer viver lucidamente sua união com a natureza até a sua morte. Com a morte certa e próxima, Meursault conclui dentro de sua cela que foi feliz e ainda o era; tão perto da morte ele se sente pronto a reviver tudo, assim como também acha que sua mãe deve ter se sentido assim perto de morrer (1942b, p. 184).

A comunhão com a natureza faz-se presente na vida de Meursault até o fim da obra, quando diante da noite carregada de estrelas, ele se abre à terna indiferença de um mundo parecido com ele. Como nada diferente mais restasse a Meursault, ele diz: «[...] il me restait à souhaiter qu'il y ait beaucoup de spectateurs le jour de mon exécution et qu'ils m'accueillent avec des cris de haine» (1942b, p. 184)¹⁴⁸.

Enquanto a experiência do absurdo é vivida individualmente e encarada separadamente por cada indivíduo, a revolta é um movimento que ganha uma consciência coletiva. O homem que se sente tomado pelo absurdo alcança sua lucidez individualmente, e a partir daí entende que o sentimento de estranheza frente ao mundo que o toma é compartilhado com outros homens. Camus conclui em *L'homme révolté* que o homem sai da sua solidão a partir da sua revolta: «Je me révolte, donc nous sommes» (1951, p. 432)¹⁴⁹. A identificação com o coletivo também pode acontecer na revolta quando, por exemplo, o oprimido se indigna não só pelas injustiças cometidas contra ele, mas também contra o outro.

148 “[...] faltava-me desejar que houvesse muitos espectadores no dia da minha execução e que me recebessem com gritos de ódio” (2005b, p. 126).

149 “Eu me revolto, logo existimos” (2005a, p. 35).

A obra *L'homme révolté* publicada em 1951 é de fundamental importância para a construção do conceito da revolta. Nela, o autor expõe suas ideias contra as ideologias que procuram justificar os crimes e violências que são cometidas contra seres humanos. Camus analisa o conceito de revolta de um ponto de vista histórico, suas características e suas consequências. A revolta para Camus tem uma dupla significação. Não é apenas histórica - apesar do seu ensaio analisar as manifestações históricas da revolta -, possui também um caráter metafísico sublinhado pelo autor.

Levantar-se contra a própria condição humana é o aspecto principal da revolta metafísica que se apresenta ao homem. Ela protesta contra a vivência que lhe é imposta. A reivindicação do homem que se revolta é de impor ordem ao caos e de encontrar justiça em uma vivência que lhe aparece desordenada. A revolta caracterizada de metafísica, da qual Camus trata, consiste em um movimento de protesto do oprimido contra quem o oprime. Segundo Camus, a revolta é chamada de metafísica porque: «[...] conteste les fins de l'homme et de la création [...] le révolté métaphysique se déclare frustré par la création» (1951, p. 436)¹⁵⁰. Revoltar-se, significa exigir clareza, ordem e unidade no meio do caos. Essa exigência do homem revoltado é constantemente frustrada pela incoerência do mundo e a injusta condição humana.

Camus ainda explica em *L'homme révolté* (1951, p. 40) que o homem revoltado não é ateu. Ao se revoltar contra um mundo fragmentado para daí atingir a unidade aspirada,

150 “[...] contesta os fins do homem e da criação [...] o revoltado metafísico declara-se frustrado pela criação” (2005a, p. 39).

ele também se opõe à força superior que permite que os homens vivam no meio de um caos. Ao mesmo tempo em que nega o suicídio, não aceita sua condição mortal de sofrimento. Consequentemente, esse homem que clama por um princípio de justiça preexistente em seus pensamentos e contraditório ao mundo em que ele vive é uma blasfêmia. Ele blasfema contestando a ordem estabelecida por Deus. Sua contestação é em nome desta mesma ordem e para que ela seja capaz de trazer aos homens unidade - aspecto oposto à contradição que encontrou até agora no mundo em que vive.

Segundo Camus, o protesto do homem revoltado dirige-se sempre ao que é dissonante e contestável na criação. Exige-se, por conseguinte, o desejo de unidade (1951, p. 508). A reivindicação do homem que tem por característica a revolta metafísica é motivada contra o sentimento de viver e morrer. Ele atribui então a Deus o sofrimento dos homens e exige do Criador um princípio de justiça.

Ainda de acordo com Camus, a injustiça do mundo é na verdade o princípio da revolta. Clamar por vida não significa clamar por mais vida, mas sim pelas razões dessa vida. Se a morte extingue tudo, o que morre não tem mais sentido. Lutar então pelas razões da vida significa lutar contra a morte – que é a própria falta de sentido. Camus exemplifica, em *L'homme révolté*, que a revolta não é propriamente pelo sofrimento que uma criança passa, mas pelo fato de que não se justifique por que essa criança sofre. Aceitam-se, por exemplo, a dor e o confinamento pelas razões da medicina. O que falta ao homem revoltado, então, é um princípio de explicação às coisas que o cercam (1951, p. 509).

A revolta histórica, por sua vez, rejeita as soluções simplistas dos discursos políticos e dos discursos ideológicos de

inspiração revolucionária para chegar à salvação da humanidade, bem como questiona a maneira que a sociedade se organiza política e socialmente.

Na revolta histórica, por exemplo, um escravo nega seu dono como dono, mas não como ser. O escravo quer apenas sair da sua condição de sofrimento e injustiça. Ele rejeita seu estado de submissão e quer ser algo que ele não é, ou seja, afirmar-se como igual ao seu senhor. A revolta metafísica, por seu turno, é mais ampla e o revoltado contesta a ordem estabelecida por Deus.

Camus afirma que a revolta, quando culmina na destruição, é ilógica. Proclamando a unidade da condição humana, é força de vida, não de morte, pois tem como objetivo a criação, e não a destruição (1951, p. 688). Uma vez que o homem se revolta, é porque há injustiças, mentiras e violência ao seu redor. Não é em consequência desse fato, porém, que o homem revoltado cometerá qualquer violência ou assassinato. Está em seu princípio protestar contra a morte. Camus expõe que se este homem não conseguir deixar de matar – direta ou indiretamente – deve focar suas ações em reduzir o assassinato à sua volta (1951, p. 689).

É importante ressaltar que Camus distingue a revolta da revolução. Helder Ribeiro (1996, p. 257) enfatiza que, enquanto o homem inserido em uma revolução tem ideias claras, pré-fixadas e pode lutar com violência para atingir seus objetivos, o homem absurdo revolta-se contra sua condição, num protesto obscuro. Vicente Barreto (1991, p. 68) completa que, enquanto a revolta é uma filosofia de vida, a revolução é considerada um movimento político e social. Segundo Camus, a revolta pode matar homens, mas a revolução mata os homens e seus princípios. A pri-

meira é apenas o movimento de alguma experiência individual vivida que chega à ideia e a segunda é a inserção de uma ideia na experiência histórica (2005a, p. 516). Camus ainda analisa em *L'homme révolté* que:

[...] l'histoire des hommes, en un sens, est la somme de leurs révoltes successives [...] Ce qu'on appelait dévotement au XIX siècle l'émancipation progressive du genre humain apparaît de l'extérieur comme une suite ininterrompue de révoltes qui se dépassent et tentent de trouver leur forme dans l'idée, mais qui ne sont pas encore arrivées à la révolution définitive, qui stabiliserait tout au ciel et sur la terre [...] S'il y avait une seule fois révolution, en effet, il n'y aurait plus d'histoire. Il y aurait unité heureuse et morte rassasiée (1951, p. 517)¹⁵¹.

Camus constituiu suas obras com vários personagens que se locomovem no absurdo e se revoltam cada um à sua maneira. *La Peste* relata uma história que acontece em Oran, cidade no norte da África, tomada pela peste bubônica. A cidade é fechada sobre si mesma e seus moradores passam a conviver com sentimentos como o medo e a solidão. A morte é fato quase certo e a doença faz milhares de vítimas que passam a dar importância à vida e ao próximo, despertando a compaixão e a ajuda mútua. A iminência da morte traz à tona que a vida e o homem são finitos.

151 “[...] a história dos homens, em certo sentido, é a soma de suas revoltas sucessivas [...] O que se chamava, devotamente, no século XIX de emancipação progressiva do gênero humano é visto do exterior como uma sequência ininterrupta de revoltas que se superam, tentando encontrar a sua forma na ideia, mas que ainda não chegaram à revolução definitiva, que estabilizaria tudo na terra e no céu [...] Se houvesse revolução uma única vez, não haveria mais história. Haveria uma feliz unidade e uma morte satisfeita” (2005a, p. 133).

Isolados do resto do mundo e separados de seus amantes e familiares, os cidadãos de Oran voltam-se para seus vizinhos e para cada um da cidade para redescobrirem a essência das relações humanas, antes adormecidas pela fria rotina de cada um. O doutor Rieux, personagem central da história, tem papel fundamental na trama, pois se revolta contra o mal que assola a cidade e se une a vários outros personagens para combater este mal cuja origem eles desconhecem. Segundo Hélder Ribeiro, a revolta que Camus quer expor, é aquela que brota da própria condição absurda do homem e tenta melhorar a condição humana. Essa revolta funda a fraternidade entre os homens. O homem então percorre o caminho do absurdo à revolta, da revolta à fraternidade (1996, p. 232).

Calígula, por sua vez, revolta-se contra os deuses, o destino e a morte que o separou de sua irmã e também amante. Ele assume uma revolta negativa, matando as pessoas por motivos banais. O personagem encarna o ódio tornando-se insensível e cruel por ter que se curvar para a morte, o único destino que é certo aos homens.

LINGUAGEM DE CAMUS EM L'ÉTRANGER

A obra *L'étranger*, de Albert Camus, é dividida em duas partes. A primeira é constituída de seis capítulos e se inicia com um telegrama de um asilo, anunciando para Meursault a morte de sua mãe. O personagem, que é o próprio narrador da história, descreve o enterro de sua mãe e foca sua narrativa em seus afazeres diários, seu trabalho, o começo do relacionamento com a namorada Marie e o assassinato que ele comete no fim do sexto capítulo. Na primeira parte, os personagens mais envolvidos com Meursault têm nome: Marie (a namorada), Raymond e Salamano (os vizinhos de Meursault), Cêleste (o dono da pensão) e Masson (o amigo de Raymond). Como Meursault, esses personagens não demonstram grandes ambições, levam vidas simples e seus maiores prazeres são pequenos acontecimentos do dia a dia. Marie, por exemplo, vibra com um dia de sol ou um banho de mar, Raymond delicia-se com vinho e linguça, e Salamano demonstra prazer em levar seu cão para passear.

A segunda parte da obra é formada por cinco capítulos, e nela Meursault narra o período de seu interrogatório, julgamento, rotina na prisão e ainda reflete sobre sua execução após ser condenado à morte por decapitação. Camus faz uma relação de cada fim das duas partes da obra com a morte: a primeira parte é encerrada com o assassinato do árabe e a segunda com Meursault à espera de sua execução. Os personagens com quem Meursault lidará depois de sua prisão não têm nome e são conhecidos apenas como o advogado, o juiz de instrução, o guarda ou o capelão.

Brian T. Fitch ressalta que, se a primeira parte de *L'étranger* dá a impressão, à primeira vista, de ser narrada dia a dia, a segunda revela uma organização sistemática das memórias de Meursault principalmente enquanto o personagem está preso. Fitch analisa a perspectiva narrativa do romance principalmente sob duas hipóteses. A primeira é que, conforme a impressão que o leitor tem da obra, os acontecimentos da vida de Meursault são como se ele fizesse um diário, uma espécie de diário de bordo. A segunda hipótese é que o personagem conta toda sua história no final da obra, bem perto da sua morte, como se tivesse escrito a primeira linha sabendo que iria morrer (1972, p. 117).

De acordo com a análise de *L'étranger* feita por Bernard Pingaud (1992, p. 78), há um corte na obra que separa a primeira parte da segunda. Isso ocorre porque Camus quer mostrar dois mundos e realidades vividas por Meursault. Na primeira parte, a rotina e o pequeno mundo dos empregados argelinos. Na segunda, o mecanismo judicial. Esses dois universos distintos narram primeiro um comportamento de um homem frente à sua rotina, e depois frente à própria morte. Meursault deixa um mundo tranquilo para

entrar na porta da desgraça com os «quatre coups brefs» que ele mesmo deu¹⁵².

O estilo literário adotado por Camus em *L'étranger* é simples e objetivo. Essa simplicidade, porém, é relevante para a expressão literária da obra e para transferir ao leitor a experiência do absurdo vivida pelo personagem Meursault durante a narrativa. Camus trata de um tema complexo como o absurdo com um vocabulário claro e de maneira concisa. Em seus estudos sobre a obra, Pierre Louis Rey refere-se à simplicidade de *L'étranger* quando escreve: «[...] l'art du roman est à la portée de tous» (1981, p. 69)¹⁵³.

Barthes, em *Le Degré zéro de l'écriture*, nomeia o modo de escrever claro e objetivo de Camus de «écriture blanche» ou “escrita branca”. Para Barthes, Camus foi o escritor que atingiu o máximo de impessoalidade em suas narrativas. *L'étranger* é a obra mencionada por Barthes como exemplo de fala transparente que, narrada na primeira pessoa, se utiliza do *passé composé*, tempo verbal que dá ao texto literário um estilo neutro, geralmente utilizado para o discurso oral, ao contrário do uso do *passé simple*, típica construção das narrativas literárias, que «signale toujours un art» (1953, p. 25)¹⁵⁴. Para Barthes, o grau zero da escrita não recorre aos mecanismos gramaticais e estilísticos. Essa forma de escrita vive em um espaço neutro não submetido às leis da literatura e também pode ser considerada uma escrita de «style sobre» ou «style dépouillé». Ainda segundo Barthes:

152 Refere-se à última frase do capítulo VI da primeira parte de *L'étranger* quando o personagem diz que os quatro tiros dados no árabe eram como: «[...] quatre coups brefs que je frappais sur la porte du malheur» (1942b, p. 93).

153 “[...] a arte do romance está ao alcance de todos” (REY, Pierre Louis, 1981, p. 69, tradução nossa).

154 “[...] assinala sempre uma arte” (O Grau Zero da Escrita, Edições 70, Lisboa, 1997, p. 31).

L'écriture au degré zéro est au fond une écriture indicative [...]c'est plutôt une écriture innocente. Il s'agit de dépasser ici la Littérature en se confiant à une sorte de langue basique, également éloignée des langages vivants et du langage littéraire proprement dit. Cette parole transparente, inaugurée par L'étranger de Camus, accomplit un style de l'absence idéale du style (1953, p. 56)¹⁵⁵.

Bernard Pingaud relaciona o estilo particular de narrar do personagem Meursault à ausência nas coordenações entre as frases e às construções verbais simples, com o cagayous, língua popular argelina:

En écrivant ainsi, Camus traduit une façon de parler typique des Français d'Algérie, elle-même héritée du style et du rythme de récit des Arabes: transcription simple des faits appréciés en eux-mêmes, sans qu'il soit besoin de les organiser et surtout de les coordonner dans un discours cohérent, mais qui prennent finalement, par accumulation, une dimension épique (1992, p. 70)¹⁵⁶.

155 A escrita no grau zero é no fundo uma escrita indicativa [...]; é antes uma escrita inocente. Trata-se de ultrapassar aqui a Literatura, entregando-nos a uma espécie de língua básica, tão afastada das linguagens vivas como da linguagem literária propriamente dita. Esta fala transparente, inaugurada pelo Estrangeiro de Camus, realiza um estilo de ausência que é quase uma ausência total de estilo (O Grau Zero da Escrita, Edições 70, Lisboa, 1997, p. 64).

156 Ao escrever assim, Camus reflete um modo de falar típico dos franceses da Argélia, estilo e ritmo próprios herdados da narrativa dos árabes: transcrição simples dos fatos apreciados em si, sem a necessidade de organizá-los e, sobretudo de coordená-los com um discurso coerente, mas que adquirem finalmente por acumulação uma dimensão épica

O estilo literário que Camus escolheu para compor a obra *L'étranger* reflete a mentalidade de Meursault: um narrador-personagem que não expressa seus sentimentos e narra os fatos da história em primeira pessoa com uma linguagem simples, limitando-se a respostas breves e objetivas. De acordo com Pierre Louis Rey (1981, p. 72), todo romance supõe que o leitor veja através dos olhos e da consciência do herói-narrador o mundo que constitui a narrativa (no caso dos romances narrados em primeira pessoa). Em *L'étranger*, o leitor consegue enxergar o absurdo vivido por Meursault através dos olhos dele. O leitor também passa, por meio das opiniões e descrições de Meursault, a admirar a beleza da natureza, do sol e do mar, bem como vive o julgamento do narrador segundo os pontos que ele quer destacar.

Quando relata o crime que cometeu para o juiz do seu processo de instrução, Meursault não o faz na tentativa de justificar seus atos ou demonstrar arrependimento. Ao ser interrogado, ele conta exatamente o que aconteceu de uma forma neutra. A simplicidade dos argumentos de Meursault em sua confissão mostra a imagem que em geral ele quer transmitir ao leitor: um assassino que enfrenta sua sentença de morte com coragem e não tenta desculpar-se abertamente pelo que fez. Essas características do personagem, porém, aliadas à sua falta de arrependimento e à sua indiferença, não desviam do pensamento do leitor a impressão que se tem: Meursault é vítima de uma sociedade fria que o julga pelos acontecimentos que precederam o crime cometido por ele.

Em seus estudos sobre a obra *L'étranger*, Bernard Pingaud e Pierre Louis Rey analisam o ponto de vista do leitor, que

(PINGAUD, Bernard, 1992, p. 70, tradução nossa).

na maioria das vezes está a favor de Meursault. De acordo com Pingaud (1992, p. 89), o leitor é levado pelo jogo da ficção a se identificar com Meursault e naturalmente tenta achar uma explicação psicológica para o absurdo vivido pelo personagem. Rey, por sua vez, ressalta: «Le lecteur, lui, se contentera de constater que, quel que soit son degré d'intelligence ou de culpabilité, il est victime d'une société qui préfère à l'homme réel, donc mystérieux, l'idée qu'elle s'en fait» (1981, p. 64)¹⁵⁷.

Meursault transmite ao leitor por meio da própria narração dos fatos, a impressão de que a justiça transforma seu crime que foi cometido devido a uma sucessão de fatos ao acaso, em um crime premeditado. Há, em consequência disso, uma tendência geral de que o leitor esteja na maioria das vezes a favor de Meursault mesmo sabendo que ele assassinou uma pessoa. O leitor é então espontaneamente conduzido a essa tomada de decisão, uma vez que não tem os fatos narrados pela voz de uma testemunha do árabe, por exemplo.

A cena do assassinato é relatada mediante as impressões de Meursault que demonstra certa inocência ao cometer o crime. O personagem diz, por exemplo, que deu um passo a frente para livrar-se do sol mesmo sabendo que isso era estupidez, ou ainda que a briga da praia era um caso encerrado e ele havia ido à fonte com o objetivo apenas de descansar (1942b, p. 90). Ainda sabemos, graças às palavras de Meursault, que ele está abalado com o forte sol do dia, uma vez que ele se deixa dominar facilmente pelas experiências sensoriais.

157 O próprio leitor se contentará em constatar que qualquer que seja seu grau de inteligência ou culpabilidade, ele é vítima de uma sociedade que prefere ao homem real, pois misterioso, a ideia de que ele se faz dela (REY, Pierre Louis, 1981, p. 64, tradução nossa).

Outro aspecto relevante na narrativa de Meursault é que ele geralmente minimiza alguns acontecimentos de real gravidade aos olhos do leitor para dar destaque aos seus momentos de lazer. O trabalho no escritório é minimizado em detrimento de outras prioridades do narrador como a diversão ou a exaltação da natureza. No início do capítulo IV da primeira parte da obra, por exemplo, Meursault narra: «J'ai bien travaillé toute la semaine [...]» (1942b, p. 55)¹⁵⁸. Com apenas uma frase, o personagem resume toda a sua semana de trabalho e em seguida logo muda de assunto: «[...] Raymond est venu et m'a dit qu'il avait envoyé la lettre» (1942b, p. 55)¹⁵⁹. Meursault continua sua fala narrando suas atividades de lazer, como as idas ao cinema com o colega de trabalho Emmanuel ou o passeio na praia com a namorada Marie.

Em *L'étranger*, o leitor se depara com um narrador indiferente ao mundo e que não expressa nenhum sentimento diante da morte da mãe ou do próprio julgamento. A maneira de ver as coisas de Meursault é passada então ao leitor por meio de frases curtas, na maioria das vezes sem ligação de causa e consequência entre os fatos. O personagem em geral fala pouco e sua limitação narrativa restringe, de certa forma, seu discurso. Bernard Pingaud (1992, p. 75) ressalta que, como todos os fatos da narrativa são contados por Meursault, o leitor conhece somente o que o personagem nos diz. Ele ainda escreve sobre o estilo da obra: «Le style de *L'étranger* se distingue par l'emploi de procédés empruntés au langage oral, notamment le passé composé, une certaine négligence chronologique, l'absence ou la mollesse des coordinations» (1992, p. 75)¹⁶⁰.

158 “Trabalhei muito durante toda a semana” (2005b, p. 37).

159 “Raymond veio visitar-me e disse que enviara a carta” (2005b, p. 37).

160 “O estilo de *L'étranger* distingue-se pelo emprego de procedimentos tirados da linguagem oral, em especial, o passado composto, certa negligência cronológica, a ausência ou fraqueza das coordenações” (PINGAUD, Bernard, 1992, p. 75, tradução nossa).

Essa maneira particular de Meursault de narrar os fatos evidencia o absurdo em que ele se locomove e que Camus conseguiu transmitir ao leitor. As lacunas deixadas por Camus logo nas primeiras páginas do romance, por exemplo, enfatizam a subjetividade do narrador. Meursault anuncia no primeiro parágrafo da obra de uma forma abrupta a morte de sua mãe, e transmite ao leitor, desde as primeiras linhas da narrativa, sua indiferença frente ao mundo que o cerca.

Nos quatro parágrafos seguintes ao recebimento da notícia da morte de sua mãe, o personagem não faz qualquer comentário individuado sobre ela e não se lamenta por seu falecimento até o fim da obra. O que lhe interessa após o recebimento do telegrama, é a distância da viagem para chegar até o asilo onde sua mãe faleceu, o ar insatisfeito do patrão diante do pedido de dois dias de licença e o calor daqueles dias de sol. Meursault não consegue exteriorizar com palavras qualquer sentimento pela morte de sua mãe, e por isso tem-se a impressão de que ele é completamente indiferente a esse fato. É com essa forma de narrar, dada a Meursault por Camus, que o leitor percebe claramente o absurdo em que o personagem se locomove.

O estilo de escrita de *L'étranger* é descontínuo e fragmentado e os fatos não seguem uma sequência cronológica. Há uma sucessão de acontecimentos de acordo com o que o narrador quer destacar naquele momento, independentemente do tempo verbal a que os fatos se referem. Bernard Pingaud escreve sobre esse estilo de escrita de Camus: « [...] pour avoir le sentiment d'entrer dans un monde parfaitement autonome, qui n'a besoin d'aucune justification particulière, mais s'impose de lui-même au lecteur comme

si le texte, à chaque ligne, l'inaugurait» (1992, p. 15)¹⁶¹.

Para Pingaud (1992, p. 83), a escolha do momento da narração em um romance nunca é inocente, porque é por meio dela que todos os acontecimentos giram e se organizam a fim de dar à história um senso. Ao escrever *L'étranger*, Camus deu certa incoerência oral ao narrador da história, aspecto paralelo à incoerência da vida que ele levava.

Bernard Pingaud faz ainda uma análise do deslocamento do momento da narração transmitido ao leitor por Meursault. Os primeiros acontecimentos que o narrador-personagem destaca são exemplos claros desse deslocamento. Ao usar a palavra **aujourd'hui** (hoje) para relatar a morte de sua mãe em «Aujourd'hui, maman est morte» (1942b, p. 9)¹⁶², o leitor percebe claramente que Meursault se refere ao presente. Entender-se-ia que o tempo da narração é próximo ao tempo da história ocorrida. Pingaud (1992, p. 83), porém, sublinha que esse presente usado na primeira frase da narrativa de Meursault reflete uma incoerência, uma vez que o texto não poderia ter sido escrito no mesmo dia em que o narrador recebeu a notícia da morte de sua mãe. O efeito transmitido ao leitor é que Meursault narra sua história poucos dias ou poucas horas antes de sua execução.

O personagem-narrador se desloca rapidamente do presente em que está no primeiro parágrafo da obra, para no parágrafo seguinte narrar uma ação que aconteceu após aquela que ele acabara de mencionar. Quando, por exemplo, o leitor imagina Meursault com o telegrama da morte de sua mãe nas mãos, o personagem narra de forma ines-

161 “[...] ter a sensação de entrar em um mundo perfeitamente autônomo, que não necessita de nenhuma justificação particular, mas se impõe por ele próprio ao leitor como se o texto a cada linha, o inaugurasse” (PINGAUD, Bernard, 1992, p. 15, tradução nossa).

162 “Hoje, mamãe morreu [...]” (2005b, p. 7).

perada seu pedido de licença de dois dias no escritório ou que já havia tomado o ônibus e estava almoçando na pensão do amigo Céleste (1942b, p. 10).

De forma geral, Meursault narra os fatos de *L'étranger* no presente. O personagem não faz antecipações de fatos do futuro com possíveis planos (característica do homem absurdo) ou estabelece uma relação entre todos os fatos narrados. A narração de *L'étranger* é, em grande parte, marcada por uma construção frásica que se baseia na disjunção, na oposição ou na adição pura pelo efeito utilizado por Camus de justapor as frases. Cada frase (em geral curta) constitui um todo, uma unidade vital, uma presença sem ligação com a seguinte. Quando, por exemplo, Meursault diz «Ma chambre donne sur la rue principale du faubourg» (1942b, p. 35)¹⁶³, o leitor subentende que ele continuará a falar sobre sua casa ou mesmo sobre a rua. O personagem então continua: «L'après-midi était beau» (1942b, p. 35)¹⁶⁴.

De acordo com Bernard Pingaud (1992, p. 89), Meursault é um narrador que nos conta sobre sua vida como se ela não lhe pertencesse mais. O personagem já havia dito que seu advogado, o promotor e todos os envolvidos no seu julgamento o tratavam à margem de seu caso. Porém, é o próprio narrador que contribui de uma maneira mais relevante para dar esta impressão de impessoalidade à narrativa. Pingaud observa que o pronome «je», usado por Meursault para narrar os fatos em primeira pessoa, assume o papel do pronome «il» devido a essa barreira de impessoalidade que Meursault impõe aos leitores. Para Bernard Pingaud (1992, p. 91): «Le parti pris narratif du roman consiste à interdire au lecteur la complicité naturelle qu'impose

163 “Meu quarto dá para a rua principal do bairro” (2005b, p. 24)

164 “A tarde estava bonita” (2005b, p. 24).

pourtant l'emploi du «je». Ici, le «je» est aussi un «il», la personne neutre impersonnel [...]¹⁶⁵.

Pingaud (1992, p. 92) também analisa que Camus faz uso na obra *L'étranger* dos pronomes «je» e «il» sem dar a um ou a outro maior significação. O pronome «je» de que Meursault se utiliza é de fato o responsável por narrar a história, o que caracterizaria um fato meramente formal, uma vez que esse «je» é impessoal e exclui tanto o leitor quanto o próprio narrador da sua intimidade. Ao iniciar suas falas com **je**, Meursault exclui qualquer pessoa da sua narrativa e, na maioria das vezes, concentra suas palavras nas ações rotineiras que ele mesmo desenvolveu.

O fato de Meursault ser o narrador da história não permite ao leitor saber detalhes da vida dele, e tem-se a impressão de que nem o narrador tem essa consciência a respeito da sua própria vida. Meursault não compartilha seus sentimentos com o leitor. O que ele compartilha é a narrativa dos acontecimentos ocorridos e alguns detalhes que ocupam por diversas vezes sua consciência sobre as coisas que ele observa.

Considera-se então o uso do «je» utilizado por Camus - e consequentemente por Meursault - como uma forma de impessoalidade: efeito inverso ao que geralmente se quer alcançar nas narrativas que são escritas na primeira pessoa. Ao mesmo tempo em que o leitor faz parte da vida de Meursault, por saber os fatos por meio da sua narrativa, ele está fora por causa do elevado nível de impessoalidade que Meursault adota em sua narrativa.

165 "A orientação narrativa do romance consiste em proibir ao leitor a cumplicidade natural que impõe, no entanto, o uso do 'eu'. Aqui, o 'eu' é um 'ele', a pessoa neutra impessoal" (PINGAUD, Bernard, 1992, p. 91, tradução nossa).

Pierre Louis Rey observa que o protagonista Meursault pode ser considerado «[...] un être enfermé dans son moi» (1981, p. 72)¹⁶⁶. O registro de seus atos são frases simples na maioria das vezes sobre sua rotina iniciadas com o pronome pessoal **eu**. Segue como exemplo do uso do discurso na primeira pessoa um trecho em que Meursault narra um pouco de sua rotina no final do capítulo II da primeira parte da obra:

J'ai pensé alors qu'il fallait dîner. J'avais un peu mal au cou [...] Je suis descendu acheter du pain et des pâtes, j'ai fait ma cuisine et j'ai mangé debout. J'ai voulu fumer [...] j'ai eu un peu froid. J'ai fermé mes fenêtres et en revenant j'ai vu dans la glace [...] J'ai pensé [...] (1942b, p. 39)¹⁶⁷.

Observa-se na obra que as falas dos personagens aparecem em estilo direto com o uso de aspas no meio da narrativa. Como ressalta Rey (1992, p. 71), Meursault se comporta de duas maneiras distintas para assumir o papel ora de narrador, ora de personagem. Enquanto narrador, Meursault se beneficia das formas gramaticais de Camus, e sua fala é mais formal. Enquanto personagem, sua fala iguala-se às pessoas que o rodeiam em um tom mais popular e estão entre aspas com o propósito de diferenciá-lo de Meursault-narrador.

Quando Meursault-narrador deseja justificar para Marie que sua mãe havia morrido, ele diz: «J'ai eu envie de

166 “[...] um ser preso em seu eu” (REY, Pierre Louis, 1981, p. 72, tradução nossa).

167 “Pensei, então, que era preciso jantar. Sentia um pouco de dor no pescoço [...]. Desci para comprar pão e massas, cozinhei e comi de pé. Quis fumar [...] senti um pouco de frio. Fechei as janelas e, ao voltar, vi o espelho [...]. Pensei [...]” (2005b, p. 27).

lui dire que ce n'était pas ma faute [...]» (1942b, p. 33)¹⁶⁸. Expressando a mesma ideia, porém, como personagem, Meursault diz ao seu patrão: «Ce n'est pas de ma faute» (1942b, p. 9)¹⁶⁹. Dessa forma mais direta, o personagem está no mesmo nível linguístico de Raymond ou Salamano.

Os personagens secundários que fazem parte de *L'étranger* são tão simples como a escrita que Camus se utilizou para transmitir ao leitor o absurdo do enredo. O leitor imagina as pessoas que cercam Meursault de acordo com a descrição que o próprio narrador-personagem faz delas. Observa-se nesses personagens o que os olhos dele relevam. Tem-se por isso a opinião de que Salamano é um homem idoso, solitário e que maltrata seu cão. Imagina-se ainda que Marie seja uma moça bonita e sensual. E Raymond, um vizinho proxeneta que tenta esconder esse fato de todos. Meursault trata aparentemente seus vizinhos com indiferença e, apesar de desejar sua namorada Marie, não faz perguntas sobre a vida dela.

Meursault está alheio aos problemas das relações humanas mais comuns que geralmente podem atrapalhar uma amizade ou um relacionamento amoroso. Ele não se importa que Raymond desenvolva uma atividade mal vista diante da sociedade, ou em dormir com Marie logo após a morte de sua mãe. Ele está aberto tanto ao amor de Marie como à amizade de Raymond. A ingenuidade de Meursault não permite que ele julgue as atitudes ou as pessoas que convivem com ele. Ao escrever uma carta para a amante de Raymond, Meursault não pondera as consequências daquele ato. Um leitor atento, por exemplo, pode pensar que Raymond pede a Meursault que escreva a carta para não

168 “Tive vontade de dizer-lhe que a culpa não era minha” [...] (2005b, p. 23).

169 “A culpa não é minha” (2005b, p. 7).

se comprometer e não porque ele realmente não é capaz.

Sendo personagem ou narrador, Meursault não entra na intimidade das pessoas que o rodeiam, não se interessa pela vida delas e também parece não fazer questão da amizade de cada um deles. Ele convive com as pessoas que o cercam sem fazer qualquer questionamento que permita ao leitor saber um pouco mais da vida dos outros personagens. Meursault diz a Raymond que tanto fazia ser seu amigo (1942b, p. 52) e declara já preso que, morta, Marie deixaria de lhe interessar (1942b, p. 173). Diante da proposta de casamento de Marie, ele é claro ao dizer que não a ama e que seria indiferente casar-se com ela (1942b, p. 67).

Marie e Raymond são os personagens mais envolvidos com Meursault e começaram a participar diretamente da vida dele após a morte de sua mãe. Supõe-se, pelo contexto da obra, que até o funeral de sua mãe Meursault mantinha contato apenas com Emmanuel, seu colega de escritório, e Céleste, o dono da pensão onde Meursault fazia regularmente suas refeições. No início da narrativa, percebe-se um deserto afetivo em Meursault. O fato de o personagem ter reencontrado Marie (que fora sua colega de escritório por pouco tempo), conhecido melhor seu vizinho Raymond (com quem ele não tinha contato) e as consequências do estreitamento dessas relações estão diretamente ligadas ao assassinato cometido por Meursault e à pena de morte que ele recebe. Raymond, porque pediu a Meursault que escrevesse uma carta para sua amante, dando início, assim, ao problema com o árabe que seria assassinado. Marie, porque foi vista aos olhos da sociedade de uma forma negativa ao começar um relacionamento com Meursault um dia depois da morte da sua mãe.

Pierre Louis Rey (1981, p. 47) analisa que o fato de *L'étranger* ser um romance escrito na primeira pessoa faz Marie depender das sensações de Meursault. De acordo com a maneira que o personagem se refere à Marie, tem-se a impressão de que ele a reduz a uma amante sem muita significação. Na prisão, Meursault diz que pela primeira vez em muito tempo pensou na namorada e ressalta que, uma vez que seus corpos estavam separados, nada mais os ligava. A lembrança de Marie, então, passaria a ser indiferente para ele (1942b, p. 173).

Meursault fala pouco de sua mãe durante o período em que narra os acontecimentos de sua vida. O fato da morte de sua mãe ser anunciada logo na primeira linha da obra consequentemente exclui da narrativa de Meursault qualquer diálogo com ela. Morta, sabe-se sobre a mãe de Meursault o que ele revela: poucas lembranças e alguns episódios que vêm à mente do narrador.

Em geral, Meursault não demonstra grandes sentimentos por sua mãe e não chora em seu enterro. A figura de uma mãe calada e quieta é a imagem que o filho e ao mesmo tempo narrador da história transmite ao leitor. Quando, por exemplo, o personagem ouve seu vizinho Salamano chorando, automaticamente lembra-se de sua mãe (1942b, p. 63). Essa ligação feita por Meursault entre o choro do vizinho e sua genetriz pode enfatizar a tristeza como sentimento característico dela. Bernard Pingaud analisa um aspecto contraditório nesse episódio: enquanto Salamano chora por seu cão e vive o luto por tê-lo perdido, Meursault foi incapaz de chorar no enterro de sua mãe (1992, p. 118). Meursault enfatiza a distância entre ele e sua mãe quando relata que ela o seguia com olhos e em silêncio en-

quanto estava em casa (1942b, p. 12), e ainda que eles não tinham assunto para conversar. O personagem também relata que sua mãe se entediava ao ficar com ele em casa (1942b, p. 73).

De acordo com Bernard Pingaud (1992, p. 48), podemos ter uma outra visão a respeito do relacionamento entre mãe e filho em *L'étranger*: «Il est possible que Meursault nous mente ou se mente à lui-même, et que son apparente insensibilité ne soit qu'un masque recouvrant «le sentiment bizarre» qui le lie à sa mère»¹⁷⁰. Pierre Louis Rey (1981, p. 55) faz uma análise parecida ao escrever: «Son insensibilité ne serait alors qu'apparente [...]. Les grandes douleurs, on le sait, sont muettes»¹⁷¹. Rey ainda analisa três pontos da obra e os liga diretamente ao amor e sofrimento de Meursault por sua mãe: Meursault começa a narrar os fatos a partir da morte de sua mãe, enchendo de significação essa perda; ele narra com melancolia a parte em que uma mãe visita um filho na prisão e eles se fitam em silêncio, separados por grades (1942b, p. 114); o personagem lê na prisão em um velho pedaço de jornal uma história bizarra em que a mãe mata o próprio filho sem saber e, ao descobrir, comete suicídio (1942b, p. 122).

Em alguns pontos de sua narrativa, Meursault parece demonstrar carinho ao se referir à sua mãe. Seu relato evoca por diversas vezes os valores morais e a sabedoria de uma figura materna bondosa e calma. Ele se recorda, por exemplo, que sua mãe repetia com frequência que as pessoas acabam acostumando-se a tudo. Na prisão, Meursault re-

170 “É possível que Meursault nos minta ou minta para si mesmo, e que sua aparente insensibilidade não seja senão uma máscara encobrindo o sentimento ‘bizarro’ que o liga a sua mãe” (PINGAUD, Bernard, 1992, p. 48, tradução nossa).

171 “Sua insensibilidade não seria senão aparente [...]. As grandes dores, como se sabe, são mudas” (REY, Pierre Louis, 1981, p. 55, tradução nossa).

lata que não se sentia muito infeliz, pois se lembrava de mais um ensinamento de sua mãe: havia sempre pessoas mais infelizes do que ele (1942b, p. 118). Meursault transmite ao leitor a impressão de que ele se utilizava das lembranças da mãe para o próprio consolo.

Ainda outras passagens da obra assinalam o afeto de Meursault por sua mãe. Quando segue para o enterro dela, Meursault observa as colinas, as casas bem desenhadas, o céu e a terra que ele denomina verde. Mediante a contemplação da natureza, ele diz que conseguia compreender sua mãe (1942b, p. 27). Outro exemplo em que Meursault demonstra afeição pela mãe é quando chega ao asilo e quer ver o corpo dela imediatamente, mostrando certa ansiedade para estar ao lado da mãe (1942b, p. 11). À espera de sua execução, Meursault pensa em sua mãe pela primeira vez em muito tempo. Ele diz então entender por que sua mãe arranjara um noivo tão perto do fim de sua vida. Conclui que, como ele, ela também estava pronta a reviver tudo (1942b, p. 183).

Meursault também não demonstra laços de afetividade com seu pai e fala sobre ele pela primeira vez no último capítulo da segunda parte de *L'étranger*. Ao recordar um fato que sua mãe havia relatado, o personagem anuncia a clara distância existente entre ele e o pai: «je ne l'avais pas connu» (1942b, p. 165)¹⁷². E aumenta ainda mais a impessoalidade ao se referir ao seu pai como «[...] cet homme [...]» (1942b, p. 166)¹⁷³.

Refletindo sobre a pena de morte recebida, o personagem lembra-se de uma história contada por sua mãe: seu pai

172 “Eu não cheguei a conhecê-lo” (2005b, p. 114).

173 “[...] este homem [...]” (2005b, p. 114).

fora assistir a uma execução de um assassino e voltara vomitando. Meursault confessa que seu pai lhe causava aversão na época em que sua mãe lhe contava essa história, porém, ao ocupar o lugar do assassino, consegue entender seu pai (1942b, p. 166). Segundo os estudos de Hélder Ribeiro a respeito dos laços afetivos de Meursault, o pai do personagem representa a lei e a ordem, a disciplina e a autoridade, a racionalidade e o respeito; a figura materna, por sua vez, é representada pela natureza, terra e mar, o pelo apego ao sol (1996, p. 29).

Os conhecidos de Meursault passam a ter mais significação para ele na segunda parte da obra, quando os mesmos testemunham a favor do réu. Percebe-se um grande esforço das pessoas ligadas a Meursault a fim de contribuírem para um resultado positivo em seu julgamento. O leitor observa a completa indiferença do réu dar lugar à gratidão, quando Meursault ouve o depoimento de Céleste a seu favor e declara que pela primeira vez em sua vida teve vontade de beijar um homem (1942b, p. 97).

Com um olhar mais atento na segunda parte da obra, Meursault começa a analisar certas situações à sua volta. Após o depoimento do diretor do asilo, por exemplo, o personagem expressa seu sentimento de tristeza quando diz que, pela primeira vez, em muitos anos, teve vontade de chorar porque sentiu como era detestado por todas aquelas pessoas que ali estavam (1942b, p. 93). O personagem compreendeu que era culpado pela primeira vez, quando já estava sentado no banco dos réus (1942b, p. 94).

Os árabes são presenças marcantes por toda a narrativa de *L'étranger*. A Argélia, terra natal de Camus, representa um papel importante na vida e nas obras do escritor.

Desde 1939, quando Camus foi enviado pelo jornal *Alger Républicain* para fazer reportagens sobre o sofrimento do povo e a fome que devastava a região de Kabylia, pôde verificar a situação de miséria em que se encontravam muitos de seus compatriotas. A Argélia foi palco de violência e combates. De acordo com Vicente Barreto, (1991, p. 134) a colonização da Argélia pela França fez surgir duas partes: a Argélia francesa, metropolitana, constituída principalmente por funcionários do governo francês, os comerciantes e fazendeiros franceses, e a Argélia muçulmana vivendo na miséria agravada pela exploração de sua mão de obra pelos metropolitanos. O sonho de Camus era justamente uma Argélia única, que transformaria argelinos e franceses em um só povo sem guerras. Ele se empenhava frequentemente em defender a causa dos árabes que eram humilhados, denunciando a violência dos colonos.

L'étranger foi escrito no mesmo período em que Camus constatava a opressão vivida por seus compatriotas. Segundo Pierre Louis Rey (1981, p. 68), *L'étranger* é uma obra que testemunha a realidade da colonização à qual Camus se mostrava mais sensível do que a maioria dos franceses da época. O escritor sempre denunciou as injustiças da colonização francesa no território da Argélia. Sendo assim, um árabe sendo vítima de Meursault poderia claramente ilustrar de maneira simbólica o assassinato do colonizado pelo colonizador.

Os árabes são representados em *L'étranger* como pessoas silenciosas e sem nome. Ao falar deles, Camus provavelmente teve a intenção de diferenciá-los dos outros personagens em algumas passagens da obra. Quando, por exemplo, Marie, Raymond e Meursault pegam o ônibus que lhes conduzirá até a praia, são observados por um

grupo de árabes. Meursault diz que os árabes «[...] nous regardaient em silence, mais à leur manière, ni plus ni moins que si nous étions des pierres ou des arbres morts» (1942b, p. 77)¹⁷⁴. A expressão «à leur manière» denota certo distanciamento entre os árabes do resto dos europeus. Entende-se que essa expressão indica uma particularidade somente dos árabes, como se a maneira deles de olhar as coisas fosse diferente dos outros povos.

A caracterização particular que Camus deu aos árabes na obra pode representar a realidade colonial sofrida por eles e pode alertar intencionalmente o leitor para o fato de que, aos olhos dos colonizadores, o povo árabe não tinha significação. Outro exemplo dessa realidade que Camus quis demonstrar faz-se presente na ocasião em que Meursault recebe a visita de Marie na prisão. O personagem observa com atenção que um árabe e sua mãe fitam-se de uma maneira particular que os diferencia de todos os outros presos e visitantes que ali estão (1942b, p. 116). Ainda, no primeiro dia de sua prisão, Meursault foi colocado em uma cela com muitos detidos e observou: «[...] la plupart des Arabes» (1942b, p. 112)¹⁷⁵.

Camus era considerado um *pied-noir*, termo em francês que significa **pé-negro** e é até hoje usado para descrever a população francesa que vivia na Argélia e que se repatriou na França depois de 1962. Nesse ano, a Argélia se tornou independente após um longo conflito sangrento. No seu uso corrente em francês, o termo é quase um sinônimo de repatriado.

Essa leitura política de *L'étranger* faz parte dos estudos de Bernard Pingaud (1992, p. 98) que afirma que, apesar

174 “Olhavam-nos em silêncio, mas à maneira deles, como se fôssemos pedras ou árvores mortas” (2005b, p. 76).

175 “[...] árabes em sua maioria” (2005b, p. 76).

de a obra ser composta também de experiências vividas pelo autor, não pode ser considerada um eco direto dos acontecimentos de guerra da época em que Camus a escrevia. O personagem Meursault não se interessa pela guerra da Espanha (1936-1939) ou a ascensão do totalitarismo. Sendo assim, Pingaud destaca que a história é ausente no romance.

Camus faz uma representação de toda a sociedade por meio de alguns personagens da obra. Na primeira parte, por exemplo, Meursault se sente julgado e censurado pelo diretor do asilo e por seu patrão. Na segunda, seu próprio advogado e o juiz de instrução o repreendem e o julgam como se estivessem fazendo o que a maior parte da sociedade faria diante de uma pessoa estranha e que não expressa sentimentos no enterro da própria mãe. Há uma tentativa por parte das pessoas que cercam Meursault de impor os fatos que elas acreditam, como as regras criadas pela sociedade que geralmente ignora e mesmo condena a honestidade do personagem.

As várias explicações que Meursault tenta dar a alguns personagens exprimem, na verdade, uma sensação de culpa diante de algumas situações em que ele se sente mais uma vez um estrangeiro. Quando vai até o asilo para o enterro de sua mãe, o personagem tenta justificar rapidamente por que ela estava ali. Após uma fala do diretor, Meursault diz: «J'ai cru qu'il me reprochait quelque chose et j'ai commencé à lui expliquer» (1942b, p. 11)¹⁷⁶. O diretor, porém, aperta longamente a mão de Meursault, mostrando-se cordial. O mesmo ato não é repetido no julgamento quando ele responde às perguntas olhando para

176 "Achei que estava me censurando por alguma coisa e comecei a explicar-lhe" (2005b, p. 8).

a ponta dos próprios sapatos e ignorando o réu.

Meursault também se sente repreendido pelo porteiro quando o mesmo o olha rapidamente no dia do julgamento e depois desvia os olhos (1942b, p. 135). No dia do funeral, os dois fumaram juntos, conversaram e beberam café. Essas atitudes indicam que, por diversas vezes no romance, Meursault é colocado à margem da sociedade, que o julga e o condena não somente pelo assassinato cometido, mas por não chorar no enterro de sua mãe.

Em seu julgamento, antes mesmo de enfrentar o tribunal, Meursault também é julgado por seu patrão que o analisa e opina sobre sua maneira de agir. Quando recebe uma proposta melhor de trabalho e não se interessa por ela, Meursault entende que seu patrão fica descontente e pondera que seu empregado «[...] répondez toujours à côté, que je n'avais pas d'ambition et que cela était désastreux dans les affaires»¹⁷⁷. Meursault sente que gostaria de não ter aborrecido seu patrão, mas não via razão para mudar de vida.

Meursault ainda se sente julgado ao ouvir de seu advogado que uma investigação sobre a vida dele havia sido feita (1942b, p. 99). O leitor tem uma clara impressão de que o advogado, além de já ter estudado o processo de seu cliente, também havia procurado saber sobre a personalidade dele, o que explica as perguntas pessoais feitas a Meursault ao encontrá-lo pela primeira vez. O acusado tenta explicar ao seu advogado que não poderia dizer que controlara seus sentimentos no dia do enterro de sua mãe porque isso não era verdade. Ao ver seu advogado deixan-

¹⁷⁷ “[...] respondia sempre à margem das questões, que não tinha ambição e que isto era desastroso nos negócios” (2005b, p. 45).

do a sala com um ar zangado porque não compreendia suas razões, Meursault sente que gostaria de explicar-lhe que: «[...] je désirais sa sympathie [...]» (1942b, p. 101)¹⁷⁸ e mesmo de tê-lo impedido de ir embora. Meursault também narra que ele desperta certa repulsa em seu advogado, que o olha por diversas vezes de um modo estranho.

Também o juiz de instrução faz uma análise de Meursault, dizendo sobre a impressão que as pessoas tinham dele: «[...] un caractère taciturne et renfermé [...]»¹⁷⁹. Acrescentou que ele não conseguia entender algumas atitudes de Meursault e que nunca tinha visto uma alma tão endurecida diante da recusa dele a Deus. Mais uma vez, Meursault é diferenciado das outras pessoas e tratado com um estrangeiro, quando o juiz de instrução diz que todos os outros presos haviam chorado frente à imagem de dor do Cristo, menos ele.

Apesar de não compreender o mecanismo do jogo social, Meursault colabora com todo o processo a que é submetido e até adquire certa simpatia pelos personagens que representam a justiça. Ao fim dos onze meses de instrução, ele teve «l'impression ridicule de faire partie de la famille» (1942b, p. 108)¹⁸⁰. Achou o juiz de instrução «[...] très raisonnable et, somme tout sympathique [...]» (1942b, p. 98)¹⁸¹ e até mesmo o promotor, responsável por acusá-lo e condená-lo, era mais talentoso do que seu próprio advogado (1942b, p. 157).

A maior parte do enredo de *L'étranger* se passa na cidade de Argel, com exceção do enterro da mãe de Meursault

178 “[...] desejava a sua boa vontade [...]” (2005b, p. 70).

179 “[...] um caráter taciturno e fechado [...]” (2005b, p. 70).

180 “[...] a sensação de fazer parte da família” (2005b, p. 75).

181 “[...] uma pessoa muito sensata e, afinal, simpática [...]” (2005b, p. 68).

que acontece em Marengo (a oitenta quilômetros de Argel). Camus descreve a capital da Argélia, país situado no norte da África, como um lugar único e cheio de sol. Pingaud (1992, p. 27) aponta que seria um erro reduzir a Argélia de *L'étranger* a uma simples decoração ou cenário de fundo. Na verdade, ela é a alma do romance e torna-se uma referência fundamental na obra.

O romance apresenta poucas indicações geográficas. Meursault situa o quarto em que vive na rua principal do bairro (1942b, p. 35). Da varanda do seu quarto, ele relata que consegue avistar o dono da tabacaria sentado em frente à mesma. Ele ainda relata que seu escritório fica no porto, de frente para o mar (1942b, p. 42). A Rua de Lyon é onde Salamano, o vizinho de Meursault, andava com seu cachorro, e o Campo de Manobras onde havia a feira local com muitas barracas e pessoas. Segundo Rey: «Le stade municipal se trouvait au bout de la rue de Lyon, dans le quartier de Ruisseau, et il est normal que le tramway qui ramène joueurs et spectateurs passe sous les fenêtres de Meursault» (1981, p. 22)¹⁸².

Não há no romance qualquer indicação do ano em que os fatos aconteceram. Rey, porém, escreve suas impressões sobre a possível época em que o romance foi situado por Camus: «L'insouciance de Meursault pour tout ce qui ne touche pas à son univers personnel soustrait le roman à l'actualité. On peut seulement supposer que nous sommes dans les années qui précèdent la guerre de 1939» (1981, p. 23)¹⁸³.

Meursault narra no início do capítulo III da segunda parte

182 “O estádio municipal se encontrava no fim da Rua de Lyon, no bairro de Ruisseau, e é normal que o bonde que trazia de volta os jogadores e espectadores passasse por baixo das janelas de Meursault” (REY, Pierre Louis, 1981, p. 22, tradução nossa).

183 “A indiferença de Meursault por tudo o que não toca o seu universo pessoal subtrai o romance da atualidade. Pode apenas supor-se que estamos nos anos que precedem a guerra de 1939” (REY, Pierre Louis, 1981, p. 23, tradução nossa).

da obra que o verão substituiu rápido o verão (1942b, p. 125), o que dá ao leitor a ideia de que a duração dos fatos que sucederam o assassinato do árabe cometido por Meursault até o início de seu julgamento foi de um ano. Rey (1981, p. 55) escreve que a ação de *L'étranger* durou dois verões, ou mais exatamente dois meses de junho de dois anos sucessivos. O sol é presença constante na obra e não há passagens que mencionem chuva ou dias nublados. Os principais acontecimentos da narrativa como o dia do enterro da mãe de Meursault, o banho no centro de lazer do porto com Marie, o banho de mar com os amigos e o assassinato na praia são ensolarados. Conclui-se, por isso, que a estação do ano era o verão.

O processo de instrução que antecede o julgamento de Meursault dura onze meses como descreve o próprio personagem (1942b, p. 108). Quase um ano após o assassinato, a história retorna ao verão, estação em que começa o julgamento de Meursault. Os juízes, então, usam ventarolas de palha trançada para se abanarem e por diversas vezes o personagem cita as consequências do calor em seu julgamento.

Segundo algumas referências que a obra *L'étranger* fornece, entende-se que Meursault parte em uma quinta-feira para Marengo a fim de enterrar sua mãe. O personagem narra que teve que pedir dois dias de folga para seu patrão, e só depois entendeu que o chefe poderia ter ficado nervoso com ele porque, afinal, os dois dias seriam emendados com o final de semana. Meursault dorme em Marengo, enterra sua mãe e volta na sexta-feira para Argel. Ele acorda no sábado e fica na cama cansado. Descreve o reencontro com Marie no centro de lazer do porto e a ida ao cinema nesse dia à noite. No domingo, Meursault fica

em casa observando a movimentação das pessoas na rua pela varanda de seu quarto.

No capítulo III da primeira parte da obra, Meursault fala sobre a segunda-feira que sucede a morte de sua mãe. Sua narrativa, todavia, não contém detalhes sobre seu trabalho e ele apenas se limita a dizer que nesse dia trabalhou muito no escritório (1942b, p. 41). O personagem concentra sua narração em ações cotidianas como o almoço com o colega Emmanuel, os encontros com o vizinho Salamano e a relação que ele mantém com seu cão, e o início da amizade com o vizinho Raymond Sintès.

No capítulo IV, Meursault segue com a narrativa da primeira semana após a morte de sua mãe. Como anteriormente, ele inicia o capítulo dizendo que havia trabalhado muito durante toda a semana, mas muda rapidamente de assunto, mencionando a visita do vizinho Raymond e os momentos de lazer que teve durante a semana como ir duas vezes com Emmanuel ao cinema (1942b, p. 55). Conclui-se que Meursault narra os fatos no domingo, pois menciona: «Hier, c'était samedi et Marie est venue, comme nous en étions convenus» (1942b, p. 55)¹⁸⁴. A maior parte do capítulo é então dedicada ao sábado, dia que Meursault e Marie vão à praia, e ao domingo, quando o vizinho Raymond esbofeteia sua amante.

No capítulo V, Meursault narra a segunda semana que sucede a morte de sua mãe. Ele fala pouco do seu trabalho e relata de forma sucinta uma conversa que tivera com seu patrão que lhe oferecera então uma nova oportunidade de trabalho. Mais uma vez, o personagem minimiza a narrativa do trabalho para dar destaque aos momentos de

¹⁸⁴ "Ontem foi sábado e, como havíamos combinado, encontrei-me com Marie" (2005b, p. 37).

lazer. Meursault narra seu passeio com Marie, o jantar na pensão do amigo Céleste e a conversa com o vizinho Salamano, que havia perdido seu cão. O capítulo VI encerra a primeira parte da obra e relata o segundo domingo depois da morte da mãe de Meursault, dia do assassinato.

Conclui-se que a primeira parte da obra - do enterro da mãe de Meursault até o assassinato do árabe na praia - é composta de dezoito dias. Para tal conclusão, consideram-se os dois dias de licença de Meursault para o enterro de sua mãe, mais os dois dias do final de semana. Somados esses quatro dias às duas semanas de trabalho de Meursault, tem-se o total de dezoito dias. A primeira parte da obra se encerra no domingo do assassinato que Meursault comete na praia.

De acordo com Bernard Pingaud (1992, p. 83), os fatos narrados na primeira parte da obra, e que abarcam esses dezoito dias, são contados à medida que são produzidos com as expressões «aujourd'hui», «hier», «maintenant», «ce matin»¹⁸⁵. Essas marcas, porém, tendem a desaparecer na segunda parte da obra e o narrador dá a impressão de que situa sua narração perto de sua execução.

O tempo em *L'étranger* é linear e os acontecimentos são sempre somados aos anteriores. Meursault não faz retorno ao passado. Cada capítulo nos faz progredir no tempo em direção ao futuro. O leitor de *L'étranger* percebe as evidências da culpa de Meursault, mas ao mesmo tempo tende a protegê-lo devido ao assassinato que ele comete sem premeditação, ocorrido com a explosão de irracionalidade de uma pessoa pacata e aparentemente controlada: é a voz

185 “Hoje”, “ontem”, “agora”, “hoje de manhã” (PINGAUD, Bernard, 1992, p. 83, tradução nossa).

sóbria de um humilde funcionário que deixa de argumentar que matou em legítima defesa para levantar o bizarro argumento de que matou devido ao brilho excessivo do sol.

Ao longo deste trabalho, propusemo-nos a analisar os aspectos do absurdo na obra *L'étranger* por meio do modo de vida do personagem Meursault, assim como as relações indiferentes que ele mantém com as pessoas que o cercam. Nossa proposta também esteve voltada à análise da linguagem simples utilizada por Camus para compor a obra - frases curtas e vocabulário claro. Verificamos que essa forma objetiva de escrever afirma o absurdo da vida humana e transmite ao leitor o sentimento de incoerência em que Meursault se locomove.

Iniciamos este livro com alguns questionamentos, que, por sua importância, valem a redundância: por que a obra *L'étranger* causa tanta estranheza ao leitor? Como explicar o estado de inércia que Meursault vive? O que justifica o crime que o personagem comete na praia? Para responder a essas perguntas, analisamos, além de revisões bibliográficas de críticos brasileiros e franceses, as obras de Camus, fontes de fundamentação às próprias ideias do escritor. Constatamos, por exemplo, que Camus elucidou em *L'étranger* – por intermédio do personagem Meursault – os conceitos do absurdo de que ele se utilizou para compor a obra *Le Mythe de Sisyphe*. Da mesma forma, as ideias do

escritor sobre a revolta fazem-se presentes na obra mais polêmica de Camus – *L'homme révolté* – e ilustram *La Peste* e *Caligula*.

Concentramo-nos, em um primeiro momento, em investigar as relações da vida do autor com sua literatura e verificamos que o sol que brilha por toda obra de Camus é apenas um reflexo das experiências que ele viveu enquanto criança. O excesso de bens naturais da Argélia - sua terra natal - fez da infância pobre de Camus uma maneira de não se resignar com a vida que levava, mas sim contemplar o que é bom. Ainda, os conflitos sociais e políticos a que assistiu estão de certa forma representados em suas obras. Dessa forma, vida e obra são indissociáveis em se tratando de Albert Camus. O mundo, que ao mesmo tempo é ausente de sentido, torna-se belo por causa da natureza. Esse sim incondicional à natureza dá ao pessimismo de Camus uma tendência positiva e trágica. Positiva, pois ensina o homem a amar, contemplar a natureza e ser fiel a si mesmo. Trágica, pois é um sim incondicional à vida, sem resignação e recusando o suicídio. Pessimista quanto à condição humana, Camus é otimista quanto ao homem. Meursault exemplifica muito bem o pessimismo trágico porque é honesto até o fim e aceita seu destino com um heroísmo silencioso. Ao mesmo tempo, ama a vida e os recursos naturais que ela oferece.

Para entender a forma indiferente de agir do personagem Meursault, analisamos o conceito do absurdo proposto por Camus na obra *Le Mythe de Sisyphe* e extraímos dela os principais aspectos de que Camus se utilizou para moldar o protagonista de *L'étranger*. Constatamos que, para viver as dimensões do absurdo, é necessário que o homem imbuído desse sentimento não se evada para a esperan-

ça, seja ela divina ou terrestre, e ainda recuse o suicídio que finda com a vida humana e conseqüentemente com o absurdo. Meursault é exatamente a representação desse conjunto de fatores: vive um estado de inércia aparente onde tudo parece não ter sentido e mesmo assim recusa o suicídio. Ele não reclama da vida, é honesto e feliz com a natureza. Também não se evade para o divino nem mesmo quando está à beira da morte. Ao contrário, o personagem supera o medo da morte, aceita seu destino e é lúcido até o final.

Constatamos que, mesmo para um leitor habitual, apenas uma primeira leitura não é suficiente para se extrair qualquer conclusão de *L'étranger*. Meursault é um convite de Camus à análise e estudo do absurdo. Como explicar um personagem que mata e justifica seu ato por causa do sol? Como entender um homem que se comporta em seu julgamento como se seu futuro não estivesse sendo decidido ali? É preciso, pois, entender a honestidade que Camus atribui a Meursault. Sua recusa à mentira contribuiu grandemente para sua sentença de morte. Por meio da ficção, a relação absurda entre os homens e os mecanismos sociais foi expressa nas obras do escritor. Os personagens das obras de Camus vivem experiências que servem para ilustrar a incoerência da vida humana, assim como para tirar conclusões que têm valores universais.

Em *L'étranger*, juntamente com a revolta, a incoerência da vida humana conduz a obra de Camus. Meursault não ilustra o jogo de mentiras muitas vezes imposto pela sociedade e aceita morrer pela verdade. As respostas e os atos honestos do personagem são os verdadeiros motivos pelos quais ele foi julgado e condenado à morte. O personagem é então considerado um estrangeiro ao que é conveniente à

sociedade, mas não aos recursos naturais do mundo. Por intermédio dos seus sentidos, Meursault consegue desfrutar da natureza e ser feliz com ela. A sensibilidade do personagem só é exaltada basicamente quando ele se une à natureza e vive em harmonia com ela.

No decorrer desta pesquisa, fizemos uma importante constatação: a revolta, assim como o absurdo, apesar de parecerem negativos à primeira vista, têm um caráter profundamente positivo. O homem que vive essa condição primeiramente precisa ter como característica a lucidez para enfrentar o mundo incoerente em que vive e aceitar sua condição de mortal. Depois, recusa qualquer tipo de mentira à sua volta. Revoltado, diz não ao que é injusto. Ao mesmo tempo seu não se converte em um sim a tudo aquilo em que ele acredita. Sua aspiração final é sempre a de um mundo mais justo e coerente.

Reiteramos que a literatura de Camus vem sempre acompanhada de uma lição final. Em *L'étranger*, por exemplo, fica a recusa de Meursault em cooperar com mentiras para um mundo mais injusto. Ainda, a lucidez do personagem é de certa forma uma representação de heroísmo, pois, mesmo depois de constatar que o mundo é desordenado e o homem está abandonado pelo divino, o personagem o enfrenta de forma consciente. É importante destacar que, de modo geral, os estudiosos das obras de Camus concordam em afirmar dois aspectos principais presentes em *L'étranger* que são prováveis influências do filósofo alemão Nietzsche: a ausência de sentido do mundo e o sim incondicional à vida.

Ousamos afirmar que Camus foi um dos mais brilhantes escritores do seu tempo, capaz de fundir com brilhantis-

mo suas preocupações filosóficas e seu talento literário de uma maneira séria, a fim de levar até os seus leitores os problemas que se colocam frente ao homem. O conflito entre franceses cristãos, muçulmanos e as outras etnias da Argélia, pode-se dizer, faz parte da narrativa da obra, mas ela se volta para a própria natureza humana para enfocá-la e questionar o envolvimento emocional com o outro.

A voz de Camus está presente e sempre falará por ele nas obras que nos deixou. *L'étranger* reflete a luz do sol e a beleza da natureza. É preciso, pois, entender que, ao mesmo tempo, o personagem que causa estranheza por seu comportamento indiferente encontra contentamento com o mundo que o cerca. Parafrasearemos as palavras de Camus presentes no prefácio de *L'envers et l'endroit* (1937, p. 5), uma vez que o pesquisador, por estudar tanto a obra de quem o fascinou, ora se confunde com ele: há muito amor verdadeiro em todas as páginas desta obra. Da mesma forma que Camus considera o absurdo como um ponto de partida, e não como um ponto final, deixamos claro próximo ao nosso ponto final que a pesquisa de *L'étranger* é apenas o ponto de partida para as outras pesquisas que virão.

ALVES, Marcelo. **Entre o sim e não a Nietzsche**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2001.

ARONSON, Ronald. **Camus e Sartre**: O polêmico fim de uma amizade. Tradução de Caio Liudvik. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

BARRETO, Vicente. **Camus**: Vida e Obra. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

BARTHES, Roland. **Le Degré zéro de l'écriture**: nouveaux essais critiques. Paris: Seuil, 1972.

BRISVILLE, Jean-Claude. **Camus**. Paris: Gallimard, 1969.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos?** Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

CAMUS, Albert. **L'envers et l'endroit**. Paris: Gallimard, 1937.

_____. **Noces**. Paris: Gallimard, 1939.

_____. **Le Mythe de Sisyphe**. Paris: Gallimard, 1942a.

- _____. **L'étranger.** Paris: Gallimard, 1942b.
- _____. **L'homme révolté.** Paris: Gallimard, 1951.
- _____. **L'été.** Paris: Gallimard, 1954.
- _____. **Caligula.** Paris: Gallimard, 1958.
- _____. **Essais.** Paris: Gallimard, Bibl. de la Pléiade, 1965.
- _____. **Núpcias.** Tradução de Vera Queiroz da Costa e Silva. São Paulo: Nova Fronteira 1950.
- _____. **Caligula.** Tradução de Raul de Carvalho. Lisboa: Livros do Brasil, [196-].
- _____. **O verão.** Tradução de Vera Queiroz da Costa e Silva. São Paulo: Nova Fronteira 1979.
- _____. **A inteligência e o cadafalso e outros ensaios.** Tradução de Manuel da Costa Pinto e Cristina Murachco. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- _____. **A Peste.** Tradução de Valerie Rumjanek. 15. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- _____. **O Homem Revoltado.** Tradução de Valerie Rumjanek. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005a.
- _____. **O Estrangeiro.** Tradução de Valerie Rumjanek. 26. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005b.
- _____. **A morte feliz.** Tradução de Valerie Rumjanek. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005c.

_____. **O primeiro homem.** Tradução de Teresa Bulhões Carvalho da Fonseca e Maria Luiza Newlands Silveira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005d.

_____. **A Queda.** Tradução de Valerie Rumjanek. 14. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

_____. **O Avesso e o Direito.** Tradução de Valerie Rumjanek. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

_____. **O mito de Sísifo.** Tradução de Ari Roitman e Paulina Watch. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

FITCH, Brian T. **L'étranger d'Albert Camus:** un texte, ses lectures, leurs lectures. Paris: Larousse, 1972.

GRENIER, Roger. **Albert Camus:** soleil et ombre. Paris: Gallimard, 1987.

LEITE, Roberto de Paula. **Abert Camus:** Notas e estudo crítico. São Paulo: Edaglit, 1963.

MAUROIS, André. **De Proust a Camus.** Tradução de Fernando Py. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1965.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra.** Tradução de Alex Marins. 4. ed. São Paulo: Martin Claret, 2000.

PECORARO, Rossano. **Nilismo.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

PINGAUD, Bernard. **L'étranger d'Albert Camus.** Paris: Gallimard, 1992.

PINTO, Manuel da Costa. **Albert Camus**: um elogio do ensaio. São Paulo: Ateliê Editorial, 1998.

REY, Pierre-Louis. **L'Étranger**: Albert Camus. Paris: Hatier, 1981.

RIBEIRO, Hélder. **Do absurdo à solidariedade**: a visão do mundo de Albert Camus. Lisboa: Estampa, 1996.

SIMON, Pierre-Henri et al. **Albert Camus**. Milan: Hachette et société d'études et de publications économiques, 1969.

TODD, Olivier. **Albert Camus**: uma vida. Tradução de Mônica Stahel. Rio de Janeiro: Record, 1998.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. Biblioteca Central. **Normalização de referências**: NBR 6023:2002. Vitória: A Biblioteca, 2006.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. Biblioteca Central. **Normalização e apresentação de trabalhos científicos e acadêmicos**. Vitória: A Biblioteca, 2006.

Este impresso foi composto utilizando-se as famílias tipográficas Helvetica e Bookman Old Style. Sua capa foi impressa em papel supremo 300g/m² e seu miolo em papel Pólen Soft areia 80g/m² medindo 14,5 x 21 cm, com uma tiragem de 300 exemplares.

É permitida a reprodução parcial desta obra, desde que citada a fonte e que não seja para qualquer fim comercial.



